



UM AMOR INESPERADO

TRILOGIA AMORES IMPERFEITOS VOL. 1

PREQUEL DA SÉRIE BELLE ÉPOQUE

DIANE BERGHER



UM AMOR INESPERADO

TRILOGIA AMORES IMPERFEITOS VOL. 1

PREQUEL DA SÉRIE BELLE ÉPOQUE

DIANE BERGHER

Copyright © 2019 Diane Bergher

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Camille Chiquetti

Preparação de texto: Julia Lollo

Capa e projeto gráfico: Layce Design

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil.



[Sinopse](#)

[Prefácio](#)

[Nota da Autora](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[Agradecimentos](#)

[Vem por aí...](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)



Violeta nunca esperou muito de sua vida, talvez um casamento com um bom homem que lhe desse filhos e uma família feliz. Filha de um excêntrico fidalgo português, cresceu no Brasil na companhia de suas três irmãs mais velhas e do caçula, o único varão a quem sempre amou como filho. Imbuída das ideias abolicionistas do pai, acredita que a causa dos negros é o futuro da nação, o que a faz se envolver em projetos audaciosos para uma jovem dama de berço.

Fernão Benício é a esperança dos novos ventos que sopram cada vez mais desraizados entre os jovens brasileiros. Idealista, de mente ágil e empreendedor por vocação, fez a fortuna da família crescer ao se lançar no mercado de valores. Tido por muitos como revolucionário, milita em favor da liberdade e da igualdade. Um descrente no amor, não pretende se casar logo, inventando

inúmeras desculpas para evitar o matrimônio.

Violeta e Fernão Benício irão provar que o amor pode nascer do inesperado.

Um Amor Inesperado narra a trajetória de Violeta e Fernão Benício, os patriarcas da Família Gusmão de Albuquerque, cujos descendentes tiveram suas histórias contadas por meio dos livros da *Série Belle Époque*.

Às almas que sempre acreditam no amor, mesmo quando tudo parece conspirar
contra.



Querido leitor,

Meu primeiro contato com a escrita de Diane Bergher foi por meio de *Um amor para Penélope*. E logo de cara uma personagem me chamou atenção: a *dona* Violeta. Ela se tornou uma das minhas favoritas imediatamente, e roubou várias cenas do casal principal. E, é claro, fiquei curiosa a seu respeito.

Violeta é a matriarca dos Gusmão de Albuquerque, e junto ao esposo, Fernão, se tornou o elo principal para toda a deliciosa *Série Belle Époque*. Mas, além disso, quem é de fato Violeta?

A autora inicia sua coleção mostrando a mãe do protagonista como uma senhora já viúva. Como poderia ter sido sua vida ao lado do patriarca dos

Gusmão de Albuquerque? Como haviam se conhecido? Eram muito apaixonados? Em seu tempo, com as dificuldades sociais ainda mais complexas do que hoje, teriam precisado lutar muito por seu enlace?

E seu final feliz, como foi?

Alguém poderá questionar minha expressão *final feliz*, pois Fernão não está mais presente para Violeta no decorrer dos enredos da Série *Belle Époque*. Então, defenderei que o amor pode brilhar mesmo em outros planos.

E sim, por isso insisto no termo *final feliz*, apesar de tudo. Porque nem sempre o final feliz de um casal está atrelado a um *fim*. Na verdade, o final feliz de um casal está ligado a um novo início. Desde que o casal original de *Belle Époque* pôde se unir para formar a grande família que desfila aos nossos olhos por meio da escrita primorosa de Diane Bergher, isto, para mim, é final feliz.

O leitor sabe disso.

E por mais que uma fatalidade tenha separado Fernão de Violeta, conforme nos é mostrado em *Um Amor para Penélope*, o milagre das palavras pode sanar este problema, colocando-os vivos para sempre, flutuando diante de nós como um casal eternamente feliz: Violeta e Fernão.

Deparar-me com o homem que fez minha querida Violeta uma mulher plena e mãe amorosa deixou-me muito feliz e emocionada por ter a honra de prefaciá-la sua história.

Por isso, desafio você a descobrir o quão inesperado o amor foi para esta dupla determinada a não se envolver, mas que falhou miseravelmente em seu intento. Encante-se também por eles, mas no final não se entristeça porque acabou. Afinal, eles foram apenas o começo de tudo.

Silvana Barbosa,

autora da série *Libertinos, Cavaleiros*
das Terras Altas e Sonhando com Romances.



Quando dei início à *Série Belle Époque*, mal sabia que estava por criar um universo no qual personagens ganhariam vida própria e exigiriam contar suas histórias. Alguns desses personagens já apareceram nos romances da saga maduros e com uma história de vida que despertava curiosidade no leitor.

Depois de muitos pedidos e com o coração cheio de empolgação, decidi contar as histórias de amor de Violeta e Fernão Benício, Magalhães Pai e Manoela, Laura e Cumberland, por meio de três romances apaixonantes, cujos enredos me transportaram para um mundo no qual o amor foi a tônica a embalar cada cena, cada sorriso e cada lágrima de seus personagens.

E foi assim, querido leitor, que a *Trilogia Amores Imperfeitos* nasceu, do seu desejo de saber mais e de acompanhar como tudo começou. Sim, porque

somente casais apaixonados e excêntricos poderiam ter dado origem aos personagens da *Série Belle Époque*.

Entretanto, voltar mais de trinta anos no tempo foi um desafio para mim em diversos aspectos, em especial por adentrar nos melindres da história brasileira, em um período no qual a escravidão ainda se fazia presente.

Não poderia fechar os olhos para isso, também não poderia inventar um Brasil que não existiu, pois a escravidão infelizmente fez parte de nossa história e temos que manter essa memória viva para jamais voltar a cometer atrocidades do tipo; e nos lembrar o quanto o ser humano pode se tornar cego e marginalizar seu semelhante.

Por outro lado, existiram aqueles que lutaram contra a escravidão e empenharam forças para que nossos irmãos viessem a ser libertados dos grilhões; assim, meus personagens mereciam fazer parte deste time.

E foi dessa maneira que nasceram três casais, envoltos com as ideias da abolição da escravatura e a proclamação da República, envolvidos até o pescoço com uma causa que os fazia acreditar em um grande e promissor futuro para a Nação, sem esquecer do charme dos bailes e saraus; e de um Brasil Imperial que continuava a importar a moda do velho continente.

Amores Imperfeitos é, antes de tudo, um recorte fantasioso de nossa história, cujo pano de fundo é o Brasil do segundo Império, em que detalhes reais, assim como locais, se misturam ao cotidiano de personagens fictícios.

Embarque comigo nessa viagem e venha conhecer como tudo começou, pois antes de serem pais, eles foram jovens impetuosos e com muita vontade de amar.

Com carinho,
Diane Bergher.



Rio de Janeiro, 1873

Atravesso a sala principal rumo à ala dos criados, em passos largos, mas comedidos para não estragar meu novo penteado, em busca de Laura, nossa dama de companhia recentemente contratada por papai. Preciso lhe contar sobre a experiência de ser atendida por uma das disputadas cabeleireiras do famoso Salão do Senhor Charles Guignard.

Não é comum entre as damas procurar os serviços de um cabeleireiro, mas os ventos da modernidade pairam sobre a Capital do Império e todas queremos estar na moda. Papai nunca nos deixou visitar o famoso salão em busca de embelezamento e sempre foi Laura quem cuidou de nossos penteados desde que debutamos.

Estávamos satisfeitas com suas mãos engenhosas para os penteados, porém, nossa dama de companhia havia sido acometida por um resfriado e não podíamos comparecer ao Sarau da Marquesa de Caravelas com os cabelos desgrenhados.

— Laura, minha querida! – Olho-a deitada no leito e arrependo-me de tê-la tirado do descanso. — O que achou do meu penteado?

— Belíssimo! – Ela responde com voz irreconhecível em razão do mal que lhe acometeu, pobre de minha amiga. — E Rosa também teve seus cabelos penteados por uma das cabeleireiras de Guignard?

— Oh sim! – Puxo uma cadeira a fim de acomodar-me ao lado de sua cama. — No entanto, Rosa não gostou do seu penteado e meteu-se nos aposentos a chorar como uma menina birrenta assim que chegamos. Sabe como é minha irmã, a indecisão em forma de mulher! – Reviro os olhos ao lembrar os fatos. — A cabeleireira lhe escolheu um penteado com tranças, muito intricado, mas assim que Rosa mirou o espelho e a donzela que estava ao seu lado lhe exibiu cachos muito bem formados, que cascadeavam como cetim em suas costas, meteu-se a chorar.

— Pobre Senhorita Rosa! Devo me levantar e tentar consertar o estrago. — Laura me olha já ensaiando sua saída da cama, o que não lhe é aconselhável, podendo vir a sucumbir à fraqueza da febre. — Sabe o quanto sua irmã é sentimental e o quanto teme fazer desfeita ao noivo.

Minha irmã está noiva de um Capitão da Marinha e o ama cegamente ou acredita amá-lo. Temendo que lhe deixasse por outra, passava mais tempo a confabular teorias do que a conquistá-lo ou se assegurar de que o amava de verdade.

Éramos quatro irmãs, todas com nomes de flores: Hortência, Margarida, Rosa e eu. A excentricidade da escolha de nossos nomes nos fizeram ser conhecidas como as flores do jardim dos Carvalho de Almada. E apenas um varão, a quem papai batizou-lhe de Jacinto para assim completar seu precioso horto.

Meu pai era um botânico com formação em Oxford, além de um filósofo condecorado pela Universidade de Coimbra. Um intelectual de alta estirpe, sem qualquer questionamento. Havia recebido o título de Visconde de Cerveira por um infeliz acaso do destino, já que seu irmão mais velho havia falecido sem deixar herdeiros. Um título que ostentava a mais alta fidalguia de berço. Todavia,

não havia recebido o devido preparo, e por ter passado a maior parte da juventude entre as ideias vanguardistas dos ingleses havia retornado a Portugal esbanjando excentricidade quando comparado aos seus conterrâneos.

Só por isso éramos considerados diferentes. Abolicionista, papai não contava com a força da mão de obra escrava para manter a riqueza da família e orgulhava-se por ser um dos primeiros aristocratas a contratar assalariados. Em busca de conhecimento, aceitou o eminente convite de Dom Pedro II para catalogar as principais e mais raras espécies da flora brasileira. Não passávamos de quatro garotinhas assustadas quando embarcamos em um navio rumo à antiga e mais próspera colônia de Portugal. Era para ter sido apenas uma temporada, mas nosso pai se afeiçãoou ao clima tropical e fincou raízes no Brasil. Foi no Rio de Janeiro que nasceu Jacinto e também foi enterrada nossa mãe, falecida ao dar à luz ao herdeiro dos Carvalho de Almada.

— Nem ouse se mover da cama, Laura! — Ralho-lhe antes que seu estado de saúde piorasse. — Tratarei de consertar o penteado de Rosa. — Uma tarefa muito difícil considerando que o sentimentalismo exacerbado de minha irmã a fizeram desmanchar seu penteado sem hesitar. — Pedirei para que papai lhe envie até o Senhor Guignard, para que tome aulas com ele. Já é muito talentosa e com o ensinamento das técnicas do cabeleireiro, teremos os mais preciosos penteados. — Papai não negaria meu pedido, pois acreditava fervorosamente no aperfeiçoamento como a força a impulsionar o progresso do mundo.

— Será uma oportunidade única! — Laura fala segurando um lenço contra seu nariz. Devia lhe deixar repousar. As falações não lhe seriam benéficas.

— Pois repouse, minha querida! Tomarei conta de tudo até que se sinta mais disposta. — Toco-lhe na testa a fim de atestar que não está com febre. E não está, graças ao bom Deus. — Repouse e amanhã estará nova em folha. Um resfriado se cura com repouso.

Despedi-me de Laura e parti rumo ao aposento das crianças, onde meu pequeno irmão tomava suas lições de aritmética com seu tutor. Jacinto era educado para um dia herdar o título de Visconde de Cerveira. Papai acreditava que a nobreza portuguesa precisava se render à modernidade antes que desaparecesse com o sucesso das ideias republicanas. Meu pai era um visionário, um daqueles homens que enxergavam além de suas fronteiras e me sentia agraciada por ser sua filha.

Sem querer interrompê-lo, apenas acenei rapidamente, jogando-lhe um beijo no ar. Sem uma mãe para lhe amar como era esperado, tornei-me

importante em sua vida. Nossas irmãs mais velhas, mais capacitadas para cuidar de um menino, haviam se casado e viviam com seus maridos em Portugal. Rosa, apesar de se esforçar, vivia afundada em seus problemas existenciais; e desconfiávamos de que era tomada de uma tristeza doentia.

Pobre de minha irmã, tão jovem e sempre tão triste. Eu depositava minhas esperanças de que o casamento lhe desse ânimo para viver. Um bom marido poderia lhe fazer feliz, devolver-lhe as razões para celebrar a vida.

— Vamos, minha irmã! – Adentro em seus aposentos sem o cuidado de bater na porta. — Não pode chorar pela eternidade por um penteado mal feito.

— Bem sabe que não foi o penteado o motivo para me fazer chorar. – Ela funga. — A dama loira de traços delicados...

— A dos cachos que cascadeavam brilhantes como fitas de cetim? – Inquiro-lhe já temendo o que poderá me dizer. Com certeza havia sido tomada por uma crise de ciúmes, e que Deus tivesse piedade de mim e me livrasse dos malditos ciúmes.

— Sim! Se não percebeu, mas a dama em questão se tratava da Senhorita Marta Pimentel, a serigaita que não perde a oportunidade de flertar com Astolfo. – Pobre de minha irmã! Não sei o que lhe era pior, ser uma ciumenta ou estar noiva de um cavalheiro chamado Astolfo.

— Por misericórdia divina, tem que ser menos ciumenta! De que adiantou arruinar com teu penteado? Pois te digo que nada! Está aqui toda descabelada quando a Senhorita Marta desfila pelas ruas da Corte em busca de teu noivo.

— Oh... Como pude ser tão ridícula? – Devo agradecer por ter se dado conta da situação ridícula que se colocou. Uma mulher tem que saber se valorizar antes de tudo, pensar com a cabeça e considerar os fatos antes de tomar uma decisão precipitada. — Ajude-me, por favor! – Implora.

— Darei o meu melhor! – Estendo-lhe a mão para puxá-la para fora da cama, pois tínhamos muito trabalho e poucas horas antes do sarau. — É sabido que não pode me abandonar na última hora. – Papai não me deixaria comparecer ao sarau sem a companhia de minha irmã e seu noivo, nem ela poderia sair de casa sem minha companhia. Estávamos atreladas e uma dependia da generosidade da outra, um dos motivos pelos quais acabávamos nos suportando.

— Por Deus, Violeta, quando criará juízo e deixará a questão abolicionista para os homens? – Minha irmã sabe das razões que me fazem querer comparecer

ao Sarau da Marquesa de Caravelas, além do fato de que poderei desfilar um dos meus lindos vestidos de festa. Lá estarão políticos importantes, dentre eles os escravocratas. — Não pode acreditar que uma dama possa sozinha fazer algo contra todo um sistema arcaico! — Até minha irmã acredita que o Brasil deva se render e abolir a escravidão.

— Claro que posso, oras! Se me tirarem os sonhos o que me restará? Sonho com um mundo mais justo e apesar de viver como uma abastada, posso e quero deixar minha contribuição ao mundo.

— Fala como nosso pai! — Rosa revira os olhos, a abusada.

— Temos que deixar a retórica de vez ou outra e partirmos à luta. — Esclareço para minha irmã.

— Posso saber quais serão as tuas armas, cara irmã? — Puxo-lhe os cabelos para trás, tentando lembrar como era feito seu penteado favorito.

Mulheres como Rosa não deviam querer ousar ou tudo sairia de seu controle, o mundo desabaria em suas costas, atrasando minha vida.

— Com meu charme e um diálogo atraente. — Sempre me foi cansativo tentar lhe explicar que nós mulheres não precisávamos pegar em armas ou mesmo abrir as senzalas como os mais radicais faziam para contribuirmos para um mundo melhor, bastava-nos ter ouvidos e olhos bem abertos. — As informações que consigo na Corte têm ajudado muito a causa abolicionista, Rosa.

— Mas é arriscado, Violeta! Se a surpreenderem junto a um dos cavalheiros com que se encontra para contar-lhes o que descobriu nos salões haverá de ficar mal falada. Não teme que papai a obrigue a se casar com um deles?

— Desde que seja um cavalheiro bem-apessoado, não será o fim do mundo! — Acabo sorrindo com a lembrança dos cavalheiros que me são enviados, tão belos e atraentes. — Rosa, minha querida, os abolicionistas, os mais jovens é claro, são belíssimos. Outro dia, conheci Danilo Magalhães. Além de ser galante, é gentil e educado.

— Como pode ser tão espevitada? — Minha irmã me fita com olhos preocupados.

— Não sou espevitada e comportei-me muito bem na presença de todos com quem me encontrei, mas não sou cega. — Não posso me fazer de rogada e negar que alguns deles são muito viris.

— Bem sabe que papai não aceitará um republicano como genro! – O que me parece um desperdício de cavalheiros com potencial a se tornar um bom marido. Ao menos meus olhos agradecerão visão tão bela se vier a desposar um deles.

Papai prezava pela evolução do mundo, a abolição da escravatura e até compactuava com os conceitos liberais, mas por ter nascido um fidalgo, não aceitava as ideias republicanas da maioria dos integrantes do Partido Liberal. Corriam boatos de que haveria uma ruptura dentro do partido e que meu pai liderava a frente mais moderada, que não defendia posições republicanas.

Uma lástima sem precedentes, pois na ala mais radical do partido era onde poderíamos encontrar os mais bem-apessoados cavalheiros para pretendentes.

A uma dama não deveria ser proibido os sonhos e eu sonhava casar-me com um bom homem antes de tudo. Agradeceria a benção, sem pestanejar; porém, se o cavalheiro em questão viesse a ser dotado da beleza, uma satisfação me tomaria e não me sentiria nada rogada em aproveitar-me de seus encantos.



— Como sempre a mais elegante da noite! – Faço uma reverência para agradecer o elogio da Marquesa de Caravelas, uma dama estupenda, cuja fama de boa anfitriã já havia atravessado o Atlântico.

— São apenas seus olhos, marquesa! – Uso meu leque para aparentar charme. Eu aprecio estar em sociedade, conversar com diversos pares do Império e poder dançar infinitas vezes com os cavalheiros que anseiam por sua chance de tentar me cativar.

E eu anseio por ser conquistada e, bem assim, casar-me e ter minha própria família, promover meus próprios saraus e bailes, todos esplendorosos e dignos da Corte. Papai não nos dá muitas oportunidades para os bailes em nossa casa, a viuvez havia lhe tirado um pouco o gosto pela diversão.

Despedi-me da marquesa e fui ao encontro de Danilo Magalhães, o cavalheiro que me orientaria acerca do que precisarei espionar junto aos escravocratas. Havia lhe reservado a primeira dança de meu cartão. Era comum nos Saraus da Marquesa, após a declamação de poesias de autores de quem era uma fervorosa apreciadora, os casais se reunirem para um pequeno baile, mais uma oportunidade para os jovens flertarem e avançarem em suas conquistas e, bem assim, garantir um bom casamento.

Meu cartão de baile sempre fora o mais disputado de todos os salões cariocas. Rosa não entendia meu sucesso, por não me julgar bela o suficiente para tanto alarde. Podia não ser a mais bela, mas meu espírito festivo e, claro, meu bom gosto para a moda me faziam interessante.

Sempre acreditei piamente que não existia mulher feia no mundo, tão-somente algumas não nasceram com vocação para o embelezamento. Um bom corte de vestido, assim como um penteado esplendoroso, poderia fazer milagre e seria capaz de transformar o patinho feio no mais belo cisne do salão.

É sabido que nós, as Carvalho de Almada, não somos as mais belas, talvez nos catalogassem entre as de beleza mediana: nem tão belas, mas nem tão feias. Não podia me conformar com fato tão desmotivador e assim aprendi tudo o que eu pude sobre moda e boa aparência, devorando revistas francesas enviadas por minhas parentas de Lisboa. As francesas eram as melhores no quesito estar bonitas e nos fazer as mais encantadoras.

— Senhorita Violeta! – Francisco, o filho mais velho da anfitriã da noite, intercepta-me justo no momento em que devia estar no encalço do jovem advogado. — Dar-me-ia a honra da primeira valsa? – Educadamente e de forma impecável executa uma reverência, como um verdadeiro lorde. É um moço de beleza também mediana, mas seus gestos refinados e intelecto brilhante o fazem um dos melhores partidos do Rio de Janeiro, quiçá do Brasil. Sei que nutre afeto por minha pessoa, dar-lhe-ia uma oportunidade se não tivesse que retornar à Bahia assim que se casasse, sem falar que comentam nas altas rodas da Corte que os Soveral são escravocratas. Com o casamento cada vez mais próximo de Rosa, meu pai apenas poderá contar com meu auxílio na educação de Jacinto, por essa razão, obriguei-me a riscá-lo de minha lista de bons partidos.

— Perdoe-me, Senhor! – Coro, não por estar envergonhada, mas porque toda dama educada e gentil assim age, como um gesto de recato e de que o cavalheiro lhe cativa. — Reservei a primeira valsa a outro cavalheiro, mas com certeza haverá um lugar cativo ao senhor em meu cartão de baile. – Abro o leque

para espantar o calor abafadiço e sorriu discretamente.

— Aguardarei ansiosamente por minha vez! – Como pode ser tão encantador?! Com certeza seria esplêndido me converter em sua senhora e ainda mais na futura Marquesa de Caravelas.

Parti em busca do advogado que havia tomado chá de sumiço. Sempre foi pontual com suas obrigações. Desde que eu havia enredado para o caminho da alta espionagem, os abolicionistas do Partido Liberal têm sido impecáveis na organização. A primeira dança sempre era reservada a um deles, assim poderíamos trocar informações com discrição. Um mensageiro sempre me era enviado com um bilhete com um ou dois dias de antecedência, e nele constava o nome do cavalheiro a me pajejar na primeira dança. Desta vez deveria ter sido Danilo Magalhães, muito galante e educado, que apesar de não ser da nobreza, vinha de uma família distinta; diziam que um dos seus antepassados foi homem de confiança de Pedro Alvares Cabral.

Os músicos tomavam assento para, em seguida, afinar os instrumentos. Poucos minutos faltavam para o início do baile e eu sem par. Os cavalheiros mais afoitos me rondavam como abelhas. Devia-lhes dar uma oportunidade de me salvarem de situação tão vexatória, e assim evitar o pior constrangimento de minha vida. Violeta Carvalho de Almada jamais ficou sem par antes.

Maldita hora em que não dei ouvidos à Rosa. Era sabido que reclamava mais do que uma velhinha com dor de dente, mas avisou-me que me envolver com liberais da ala radical não iria ser uma boa coisa.

E não foi, pois corria o risco de protagonizar o escândalo do ano, quiçá da década.

Não podia chorar, não podia chorar... Uma dama não chorava em situações do tipo, precisava manter a compostura e assim se fazer respeitar.

Mas quando olhei para o lado e vislumbrei o primeiro acorde a ser executado pelo quarteto de cordas, fui tomada de profundo pavor. O pior pesadelo de minha vida aconteceria se eu não inventasse alguma desculpa, mas o quê? Uma dor de barriga, considere, mas não seria nada charmoso ser lembrada como a dama que abandonou o baile por dor de barriga. Uma enxaqueca, sim, uma enxaqueca seria a desculpa perfeita para me tirar de tamanho apuro.

— Senhorita Violeta? – Olho para o lado à procura do dono da voz, na esperança de que o Senhor Danilo houvesse chegado para me resgatar. — Acredito que a primeira dança é minha! – Fito-o perdida com o atrevimento e

antes de exigir-lhe uma explicação, lembro da frase que todos me dizem antes da abertura do baile. O cavalheiro é um membro do Partido Liberal e militante da causa abolicionista sem qualquer dúvida de minha parte.

— Oh, sim! – Ofereço minha mão para que a beije e assim possa me aproximar de seu ouvido. — Senhor? – Não faço ideia de quem se tratar, nunca havia o visto na Corte. E a julgar por sua beleza exótica, decerto, lembrar-me-ia dele. É o tipo de cavalheiro que não poderia passar despercebido.

— Fernão Benício Gusmão de Albuquerque ao seu dispor. – Ele deposita os lábios em minha mão e ali se detém por tempo além do recomendado pelo decoro. Tento puxar a mão sem parecer rude, mas meu par parece não entender a inconveniência de seu exagero. Procuro lhe falar com os olhos e quando o miro, sinto um torvelinho incomum se formar dentro de mim, como se ele fosse capaz de desnudar-me ao apenas me encarar. — Algum problema? – Pergunta com pouco traquejo social, revelando que não é o mais entendido em etiqueta e elegância.

— O senhor não devia ter sido tão efusivo na demonstração de apreço por uma dama solteira. – Digo-lhe sentindo as bochechas quentes e dessa vez corei de verdade, não foi um mero fingimento a fim de parecer mais atraente aos olhos dos cavalheiros.

— Ah, não?! – Ele zombou de mim ou acabei louca pela apreensão de minutos antes?!

— É óbvio que não! Onde esteve que não sabe que um cavalheiro tem que ser gentil e educado antes de tudo?! – Fingir-me de desentendida sempre ajudava.

— Não costumo frequentar os salões da Corte, minha cara!

— Não sou sua cara! – Reviro os olhos, totalmente estarecida com o agente que enviaram para uma missão tão importante quanto espionar. — É nítido que passou longe dos salões da Corte. – Solto indignada enquanto ele deposita a mão em minhas costas para me conduzir para o meio do salão. Aquelas mãos acabam por ofuscar meus pensamentos de uma maneira estranha, diferente. — Um cavalheiro não pode tomar tantas liberdades com as damas solteiras, Senhor Gusmão de Albuquerque!

— Regras tolas, feitas por uma sociedade moralista e ultrapassada. – Ele solta bem próximo ao meu ouvido, conduzindo-me com grande maestria. O abusado dança divinamente bem, ousa dizer que um dos meus melhores pares

que tive.

— Entendo seu desejo pelo progresso! – Fito-o e acabo capturada pelos seus olhos esverdeados, um tom entre o castanho e o verde para ser mais exata. — Meu pai é um homem progressista, assim como o senhor, como deve saber, pois militam pela mesma causa, apesar de algumas diferenças existirem. Porém, o mínimo de decência tem que ser mantido para o bem da vida em sociedade.

— Tudo isso porque me demorei mais do que o decoro permite com os lábios colados em sua mão?

— Atrevido! – Solto indignada.

— Quem pode ter contado os segundos que me demorei beijando-lhe a mão, Senhorita Violeta? Todos se ocupam de outros assuntos, veja bem!

— Pois se fosse eu a espectadora, decerto, haveria de notar a inconveniência de seu comportamento. – Admito, porque posso ser várias coisas nada agradáveis como Rosa sempre faz questão de elencar, mas nunca fui uma falsa.

— Porque é uma fofoqueira. – Abro a boca espantada com a falta de tato de meu acompanhante, o que explicava os motivos pelos quais nunca haviam lhe enviado em um baile como espião.

— Como sou uma dama educada, fina e elegante, não darei ouvidos ao desaforo que acabou de me fazer. – Pontuo, encarando-lhe para que perceba que não sou mulher de me intimidar por meia dúzia de palavras rudes.

— Perdoe minha falta de modos! Não tenho sangue nobre, como pode perceber. – Ele sorri e alegro-me com seu sorriso, que lhe deixava ainda mais belo. É um homem bonito, de porte altivo e encorpado, ah sim, é viril, muito viril... Fecho os olhos a fim de afastar pensamentos tão indecorosos.

— É um burguês, justo do tipo que prefere o trabalho do que qualquer outra coisa! – Ele volta a sorrir, confirmando o que eu acabava de insinuar. — Qual seu ofício, Senhor Gusmão de Albuquerque?

— Sou um investidor do mercado de valores.

— Um banqueiro?

— Em resumo, é isso que sou! Desagrada-lhe saber que sou um banqueiro? – O infame se aproveita de um giro para me pressionar contra seu corpo. Tudo porque é um indecente, mas se eu lhe chamar a atenção acabará por me

considerar uma moralista e disso para ser chamada de mimada é um pulo.

— De minha parte nenhuma! Não é a atividade mais comum para um cavalheiro explorar, mas é digna também. Aprendi com meu pai que o trabalho enaltece o homem.

— Mesmo que ele viva de especulações com o dinheiro dos outros? – Que homem estranho é esse Gusmão de Albuquerque!

— Impressão minha ou senhor está tentando me assustar? – Pergunto-lhe de forma direta, porque dar voltas no próprio rabo me é deveras irritante.

Fernão não respondeu e, para ser sincera, assim preferi. Podia ser o homem mais belo que pisou na Corte, mas era estranho e mal-educado. Por mais que eu procurasse ser simpática, ele sempre me respondia procurando me repelir como se eu fosse a sarna e ele o cachorro.

Porém, ao perceber que a música em breve terminaria, julguei pertinente perguntar-lhe sobre minha missão da noite.

— O que devo fazer nesta noite? – Ele me puxa contra seu peito e acabo envolta em uma aura de fascinação pouco apropriada. Tento me concentrar em suas palavras, mas meu coração saltita no peito, fazendo-me perder a concentração. Fernão me intimida ao mesmo tempo que me deixa intrigada com sua postura de pouco caso com as convenções sociais e comigo, em especial.

— Entendeu, Senhorita Violeta? – Ele pergunta com os olhos grudados no meu decote, o abusado. Todos sempre acreditam que não sou capaz de perceber seus olhares depositados em meu colo, o que me faz sentir pena do quanto são tolos.

— Absolutamente tudo! – Respondo me sentindo exposta e acabo corada novamente, o que é tão estranho.

Havia entendido poucas palavras do que havia sussurrado em meu ouvido, mas o suficiente para compreender minha missão. Tudo culpa de sua colônia amadeirada. Nem todo cavalheiro era tão perfumado quanto Fernão.

Com uma reverência, despedi-me do banqueiro assim que a música terminou, tomando o cuidado de não lhe oferecer a mão para um beijo. Poderia me ser muito comprometedor, papai me deserdaria por acabar desonrada por um republicano, pois decerto ele seria um partidário da causa.

Fernão sorriu para mim e acabei mais uma vez atraída por seu riso fácil e deveras sarcástico, nem comento seus olhos que lembravam um gato selvagem,

tudo nele me deixava acalorada.

Eu esperava que um resquício de civilidade ainda pudesse ter lhe restado, mas infelizmente, ficou claro que não cumpriria com seu papel de cavalheiro educado e gentil. Acabou partindo, dando-me as costas e deixando-me sozinha no meio do salão, quando o mais indicado era ter me conduzido até um grupo de damas ou mesmo ter me convidado para beber um refresco.

Mas ele era um burguês e burgueses não eram exemplos da melhor *finesse*.

Infelizmente! Pois era tão belo que chegou a embaçar a vista.



Desde que me envolvi com a causa abolicionista, sempre deixei claro que bailes e saraus não podiam ser colocados a mim como missão. Por várias razões, dentre as quais o meu receio de ter que cruzar com fervorosas matronas casamenteiras, faziam-me correr de incumbências do tipo.

Não era um nobre como todas elas buscavam como genros, mas minha fortuna arduamente conquistada com o suor do meu trabalho lhes era um atrativo. Os novos ventos republicanos sopravam no Rio de Janeiro e a burguesia conquistava seu lugar na Corte. Madames da alta nobreza ofereciam suas filhas como mercadorias sem qualquer resquício de vergonha. Ofereciam a estirpe de seu berço em troca de dinheiro para salvaguardar a família da bancarrota.

Era-me abominável pensar em desposar qualquer uma das jovens damas por

mais que seu prestígio viesse a me abrir portas. Recusava-me a imaginar que meu dinheiro viesse a patrocinar uma vida de luxo enquanto eu dedicava dias e noites em claro para manter os cofres cheios para desocupados se refestelarem. Que fossem trabalhar e ganhar o pão de cada dia e não a viverem incrustados como carrapatos.

Levantei a cabeça e olhei o imponente palacete que se erguia majestoso como um gigante a esbanjar sofisticação. As pedras de mármore italiano e os azulejos portugueses evidenciavam o vínculo dos Soveral com os europeus. Era frustrante ainda ter que se deparar com a influência dos fidalgos portugueses décadas depois da declaração da independência. O Brasil ainda era governado pelos portugueses para o desgosto de seus nativos, homens como eu, que nasceram e cresceram inspirados pelo desejo do advento de uma verdadeira nação brasileira.

— Não te cairão as mãos por fazer um favor para seu melhor amigo! — Danilo havia me falado minutos antes de eu pisar na Mansão dos Soveral. Disse-me que estava envolvido com um novo caso, e sempre lhe interessou os casos mais difíceis. Sendo assim, de última hora me procurou, convencendo-me a assumir seu lugar na missão que lhe foi designada pelo Partido.

Fomos colegas na Faculdade de Direito e desde então temos sido mais do que amigos, mas leais companheiros de causa. Danilo, assim como eu, desejava o fim da escravidão e que o Brasil de fato viesse a ser colocado nos trilhos da modernidade.

Por outro lado, apesar dos ideais em comum, éramos diferentes em muitas coisas. Danilo, como membro de uma das mais tradicionais famílias do Rio de Janeiro, era respeitado e apreciava desfilar entre as damas da sociedade, enquanto eu fugia delas como o diabo da cruz.

Não que não desejasse um casamento e uma família, apenas não considerava os salões da Corte o melhor local para conseguir uma. Minha determinação em não desposar uma dama de família nobre acabou por me fazer ficar conhecido como o banqueiro em fuga entre nossos amigos.

Matthew, nosso amigo inglês e recém nomeado Duque de Cumberland, era o que mais gostava de brincar com meus brios, apreciando rir às minhas custas, tudo porque temia me ver amarrado a uma mulher que não compreenderia minhas origens humildes. Poderia ser um oportunista para diversas coisas, já que sem tal qualidade não teria chegado tão longe, mas para o casamento não pretendia agir movido pelo desejo de crescer na vida. Tão-somente queria uma

dama culta como esposa, que entendesse que o mundo havia mudado e que o Brasil viria a mudar também. Nada muito além disso era meu desejo em uma esposa.

Por insistência de Danilo, dei um jeito de cumprimentar a anfitriã da noite e parti em busca da *quimera*, forma que usávamos para nos referir às donzelas e damas que nos serviam ao propósito de obter informações. O mais comum era dispor dos préstimos de cortesãs, amantes de políticos importante ou pares de nobres do Império, mas tínhamos algumas damas de bom berço também, filhas e irmãs de integrantes de nosso partido, o Partido Liberal.

A quimera da noite era uma dessas donzelas de bom berço, cujo nascimento lhe era seu maior tesouro no mercado matrimonial. Não a conhecia, mas Danilo me adiantou se tratar da filha de um visconde português, cuja família estava radicada há longa data na Capital do Império.

— Senhorita Violeta? – Aproximo-me da jovem que julgo ser a nossa quimera por estar desacompanhada entre diversos casais à espera dos primeiros acordes do baile. É regra dentre os espiões da alta sociedade trocar informações durante a primeira dança, que sempre deveria ser reservada ao cavalheiro designado pelo partido para cumprir a missão. — Acredito que a primeira dança seja minha! – Ela me fita com olhos repletos de surpresa, para não dizer choque.

— Oh, sim! – Oferece sua mão para que a beije com respeito. Assim o faria se seu olhar penetrante não me fizesse querê-la do jeito mais inapropriado para a ocasião. — Senhor? – Ela solta um sussurro rouco, fazendo algo dentro de mim despertar. Não é uma mulher de beleza rara, mas passa longe dos adjetivos comuns. É excêntrica, sim, excêntrica e resplandecente. Seus cabelos parcialmente presos a fazem lembrar uma pintura clássica de Botticelli.

— Fernão Benício Gusmão de Albuquerque ao seu dispor. – Levo sua delicada e pequena mão enluvada aos meus lábios e ali me detenho, desconhecendo-me por completo. — Algum problema? – Pergunto quando a percebo se retrair e seu rosto trocar de cor, uma fada encantada.

— O senhor não devia ter sido tão efusivo na demonstração de apreço por uma dama solteira. – Suas bochechas tomam a cor de duas maçãs maduras e só consigo pensar em envolvê-la em meus braços, sem me importar com os olhos curiosos ao nosso redor.

— Ah, não?! – Provoco-a; ou tento provocá-la, mas Violeta parece não compreender minha insinuação ou finge não compreender. É jovem e inocente

demais para entender o flerte de um burguês. Homens de negócios são mais diretos no dia a dia, assim como nos assuntos do coração.

— É óbvio que não! Onde esteve que não sabe que um cavalheiro tem que ser gentil e educado antes de tudo?! – Bate os cílios de forma coquete e acabo sendo trazido de volta à realidade.

Ela não passava de mais uma mocinha mimada.

— Não costumo frequentar os salões da Corte, minha cara! – Deixá-la a par dos fatos se faz imprescindível.

— Não sou sua cara! – Volta a revirar os olhos e meus dedos coçam para lhe dar umas palmadas. — É nítido que passou longe dos salões da Corte. — Continua com seu discurso moralista e, antes que acabe lhe sendo indelicado ou mesmo grosseiro, espalmo minhas mãos em suas costas, conduzindo-a para o meio do salão. — Um cavalheiro não pode tomar tantas liberdades com as damas solteiras, Senhor Gusmão de Albuquerque! – Reprende-me e o furor me toma por vê-la sorrir pela primeira vez.

— Regras tolas, feitas por uma sociedade moralista e ultrapassada. — Aproximo-me dela para poder lhe falar ao pé do ouvido e também dar início à nossa dança.

Violeta deixava-se conduzir como uma pluma, era de uma leveza impressionante, jamais outra dama havia se encaixado tão bem a mim como par. E seu perfume de lírios parecia me intoxicar, o que deixava tudo ainda mais mágico.

Violeta era uma quimera no exato significado da palavra. Uma fantasia nascida de um momento de embriaguez. Tanto não era real que fui despertado do sonho assim que abriu a boca para me repreender.

— Entendo seu desejo pelo progresso! – Encara-me com fogo nos olhos e algo mais que não consigo decifrar. Essa mulher me é um mistério. — Meu pai é um homem progressista, assim como o senhor, como deve saber, pois militam pela mesma causa, apesar de algumas diferenças existirem. Porém, o mínimo de decência tem que ser mantido para o bem da vida em sociedade.

— Tudo isso porque me demorei mais do que o decoro permite com os lábios colados em sua mão? – Provocar-lhe me é atrativo como nunca foi. Dona de uma língua ferina, parece gostar de ser a última a falar.

— Atrevido! – Solta indignada e as bochechas, para o meu deleite, voltam a

trocar de cor.

— Quem pode ter contado os segundos que me demorei beijando-lhe a mão, Senhorita Violeta? – Pontuo apenas para irritá-la em seus brios de donzela casta. — Todos se ocupam de outros assuntos, veja bem! – Instigo-a a olhar para os lados.

— Pois se fosse eu a espectadora, decerto, haveria de notar a inconveniência de seu comportamento. – Solto uma gargalhada por ter admitido que tinha por hábito o cultivo da fofoca.

— Porque é uma fofoqueira. – Não resisti, apesar de saber que acabava de assinar meu atestado de homem das cavernas.

— Como sou uma dama educada, fina e elegante, não darei ouvidos ao desaforo que acabou de me fazer. – Ela ergue a cabeça a fim de me encarar, e devo admitir que me deixa admirado com a maneira elegante com que se porta, evitando me retrucar ou dar-me o troco na mesma moeda. Faz melhor, convenhamos, trata-me com o desdém que mereço.

— Perdoe minha falta de modos! Não tenho sangue nobre, como pode perceber. – Sorrio em respeito e ela retribui o gesto de forma sincera. Fica tão bela sorrindo que devo pedir-lhe para fazê-lo mais vezes.

— É um burguês, justo do tipo que prefere o trabalho do que qualquer outra coisa! – Apenas sorrio em resposta, pois fala uma grande verdade. Prezo o trabalho antes de qualquer coisa. Foi o trabalho que me fez enriquecer e ter sucesso na vida. O trabalho e o estudo para ser mais justo, e um pouco de sorte. — Qual seu ofício, Senhor Gusmão de Albuquerque?

— Sou um investidor do mercado de valores.

— Um banqueiro? – Surpreendo-me com a indagação.

— Em resumo, é isso que sou! Desagrada-lhe saber que sou um banqueiro? – Valsas são as melhores danças para se aproveitar do aconchego de uma dama e assim o faço quando aproveito um giro para trazê-la para perto do meu corpo, de modo a sentir seu tão agradável perfume de lírios.

— De minha parte nenhuma! Não é a atividade mais comum para um cavalheiro explorar, mas é digna também. Aprendi com meu pai que o trabalho enaltece o homem. – Ali estava um fato que fazia o Visconde de Cerveira ser respeitado nas questões políticas. Corriam boatos que era um homem de pensamento avançado.

— Mesmo que ele viva de especulações com o dinheiro dos outros? — Violeta me olha intrigada.

Queria assustá-la, mas eu desconfiava que apenas a deixei mais curiosa. Demonstrava ser o tipo de mulher que não recusava o convite de enfrentar um bom desafio e só por isso tinha minha admiração.

— Impressão minha ou senhor está tentando me assustar? — Impressiono-me com sua ousadia. Poucas damas de seu círculo tem a coragem de desafiar um burguês. — O que devo fazer nesta noite? — Sem pensar muitas nas consequências, puxo-a contra meu peito, tentando me manter com os pés no chão e não me converter em um tolo enamorado.

A melhor maneira de evitar o torvelinho de emoções que ameaçava despertar em meu interior era concentrar-me na mensagem que devia lhe entregar. Mas Violeta parecia perdida e acabou encostando a cabeça em meu peito como uma menina a reclamar carinho, e que Deus me ajudasse, mas eu queria acarinhá-la.

Falei algumas palavras sem pensar muito na mensagem a que fui incumbido de lhe entregar. Havia me transformado em um autômato, agindo independentemente da razão, tão-somente movido por uma espécie de desejo de trazê-la junto ao meu corpo, aos meus lábios, de modo a dar-lhe todo o prazer que meu corpo ansiava compartilhar.

Trocamos algumas poucas frases, todas elas carregadas de uma tensão que nenhum de nós foi capaz de compreender. Havíamos falado com os olhos, como se tivéssemos nos conhecido há longa data.

Depois de um sorriso acanhado, Violeta despediu-se com uma reverência. A música havia terminado e eu mal havia me dado conta disso. Sem jeito, ela pensou em oferecer sua mão, mas voltou atrás, provavelmente por lembrar que estava na companhia de um burguês e que eu não me sentiria intimidado de beijá-la por tempo considerado exagerado pelas damas que nos assistiam.

Não seria de bom tom comprometer a filha de um visconde, mas temia que poderia ter reconsiderado a opção caso a dança não tivesse terminado. E assim estaria fadado a casar-me com uma dama da enfadonha nobreza, e de nada teria me adiantado evitá-las por tanto tempo.

Talvez Violeta pudesse me provar o contrário. Infelizmente, minha personalidade prática e racional avisava-me claramente que jamais deixaria de ser uma mimada. Todas eram, por mais atraente que se mostrassem.



Desperto sentindo ainda o cansaço da noite anterior. Havia dançado com mais pares de danças do que meus pés aguentaram, mas sentia-me nas nuvens por ter me tornado novamente o sucesso do Sarau da Marquesa de Caravelas.

Ao me reunir com papai e meus irmãos para o almoço, meus olhos são tomados pela festa de cores que encontro na sala de estar da família. Flores, muitas flores, de todas as cores e espécies enfeitavam cada canto do pequeno recinto.

— São todas para mim? – Pergunto encantada. Cada ramalhete ou cesta é um indicativo de que havia sido mais uma vez o sucesso da noite.

— Para quem mais seriam?! – Rosa revira os olhos, enciumada, é claro, por

não ter recebido sequer um botão de rosa de seu noivo.

— Quando resolverá dar uma chance para algum desses pobres rapazes? — Papai apaga seu charuto no pratinho de prata em cima da mesinha de canto. Não gosto que fume, mas existem hábitos que parecem ser piores que erva daninha.

Ele sempre prometia que largaria o fumo, mas acabava cedendo ao vício e me deixando de cabelos em pé. Não poderia perdê-lo tão cedo, já bastava mamãe ter morrido na flor da idade.

— Oh! — Deixo-me cair em uma das poltronas estilo Luís XI que papai tanto amava. — Estou farta de tantos pretendentes, papai!

— Pensei que apreciavas a atenção deles. — Meu pai pontua com grande propriedade. — Ou negas que teus olhos brilharam quando viste tantos ramalhetes?

— Claro que não nego! Mas é esgotante seleccioná-los. Sempre falta algo. Ou moram longe demais, ou não sabem se portar com discrição e há até mesmo aqueles que fedem.

— Isso pode ser consertado, minha querida! Com um banho! — Papai faz piada porque não é ele que terá que dividir o leito com um fedido. Nem as colônias vendidas no Desmarais conseguiriam acabar com a fedentina dos mais porquinhos.

— O senhor não pode esquecer que vivemos tempos difíceis, papai! — A causa abolicionista está ali na esquina para nos provar que não podemos confiar em qualquer cavaleiro, por mais nobre e de família honrada que fizesse parte. — Não posso correr o risco de escolher um pretende escravocrata.

— A deserdaria! — Ele responde com olhar brincalhão, pois sei que seria incapaz de tamanho ato vil. Papai nos ama e daria a vida por qualquer um de nós. — Aprecio seus cuidados, minha querida! Deves não só riscar da lista os escravocratas, como também os republicanos. Não são confiáveis, nem um deles.

— O senhor também não é colaborativo! — Reviro os olhos frustrada com tanta exigência, e nem Rosa parece querer me ajudar a fazê-lo ver que ser republicano é deveras melhor do que ser fedido ou ter dentes podres. — Poucos me sobram na lista se ainda exigir que risque os republicanos.

— Pois te enviarei para uma temporada com tua tia Gertrudes em Lisboa. Mas com um republicano não haverá de casar. — Acabo de irritar meu pai, percebo.

— Podemos pensar em Paris?

— Violeta! – E assim meu pai levanta e dá fim à nossa conversa.

Almoçamos tranquilamente e ainda conversamos assuntos triviais. Evitei tocar no assunto casamento e possíveis pretendentes, tudo para não irritar ainda mais papai, que já andava com os nervos enaltecidos com o rumo da questão política envolvendo os negros.

Depois da sobremesa, voltei para a saleta e conferi cada um dos bilhetes que me foram enviados com as flores. Todos muito bem escritos, revelando requinte por parte dos meus admiradores. Ah, se todos eles fossem tão atrativos pessoalmente quanto são com as palavras, o mundo seria um lugar melhor para se habitar.

Infelizmente, querer não é poder. Uma lástima.

Mas foi um bilhete em especial que me chamou a atenção, um cujas letras são um tanto desleixadas, para não dizer toscas. Papai me ensinou que não podemos julgar um homem pelo traço de sua caligrafia, já que alguns cavalheiros costumavam sofrer do que ele chamava de sintoma do pensamento acelerado. O próprio sofria desse mal, pensava tanto e com tanta rapidez que seus dedos não davam conta de registrar tudo. Deveria riscá-lo da lista também? Papai não aprovaria isso.

O cavalheiro, dono de caligrafia tão feia, havia me enviado lírios e devo admitir que foi um gesto muito delicado de sua parte, deveras observador, dono de um olfato aguçado notou meu perfume a base de lírios. Cavalheiros com senso tão apurado para tais detalhes poderiam ser ótimos maridos.

Infelizmente, minhas esperanças vão por terra quando leio o conteúdo do bilhete e o nome do senhor que o assinou. Como alguém pode ser tão perfeito com os detalhes e tão inoportuno com o conteúdo de uma missiva?! Somente um indivíduo desprovido de bons modos como Fernão Benício Gusmão de Albuquerque consegue a façanha de me iludir por nada. Tanto trabalho apenas para dizer que precisa me encontrar para que as informações lhe sejam repassadas.

— O que aconteceu, Senhorita Violeta? – Laura pergunta desviando a atenção dos livros que organizava nas prateleiras.

— Oh, por obséquio, apenas Violeta quando estivermos sozinhas. – Ela assente com um leve e delicado balançar de cabeça. — Precisaré me acompanhar

esta tarde ao Carceler, já que te sente melhor da garganta.

— Não me diga que irá se encontrar novamente com um daqueles cavalheiros metidos com a causa abolicionista?! – Sacudo a cabeça confirmando.
— Violeta, se teu pai descobrir, é capaz de te enviar para uma temporada não com tua tia em Lisboa, mas para lugar pior, como para a casa de tua irmã, lá onde Judas perdeu as botas.

— Eu sei! Mas estou atolada até o pescoço com os abolicionistas. – Admito. — Não posso recuar agora, quando tenho conseguido muitos avanços.

— Como pretende arrumar um bom partido para casar se anda às voltas com os republicanos?! Bem sabe que o visconde não aceitará um republicano como genro.

— Até você, Laura! Não basta Rosa a papagaiar dia e noite em meus ouvidos. – Misericórdia, dividir uma sala com Rosa era o prelúdio do inferno. — Não pretendo desposar um republicano.

— Mas do jeito que as coisas andam, sua falta de juízo a levará direto para os braços de um! E quando o escândalo acontecer, não te restará alternativa a não ser se casar com um deles.

— Não seja exagerada! Sou muito cuidadosa com tudo. E com sua companhia, ninguém ousará falar um “ai”. – Laura ainda não parece convencida, era sempre tão desconfiada de tudo.

— Não acha que é muito cedo para um encontro do tipo? Um dia após um sarau tão importante quanto o da Marquesa de Caravelas, os olhares estarão todos em cima de ti. – Laura tinha razão.

— Acho sim, mas o agente encarregado da missão não é conhecedor das regras de etiqueta e boa convivência. É um burguês! – E um bem lindo, mas Laura não precisa saber de tal detalhe.

— E o tal do Doutor Magalhães? – Ela pergunta curiosa.

Minha dama de companhia amava um bom mexerico, mas sempre fora deveras discreta.

— Trocou-me por um novo caso jurídico. Veja a que ponto chegamos, Laura! Quando te digo que o fim dos tempos se aproxima, me chama de exagerada. – Deixo uma lufada de ar sair de meus pulmões. — Até considerei Doutor Danilo como um pretendente. Dono de uma fala eloquente, e nem podemos discutir a beleza de seus olhos, porte altivo e dizem que é um excelente

advogado. Não é nobre como papai prefere, mas exceções podem ser abertas a todo momento desde que os argumentos sejam persuasivos.

— Violeta! – Laura praticamente me chacoalha, a fim de voltar à realidade. — Danilo Magalhães é republicano.

— Inferno de vida! Os mais interessantes e bonitos são republicanos. – Não poderia estar fadada a me casar com um homem fedido ou desdentado. Papai poderia rever seus requisitos e tornar minha vida mais agradável. — Como sofro em ser a caçula, Laura!

— Depois eu sou a dramática! – Laura acaba rindo e eu me junto a ela. — Eu em seu lugar agradeceria o pai que tem.

— Mas eu agradeço muito minha sorte! Sei que fui agraciada com um pai atencioso, amoroso e preocupado. Ou acha que não vejo o quanto os pais de minhas amigas lhes são indiferentes?! Porém, isso acabou por elevar meu padrão na escolha de meus pretendentes e quero por marido um homem que seja ao menos um terço do que é meu pai. Além disso, preocupo-me em deixá-lo sozinho com Jacinto. Meu futuro marido terá que compreender que precisarei viver perto dos dois. – Levanto-me, alisando minha saia. — Quero escolher um bonito conjunto de passeio. Afinal, a Confeitaria Carceler é o local preferido entre os mais abastados da Corte. Não posso ir vestida de qualquer jeito. Imagine que lá é servida a taça mais cara de sorvete do Rio de Janeiro.

— É o único estabelecimento que serve sorvetes! – Laura às vezes não tinha paciência para meu senso de humor, mas eu a amava mesmo assim. — Cada taça de sorvete custa o preço de um par de botinas, Violeta? Sabe quanto eu precisei trabalhar para pagar por minhas botinas? – Como sempre, ela está certa. A vida não é fácil para a maioria dos brasileiros e não é diferente para minha amiga, por isso não posso deixar de pensar que ela merece também um bom partido como marido, e eu irei me empenhar para conseguir um. Até já tenho uma lista com alguns nomes.



Chegamos ao Carceler atrasadas porque não conseguia me decidir entre o vestido verde-água e o conjunto lilás de saia e blusa rendada. Acabei ficando com a sugestão de Laura: o conjunto, que apesar de um pouco mais espalhafatoso, caia-me como uma luva e a cor valorizava muito minha cútis.

Não tivemos muito tempo para fazer um penteado mais elaborado, nada do que um bonito chapéu de cetim não conseguisse arrematar a combinação.

— Vamos logo, Violeta! — Laura me apressa, parecendo que estamos indo tirar o pai da forca. — Bem sabe o quanto seus amigos abolicionistas não se agradam com atrasos.

— São uns infames! Precisam de minhas informações e reclamam por

miseros cinco minutos de atraso. – Contesto contrariada, pois cavalheiros que se prezam devem entender as necessidades de uma dama bem-vestida.

— Estamos atrasadas mais de meia hora, por Deus! – Minha dama de companhia leva às mãos ao céu.

— Que seja! – Dou de ombros. — Não me importo, pois jamais sairia de casa sem a certeza de que faria bonita figura. Oras, Laura, tenho uma reputação a zelar.

Adentramos no moderno estabelecimento e procuramos pelo Senhor Gusmão de Albuquerque. Sem dúvidas, é a mais elegante e moderna confeitaria do Rio de Janeiro. A decoração em estilo vitoriano traz sofisticação ao ambiente. As amplas mesas são rodeadas por belíssimas cadeiras estofadas em capitonê e as paredes forradas com ricos papéis de parede nos transportam para a Inglaterra da Rainha Vitória.

— Lá está o Senhor Gusmão de Albuquerque! – Falo à minha amiga, que nunca havia se sentido à vontade no Carceler por se julgar pobre demais para o ambiente. Mas dessa vez, fiz questão que usasse um dos meus vestidos. Laura está sendo o centro das atenções, também pudera, é uma mulher muito bonita, com traços delicados e postura impecável. Sim, eu havia dado início aos meus planos de casamenteira e a julgar pelos olhos de cobiça dos cavalheiros que nos cercam, Laura logo terá uma fila de bons pretendentes.

— Não devia ter vindo com teu vestido! – Laura reclama, porque só sabe reclamar na vida. Deveria me ser grata por lhe querer arranjar um bom partido.

Enlaço nossos braços e a puxo até a mesa onde meu parceiro de espionagem nos aguarda na companhia de um jovem muito garboso. Arranho a garganta a fim de que percebam nossa chegada, mas apenas seu amigo que reconheço como o famoso Duque de Cumberland levanta para nos cumprimentar como manda a etiqueta. Infelizmente, ele se demora no beijo que deposita na mão enluvada de Laura e não gosto nem um pouco. A deixei mais bonita para atrair os olhares de cavalheiros sérios e não de um nobre inglês com fama de libertino.

— Não me era sabido que mantinha amizade com o Senhor Gusmão de Albuquerque, Sua Graça! – Puxo Laura para meu lado antes que acabasse sucumbindo ao charme inglês de Cumberland.

— De longa data! Nos conhecemos em Londres. – O inglês continua a fitar Laura e a pobre, não acostumada com olhar tão caloroso, troca de cor.

— Decerto se conhecem de algum desses estabelecimentos em que damas com poucas roupas costumam se exhibir, e que os burgueses apreciam muito. — Cumberland acaba soltando uma risada porque sempre foi um espaçoso desde que pisou nos salões cariocas. Fomos apresentados e chegou a ser meu par em alguns bailes da Corte, mas papai fez questão de deixar claro que não o queria por genro, não porque sua fama de libertino não o fazia um bom pretendente, tão-somente porque andava envolvido até o pescoço com os republicanos. — E quanto ao senhor? — Encaro Fernão com raiva por ter sido tão pouco educado. — Não irá se levantar como um cavalheiro? Ah, claro que não! Não ensinam cavalheirismo aos frequentadores de cabarés. — A falta de bons modos me deixa irritada e quando isso acontece, dificilmente eu consigo medir o tom das minhas palavras. — Em Cambridge! — Solta sem nem pensar em levantar para que pudéssemos nos sentar. Uma dama jamais poderia tomar assento com o cavalheiro sentado.

— O que disse? — Pergunto encafifada com sua teimosa. Sim, porque ele agia como um garoto mimado e não um homem com mais de um metro e oitenta de altura.

— Que conheci Cumberland em Cambridge. Mas infelizmente damas fúteis como a senhorita têm dificuldade de diferenciar um cabaré de uma universidade. — Engulo em seco antes que acabe cometendo um escândalo, como dar-lhe com o vaso que enfeitava a mesa em sua cabeça.

— Seu petulante! Como ousa me difamar? Pois saiba que sei muito bem que Cambridge é uma universidade. — Jesus, não basta estar me relacionando — mesmo que apenas na espionagem — com um republicano, ele tinha que ter frequentado Cambridge e não Oxford como papai. — Pela última e derradeira vez, Senhor Gusmão de Albuquerque, acredito que deva se levantar para que possamos nos acomodar ou pretende que fique aqui como uma estátua a ornar o salão e chamar a atenção de todos quando devíamos estar sendo os mais discretos?!

— Ela tem razão! — Cumberland tenta colocar um pouco de juízo na cabeça do amigo.

— Inferno! Ela nos deixa aqui a mofar por mais de meia hora e sou eu o grosseiro. — Acabo bufando e estufando o peito, afinal, sou uma Carvalho de Almada e ele até pode ter dinheiro a rodo e ser amigo de um nobre inglês, mas meu sobrenome tem que me valer alguma coisa, assim como o título de papai, que é mais importante em terras brasileiras do que o de Cumberland.

Acabou se levantando, apesar dos resmungos terem lhe acompanhado todo o tempo. Como poderiam ter me enviado um espião tão despreparado e desconhecedor das boas maneiras em sociedade para ser meu parceiro? Assim que conseguisse falar com Danilo, teria que pedir para substituí-lo ou acredito que acabaríamos nos matando.

— A propósito, como tem passado Doutor Magalhães? — Pergunto já acomodada em minha cadeira e aceitando a carta do garçom. — Ainda ocupado com os casos jurídicos?

— Antes fosse um novo caso jurídico. — Fernão resmunga. Meu Deus, como este homem gosta de resmungar! Deve ter dormido com o traseiro descoberto para estar com cara de quem chupou limão azedo. — Pois te digo, Cumberland, que o motivo de tanto empenho usa saias. — Como pode ser tão deselegante ao me excluir assim da conversa?! Que Deus nos proteja dos burgueses! Faço o nome do pai e acabo chamando sua atenção novamente. — Perdoe-me, Senhorita Violeta, não quis soar insensível. — Movo a cabeça em sinal de que está tudo bem, ao menos havia me pedido desculpas dessa vez. Mas continuava a tagarelar com o inglês e se isso não fosse uma falta de respeito e bons modos, não sei o que é!

— Perceba, Laura! — Aproximo-me de seu ouvido, nos escondendo com a carta. — O Senhor Gusmão de Albuquerque não lhe parece ter saído das páginas de algum romance de piratas? — Sua casaca aberta e sua gravata desalinhada lhe lembravam um pirata, um daqueles que sequestravam a mocinha da história. Senhor, porque fui me lembrar disso? Acabo corada em excesso. — Falta-lhe refinamento, pois jamais um cavalheiro deve excluir uma dama da conversa.

— Mas, Violeta, eles não nos excluíram da conversa. Apenas não dominamos o assunto. — Laura pondera, mas por não estar habituada às regras da Corte.

— Não, minha querida! Não entendeu! Um educado e gentil cavalheiro evitaria assuntos impertinentes às damas para que ela não venha a se sentir excluída e possa conversar animadamente. — Sorrio ao duque quando ele volta sua atenção à Laura. — Estava aqui dizendo à minha dama de companhia que o dia está deveras abafadiço e que devo escolher uma limonada. — Sorrio por termos sido pegos com a boca na botija em pleno gozo do mexerico.

Cumberland ordenou que o garçom nos servisse as mais caras taças de sorvete e Laura quase caiu dura. Foi tomada de profunda emoção, a pobre, e sem coragem de colocar a colher no sorvete, apenas encarava suas botinas, que não

combinavam em nada com a delicadeza do vestido que havia lhe emprestado. Como pude esquecer de emprestar-lhe uma sapatilha? Um par de sapatilhas de cetim faria bonito conjunto com a renda das mangas bufantes do vestido, um perfeito contraste.

— O sorvete está magnífico, Sua Graça! Mas temo que devemos tratar dos assuntos que nos trouxeram até aqui. — Sim, porque não posso me dar ao desfrute de virar assunto de matrona mexeriqueira. — Por que me convocou, Senhor Gusmão de Albuquerque?

— Precisamos das informações quanto ao cargueiro com novos negros, cujos boatos dão conta de que está para atracar na Guanabara. — Fernão fala preocupado, deixando de lado sua habitual empáfia de burguês. Aquela causa lhe era deveras importante, e com razão.

Todos me julgavam uma dama enfadonha e coquete; porém, minha preocupação pela causa abolicionista me levou a estudar o tema com afincos suficientes para saber que as várias tentativas da Coroa a fim de proibir o tráfico negreiro nunca lograram o êxito esperado. Cargueiros nunca pararam de atracar e os negros continuavam a ser traficados até nossos portos.

— Nada de pertinente descobri a respeito. — Levo mais uma colherada de sorvete à boca, fartando-me com a explosão de sabor. — No entanto, sei que os escravocratas estão mais cuidadosos e evitam tais assuntos por desconfiarem que infiltrados ajam junto deles. Assim sendo, no próximo mês não arriscarão que um cargueiro atraque nos portos do Rio de Janeiro. Talvez em Salvador. É tudo o que sei!

— Inferno, tive que aguentar um baile enfadonho para absolutamente nada de útil. — Fernão resmunga, porque não há mais resmunguento que ele na vida.

— Com pode ser tão inconveniente? — Largo a colher e limpo minha boca com o guardanapo que estava em cima do meu colo. — Arrisco minha vida em busca de informações para a causa, arrisco minha reputação ao aceitar me reunir aos senhores em local público, frequentado pelas mais distintas damas que não pouparão destilar seu veneno contra minha pessoa, e o senhor ainda me ofende. Poupe-me, Senhor Gusmão de Albuquerque, mas estou farta do senhor e de seus modos burgueses. — Levanto-me decidida a me retirar.

Havia limite para uma dama, mesmo para aquelas mais enfadonhas.

— Senhorita Violeta, eu não...

— Nem tente justificar sua falta de tato comigo neste dia, senhor! — Olho para Laura que entende meu gesto e levanta também. — E tem mais uma coisa, exijo ter uma audiência com o chefe da missão, dos espiões ou sei lá como se chama o chefe dos senhores. — Aponto o dedo para o infeliz do Fernão, cansada de ser elegante e de gestos contidos. — Porque com o senhor me recuso a trabalhar.

Dou-lhe as costas, pisando duro e mandando as regras de boa educação às favas. Pois se ele queria uma mulher de hábitos rústicos e grosseiros, ele teria. Ah, como teria! E uma bem afrontosa.

— Vamos, Laura! O ar deste estabelecimento fede a urubu depenado. — Assim partimos as duas sem olhar para trás.



Quando um homem acha que sua vida está perfeita e tranquila, é aconselhável que ele não se envolva com damas efusivas e de língua ferina. Violeta Carvalho de Almada poderia ser a joia da Corte, desde que não a contrariassem.

— Senhorita Violeta! – Corro atrás da dama antes que acabe sendo expulso do Partido por não ter conseguido cumprir com uma mísera missão. Mas também como poderia prever que iriam me designar a jovem mais afetada da temporada como parceira? E a mais deliciosamente intrigante, tenho que ser justo. — Vamos logo, Cumberland! – Apresso os passos do meu amigo para que pudéssemos alcançá-las.

Como somos mais altos do que as duas jovens, conseguimos alcançá-las

rapidamente para exigir a atenção da Carvalho de Almada. Preciso me desculpar com Violeta, mas quando seus olhos acastanhados brilham como duas taças de xerez pela raiva que ainda a toma, apenas consigo admirá-la.

É bela e só um tolo não perceberia o quanto é formosa. Não é uma beleza clássica, daquelas cantadas pelos poetas, mas a maioria dos poetas são tolos e vivem em um mundo de idealizações impossíveis. Poucos têm a sensibilidade de descrever as belezas mundanas. Violeta é bela à sua maneira e havia algo nela que a tornava encantadoramente especial.

— Senhorita Violeta, devemos conversar. — Solto um tanto embasbacado com o sentimento que havia sido despertado dentro de mim.

— Não converso com cavalheiros de má nota! — Ela arrebita o nariz, como um convite para uma discussão, sem saber que eu seria capaz de ir mais longe só para provocá-la. E que Deus me ajudasse porque provocar Violeta e fazê-la corar havia se transformado em uma atividade deveras prazerosa.

— É minha parceira, afinal! — Resmungo tentando encontrar um pouco de paciência, que sempre me foi pouca.

— Infelizmente, somos parceiros! Mas tudo porque Doutor Danilo não pôde assumir a missão. E fique o senhor sabendo que me recuso a trabalhar com o senhor e disso não abro mão.

— Violeta, por favor! — Reviro os olhos, sentindo o cansaço me tomar.

— Senhorita Violeta para o senhor. — Ela aponta o dedo enluvado e deixo-me levar pelo desejo de dar-lhe uma lição. Ah, como adoraria lhe dar umas palmadas em seu traseiro macio. — O Senhor é uma fraude como espião.

— Sou? — Abro um sorriso, encurralando-a para trás de uma árvore.

Não poderia lhe dar uma lição no meio da rua, mas uma seringueira seria capaz de nos encobrir e evitar assim um escândalo.

— Claro que sim! — Ela brada, chocando-se contra o caule da árvore. Estou tão próximo dela que a sinto respirar contra meu pescoço, e o maldito cheiro de lírios me faz pensar coisas impróprias, muito impróprias a serem feitas com a filha de um visconde influente.

— Diga-me, Senhorita Violeta, já foi beijada antes? — Pergunto para escandalizá-la e quando ela cora, sinto-me vitorioso por tê-la afetado.

— Uma dama não sai beijando cavalheiros. — Ela bufa, cada vez mais

corada, mais atraente e que Deus me dê um pouco de sanidade, porque acabarei a beijando quando apenas queria dar-lhe uma lição.

— Mas burgueses saem beijando damas por aí. — Colo meus lábios nos dela, como medida derradeira para que parasse de falar como uma matraca.

Violeta deixa a sombrinha cair ao chão e a seguro nos meus braços para que não acabasse caindo também. É macia em todas as partes, para minha própria ruína, e o gosto de baunilha do sorvete que havia provado minutos antes ainda estava dentro de sua boca. Suas pequenas mãos envolvem meu pescoço enquanto sua boca se abre para minha invasão. Violeta é receptiva e beija com urgência, a mesma urgência que seus olhos sempre mostravam ao me encarar. Pode ser uma dama, ter nascido uma fidalga, mas o corpo e a determinação para o pecado é de uma burguesa.

Uma burguesinha em vestes de fidalga.

Sorrio com a recordação e acabo me perdendo em seu corpo, espalmando minhas mãos por suas costas, sugando sua língua com determinação. Ela resmunga em encontro aos meus lábios, são palavras desconexas, ameaças ou exigências, não saberia interpretá-las com precisão quando meu juízo havia sido deixado de lado na tentativa de satisfazer a lascívia do meu corpo.

— Pare com isso, seu abusado! — Sinto uma bofetada em meu rosto e acabo retornando à realidade. — Como se atreve a me beijar e justo embaixo de uma árvore?

— Preferiria que eu fizesse no meio da rua? Assim teria que se casar com um burguês, senhorita! — Zombo de sua cara de pavor, pois sabia que havia apreciado o beijo, havia se entregado de corpo e alma e de nada adiantaria querer se fazer de santa.

— Claro que não! — Ela cora como um tomate maduro. Lábios inchados e olhos brilhantes, resultado da luxúria que lhe tomou quando a toquei intimamente. — Não pode sair beijando donzelas embaixo de árvores, muito menos no meio da rua. — Ela leva a mão enluvada até a boca e só penso em livrá-la das luvas, para que me tocasse sem elas. — Nunca fui beijada, nem beijei ninguém antes. — Ela confessa atordoada.

— Pois teve sua primeira vez.

— Com um libertino burguês? — Brada, recolhendo a sombrinha do chão e considero me afastar antes que acabe vítima do cabo da sombrinha. — Uma

dama sonha com seu primeiro beijo, que deveria ter sido reservado para o marido e o senhor, como homem de pouco respeito, roubou aquilo que deveria ter sido de outro. — Violeta me encara com olhos raivosos e devo considerar a possibilidade de sair correndo. — Isso não se faz com uma dama, Senhor Gusmão de Albuquerque!

— Senhorita Violeta, por favor! Não precisamos levar tudo tão a sério e ninguém precisará ficar sabendo que nos beijamos. — Tento trazê-la à razão, mas Violeta está possuída por algo que desconheço.

— Jamais! — Pega-me pelo colarinho, puxando-me em encontro à sua boca. — Pois me beije decentemente, já que estragou tudo... Faça do jeito certo para que ao menos eu tenha uma lembrança decente do meu primeiro beijo.

— Acredito que não é aconselhável repetir. — Acabo vítima do meu próprio plano, que inferno! E tudo porque eu havia desfrutado de seus lábios mais do que o recomendado.

— Está com medo, Senhor Gusmão de Albuquerque? — Ela me fita com olhos de raposa, por saber que havia me encurralado. Poderia ser uma dama de gestos afetados, mas era astuta e não havia como negar isso. — Sim, está com medo! — Sorri lindamente e acabo sendo seduzido, entregando-me à vontade de prová-la novamente.

Um beijo bem dado era o que ela desejava e não me faria de rogado, não mesmo!

Volto a prensá-la contra o caule da árvore, protegendo-a de possíveis olhares curiosos e grudo minha boca à sua. Forço-a para que abra os lábios para acolher minha língua e assim que o faz, deslizo-a para dentro, dando mordidinhas em toda a extensão de seu lábio inferior antes de abocanhá-la por completo.

Beijos bem dados sempre agem como uma prévia poderosa ao ato do amor. Uma mulher que se abre para um beijo, com certeza será muito receptiva entre os lençóis. E apenas consigo praguejar por Violeta ser uma fidalga, como uma forma de lembrar-me que não poderei tê-la do jeito que desejo.

Seriam apenas beijos e nada mais. Como me contentar apenas com beijos quando poderia tê-la inteira? Bastava seduzi-la e a teria, se não fosse um estrago sem precedentes me trazer arrependimento depois.

Devíamos ficar apenas nos beijos e que não ousássemos mais, porque nem

saberia como consertar o estrago.

— Está satisfeita? – Pergunto ainda colado à sua boca, incapaz de me afastar sequer um milímetro para poder encará-la.

— Foi o suficiente para uma recordação decente. – Empurra-me para longe, deixando-me intrigado com sua falta de pudor. — Mas jamais cometa novamente tamanho equívoco! – Volta a me apontar o dedo e toda vez que faz isso, só sinto mais desejo de tomá-la entre meus braços.

Violeta alisa o vestido e procura pelo chapéu que havia caído. Ajudo-a com a tarefa, ainda praguejando pela fraqueza da carne. Sim, é bela e perfumada, mas não tanto a ponto de me deixar tão afetado. O que acontece comigo, maldição? Falta de mulher, provavelmente.

— Fere meus brios masculinos ao bradar que nosso beijo foi um equívoco, senhorita! – Entrego seu chapéu.

— Burgueses não têm brios! Poupe-me! – Ela solta uma risada histérica. — Se os tivesse não teria me forçado a um beijo em momento tão impróprio.

— O quê? – Se ela acha que será capaz de me humilhar depois de tê-la ensinado a beijar, está completamente enganada. Pego-a pelos braços e exijo que me fite; e maldita hora que tomei tal decisão, porque quando a encaro nos olhos sinto um leve pulsar de coração e uma vontade sobrenatural de voltar a beijá-la.

— Nem pense em repetir o ato, Senhor Gusmão de Albuquerque... – Ela tenta se afastar, mas só tenta, porque sou mais forte e incapaz de deixá-la partir. — Posso até desejar, mas não significa que aceitarei teus avanços novamente. Posso ser uma donzela inocente para os assuntos da carne, mas não sou tola como tem me julgado. – Brada, porque é incapaz de conter sua língua furiosa por míseros segundos. — Onde está Laura, minha dama de companhia? – Pergunta já distante do meu alcance, porque é mais escorregadia do que um bagre ensaboadado. Deveria lhe ser agradecido por ter mais juízo do que eu, mas apenas sei me sentir frustrado por não poder prová-la novamente. — Não posso retornar para casa sem sua companhia.

— Ela deve ter sido pajeada por Cumberland. – Comento.

— Misericórdia! Como posso ter sido tão relapsa com Laura?

— Do que fala? – Questiono-a, muito intrigado com sua mudança de humor.

— Nenhum bom partido irá querer Laura por noiva depois de vê-la na

presença de Cumberland. — Ela coloca as mãos no quadril, imitando uma açucareira e aquilo me pareceu atraente. Onde estou com a cabeça que não consigo deixar de desejá-la? — Bem sabe que o duque é um libertino e não fará nada bem à reputação de Laura ser vista com ele.

— Mas ela é uma criada?! — Na maior parte do tempo, não conseguia entendê-la. Sempre às voltas com assuntos de moda e etiqueta, mas também sempre preocupada com seus semelhantes e envolvida em causas sociais que não lhe faziam qualquer sentido.

— Deixe de ser preconceituoso! Não é porque Laura é uma mera criada que não poderá nutrir esperanças de arrumar um bom casamento.

— E a senhorita haverá de garantir um bom casamento à criada? — Solto uma gargalhada, alta demais que acaba chamando a atenção de alguns pedestres.

— Por que o riso? — Vejo-a segurar o cabo da sombrinha e considero a hipótese de acabar com um galo na cabeça.

— Oras por quê? A senhorita devia estar mais preocupada em arranjar marido para si e não para sua dama de companhia. Todos falam que já passou da idade de casar.

— Ah, claro! — Ergue a sombrinha em minha direção e por reflexo me protejo. — Devo considerar a pertinência de seu discurso, já que é praticamente uma uva passa.

— É diferente para os homens! — Solto, incapaz de deixar passar tamanha provocação.

— Deveras diferente, concordo! Por isso, aconselho ao senhor ir em busca de uma dama com urgência ou sofrerá com os cornos que irá ter que carregar. — Impressão minha ou a dama mais educada e refinada da Corte havia utilizado palavras de baixo calão?

— Duvida de minha masculinidade? — Tento me aproximar, mas Violeta me mostra a sombrinha. A danada sabe muito bem que não estou disposto a amargar um galo na cabeça. — Acredito ter lhe provado o quanto posso ser viril...

— Não me provou nada demais, a não ser que sabe beijar. — Retruca com coragem, porque é de Violeta de que se trata, dama efusiva e enlouquecidamente irritante.

— Posso provar, se assim desejar! — Abro meu melhor sorriso.

— Não te atreva, caso contrário haverá de sentir o peso de minha sombrinha e não será na cabeça como tanto teme.

— Ah, minha querida... — Sigo-a rua a fora. — Brada, brada, mas sabemos que eu poderia ter arruinado com sua reputação, bastava eu tê-lo quisto e a teria feito minha.

— Antes morrer virgem do que ter que me entregar ao senhor.

— Por quê? Por que sou um burguês? Ah claro, deve ser porque sou um republicano e seu amado pai não haverá de aprovar um casamento com um burguês e ainda por cima um republicano.

— Cale-se! — Ralha-me, empertigando-se de maneira que seus seios se elevam para fora do aperto do espartilho. Como não olhar para seios tão convidativos ao ato do pecado? Louco deveria ser o meu nome do meio, devo ser sincero.

— Qual o problema, Senhorita Violeta? Teme um escândalo? Basta deixar-me acompanhá-la até sua casa e tudo ficará bem.

— Pois concordamos em um ponto! Haverá de me pajear até minha casa, pois fomos vistos juntos e os falatórios ficarão apenas pior se me abandonar no meio do caminho como se eu fosse uma lavadeira qualquer. Nada contra as lavadeiras, que fique claro!

— E quanto ao seu pai? — Pergunto cada vez mais intrigado com a moça, mas jurando que seria a última vez que a veria ou acabaria enfiado dentro de um casamento e com uma esposa que jamais havia considerado ter. Não uma nobre!

— Melhor enfrentar meu pai do que a língua das matronas da Corte. Papai compreenderá que não poderia ter lhe sido hostil. Não é de meu feitio mesmo que os cavalheiros em questão sejam republicanos. — Pisca de forma coquete e acabo soltando um palavrão por ter sido colocado em tamanha saia justa.

Mas era bem feito para mim. Maldita hora em que me deixei levar pelo despeito e corri atrás de Violeta.

Maldita hora.



— Jesus! – Levo as mãos ao coração tamanho foi o susto quando cruzei a soleira da porta de casa. — Quer me matar do coração, Rosa? – Eu posso ter escapado aos olhos das matronas mais mexeriqueiras da Corte, mas jamais conseguirei me livrar de minha irmã.

— O que esteve aprontando dessa vez, Violeta? – Rosa bate o taco do sapato no chão e isso apenas me deixa ainda mais nervosa.

— Oras... Fala como se eu vivesse aprontando por aí! – Reviro os olhos e tento não lhe dar ouvidos, porque Rosa é osso duro de roer quando tira tempo para infernizar minha vida.

— Como não? Vive a arrastar as saias pelas ruas da Corte e não bastasse

isso, ainda chega em casa acompanhada de um burguês. – Rosa não desiste, misericórdia!

— Fala como se o pobre fosse um leproso. Credo, Rosa, o Senhor Gusmão de Albuquerque é apenas um banqueiro, muito bem-sucedido por sinal. – Não a deixarei ser preconceituosa de graça, não mesmo.

— E republicano ou acha que não comentam que o acompanhante desta tarde é envolvido com a causa republicana? Papai não vai...

— Gostar? Pois penso que não! Mas não seria de bom tom tratá-lo com desprezo tão-somente porque é um republicano. – Dou as costas para minha irmã antes que acabasse lhe dando com um vaso na cabeça. Fernão havia acabado com a pouca paciência que me restava e Rosa estava brincando com fogo. Ah, como estava. — E Laura chegou? – Pergunto preocupada.

— Faz meia hora! Chegou na companhia daquele duque libertino, que dizem estar envolvido até o pescoço com os republicanos. – Meu Deus, não existe dama mais bem informada do que minha irmã em toda a Corte!

Trato de subir para meu quarto antes que Rosa acabe me tirando definitivamente do sério. Já me basta ter sido beijada por Fernão e justo embaixo de uma seringueira como se fosse uma qualquer. Levo as mãos à boca a fim de conter o formigamento que ainda sinto nos lábios.

Podia ser um burguês, um republicano e até um libertino, mas beijava esplendidamente bem... Ah, como beijava! Embora não houvesse beijado outro para ser capaz de comparar o desempenho de Fernão nos beijos. De toda forma, seria o único por algum tempo e isso só me complicava a vida, porque ficarei suspirando pelos cantos como uma garota tola.

— Por que demorou tanto, Violeta? – Acabo gritando pelo susto que levo de Laura ao entrar em meus aposentos.

— Misericórdia divina! Todos tiraram o dia para me assustar. – Procuro uma cadeira para me sentar, pois minhas pernas mal dão conta de me sustentar em pé, procurando por meu leque para poder me abanar e me refrescar. — Diga-me que aquele cretino do Duque de Cumberland não te seduziu?! – Olho-a de soslaio a fim de garantir que ainda estava intacta. Dizem por aí que encostar em libertinos não é uma boa coisa, você sempre pode acabar manchada.

— Comigo? Claro que não! O duque foi muito gentil ao me acompanhar até em casa quando a perdi de vista. – Laura até suspira ao mencionar o libertino,

coitada!

— Não vai dizer que te enamorou pelo duque? – Jogo as mãos para o alto em sinal de que estava chocada com o rumo das coisas. Eu aos beijos com um banqueiro que papai não aceitará por genro nem que a vaca tussa, e minha melhor amiga encantada por um nobre inglês com fama de libertino.

— É claro que não! Bem sei meu lugar na pirâmide social, Violeta!

— Isso não significa absolutamente nada! A questão é que o Duque de Cumberland é conhecido por ser um libertino e libertinos não são os melhores candidatos a marido.

— Mas convenhamos que são os mais atraente! – Laura volta a suspirar e eu a sigo no gesto ao me recordar do beijo de Fernão, homem irritantemente atraente, tão másculo e deliciosamente sedutor. — Por que os mais libertinos nos atraem tanto?

— Não sei a resposta, minha cara amiga! Talvez porque os libertinos saibam com maestria o que dizer e principalmente o que fazer com donzelas tolas como nós. – O que era uma grande injustiça já que certos assuntos lhes eram apresentados antes de nós, o que os faziam peritos na arte da sedução. Eu mesma só conseguia entender como os bebês eram feitos porque tive a sorte de ser filha de um cientista, dono de uma rica biblioteca; caso contrário, nem saberia o que deveria fazer na noite de núpcias. E ainda há aqueles que defendem a ultrapassada ideia de que mulheres não devem receber instrução, tudo porque querem nos deixar alheias a tudo e assim nos dominar. Coitados! Mal sabem que somos mais espertas do que eles. — Será que existem libertinas, Laura? – Pergunto intrigada.

— As cortesãs devem ser o mais perto que devemos ter de uma libertina, embora ouvi semana passada um caso escandaloso sobre uma viúva que mantém relacionamentos com homens mais jovens. – Laura senta na cama. — Dizem que essa distinta dama da sociedade mantém jovens como afilhados, ao menos assim ela faz todos acreditarem, mas na verdade são seus amantes.

— Jura? – Arregalo os olhos em sinal de espanto. Basta estar vivo para se chocar, misericórdia!

— Eu não posso jurar porque só estou repetindo boatos que ouvi. Mas uma coisa eu sei, vi a dita da viúva de braços dados com um desses afilhados em plena Rua do Ouvidor quando estava retornando para casa.

— Hoje?

— Sim! – Laura responde convicta.

— Ao menos ser viúva tem suas vantagens! – Solto o ar dos pulmões. Ser donzela é entediante na maior parte do tempo. Mil e uma regras para cumprir, não podemos sequer mostrar muito os dentes para um cavalheiro sob pena de sermos tidas como mulheres de má nota. Mostrar os tornozelos, então, seria como enterrar as chances de arranjar um bom casamento. E beijar na rua? Misericórdia, beijar na rua é definitivamente o pior dos comportamentos de uma donzela.

E eu havia beijado Fernão na rua e embaixo de uma seringueira que podia não ter nos encoberto suficientemente.

— O que foi, Violeta? – Laura chama minha atenção e a julgar pela preocupação fincada em seu rosto devo ter lhe assustado.

— Nada demais! – Tento disfarçar meu pavor.

Não poderia envolvê-la na confusão que eu havia me metido. Não que Laura já não estivesse envolvida até o pescoço, mas papai a demitiria com certeza se lhe chegasse aos ouvidos que andei sem minha dama de companhia pelas ruas do Rio de Janeiro.

— Claro que aconteceu! – Ela me conhecia bem para saber que algo me preocupava.

— O Senhor Gusmão de Albuquerque me beijou. – Pronto, bem melhor confessar e dividir o fardo com uma boa amiga.

— Enlouqueceu?! Sim, ficou louca de pedra ao se deixar ser beijada por um republicano.

— Até você, Laura! Todos só sabem me lembrar que Fernão é um republicano. Seja republicano ou não, eu beijei um cavalheiro e não me orgulho nem um pouco de ter cedido à tentação. – Também não adiantava de nada negar que não havia apreciado o beijo, até me dispus a repetir o ato.

— E foi bom? – Laura pergunta empolgada, porque sempre foi uma curiosa.

É claro que relatei minha experiência para minha melhor amiga, fazendo questão de não deixar nada para trás. Acabei surpreendida pelo beijo de Fernão, mas como sou uma garota esperta, não me fiz de rogada e tratei logo de tirar

proveito da situação. Nós donzelas não temos a chance de beijar e não seria tola em perder a oportunidade de aprender um pouco mais sobre beijos, só me deixaria ainda mais experiente para o meu marido, embora meu futuro esposo não fosse gostar de saber que treinei com outro que não ele. Mas era apenas um mísero detalhe e uma omissão, e não seria assim um pecado tão grande.

Laura ficou chocada com minha ousadia, mas o que poderia ter feito? Chorar pelos cantos ou mesmo gritar apenas complicaria minha situação, sem falar que papai era capaz de me enviar para um convento só para não me ver casada com um republicano.

Maldita hora que inventaram essa moda de República no Brasil, apenas para complicar a vida das donzelas em busca de marido. E o pior de tudo é que Laura seria uma boa esposa para um burguês ou mesmo um republicano, mas parecia apaixonada por um duque, justo um duque inglês que jamais poderá se casar com ela sem passar por cima de um saco de tradições. Papai costumava dizer que os ingleses eram os mais rigorosos com a linhagem e bom nome da família.

Coitada de mim também que acabei compartilhando meu primeiro beijo com um burguês que papai não aceitaria por genro. Nem eu o aceitaria por marido, tão irritante e resmunguento... Nem menciono sua falta de modos ao se sentar à mesa e sua falta de compostura em não usar um lenço no pescoço.

Bem que papai falou que os burgueses não se preocupam com mais nada a não ser o lucro de seus negócios. Ganhar dinheiro e prosperar lhes serão sempre as prioridades e por isso são desleixados.

Mas beijam bem! Como beijam!



Laura puxa com força os cordões do meu espartilho enquanto eu me agarro no espaldar da cama para me manter firme. Eu queria estar esplendorosa para o baile dos Cortês de Almeida. Escolhi um vestido de mangas bufantes e com um decote generoso a fim de atrair os olhares masculinos.

— Esse tom de verde lhe cai muito bem. — Laura olha para mim sorridente pelo belíssimo trabalho que havia feito.

— Preferia um tom em vermelho, mas não é de bom tom uma donzela usar vermelho. — Tenho dito que às donzelas apenas tédio! — Mas isso haverá de acabar quando me tornar uma mulher casada e assim poderei usar todas as cores, incluindo, o vermelho carmim, que é minha cor predileta.

Laura solta uma gargalhada, ajudando-me com as luvas e retocando o pó em meu rosto. Ela também está um brinco trajando um dos meus antigos vestidos, que havíamos reformado para que pudesse nos acompanhar nos eventos sociais. Papai faz questão de que ela nos acompanhe, imagino que julgue Laura mais ajuizada do que as próprias filhas. E devo ser justa, ele está certo.

Meia hora depois, o cocheiro abre a porta da carruagem e nos ajuda a descer. Dessa vez, Rosa preferiu ficar em casa porque o noivo não poderia comparecer ao baile; e eu me sentia livre para fazer o que quisesse. Só temia que houvesse me convertido em motivo para mexericos por ter sido vista na companhia de Fernão. Mas eu havia evitado sair de casa ou dar motivos extras para que falassem de minha pessoa.

Situações delicadas exigiam medidas drásticas e me vi compelida a me recolher no conforto de casa para curar um resfriado do qual nunca fui vítima, mas que me serviu como desculpa para aplacar as falações.

É claro que papai não gostou de saber que eu havia aceitado a atenção de um republicano, mas lhe ter sido honesta apenas me beneficiou. Ele compreendeu que seria um ato descortês de minha parte não aceitar a oferta de ser acompanhada até em casa. Minhas justificativas foram tão plausíveis que o fato de Rosa preferir ficar em casa não o fez me impedir de ir ao baile desta noite.

— Continuo a me sentir um peixe fora d'água nestes eventos! — Laura parece colada ao chão, e percebo um leve tremor lhe tomar a face.

— Não tem o que temer! Apenas sorria e o resto deixe por minha conta.

— Este é o problema!

— Deveria me sentir ofendida, Laura! — Encaro-a a fim de que tome juízo e pare de nutrir ideias descabidas. — Sou sim uma dama com ideias fora do padrão, mas não sou uma doidivanas.

Entramos no salão e fomos recebidas pelos anfitriões, um jovem casal recém-casado. Parecem ainda viver o furor dos primeiros meses do casamento e apenas consigo me imaginar vivendo o mesmo um dia. Acabo assustada por me dar conta que suspirava justo ao pensar em Fernão ao meu lado recepcionando nossos convidados.

Nossos convidados?

Não haveriam nossos convidados porque jamais poderia me casar com um

boçal como Fernão, que apenas conseguia me complicar a vida. Graças a ele, precisei ficar escondida em casa por uma semana. Uma semana inteira!

Arrastei Laura por entre os convidados em busca de um cartão de baile e acabei dando de cara com Danilo Magalhães, o impertinente advogado que me colocou na mira de Fernão. Ah, mas ele tinha muito o que me explicar.

— Senhorita Violeta! – Cumprimenta-me com uma reverência e acabo retribuindo. — O baile está prestes a começar e dar-me-ia a honra da primeira dança?

— Vou aceitá-lo como meu par, Doutor Magalhães, embora não devesse, já que me abandonou no meio de uma missão. – Pisco os olhos a fim de revelar inocência.

— Peço perdão, senhorita! Mas assuntos urgentes exigiram minha atenção. – Ele declara de forma eloquente, oferecendo o braço para me conduzir até a pista de dança. — Temo desagradar-lhe, mas terei que abandonar a missão por um tempo.

— Como assim? – Pergunto intrigada com o rumo da conversa e onde ele pretendia chegar com esse assunto.

— Estou trabalhando em outra frente no momento e outro parceiro lhe será designado, caso a senhorita deseje continuar colaborando com a nossa causa. – Sim, eu desejava ver todos os negros libertos, podendo viver suas vidas com dignidade e não poderia virar as costas para a causa abolicionista.

— Desde que não tenha que aceitar o Senhor Gusmão de Albuquerque como parceiro, não me importo em mudar de parceiro...

— Temo que não há outro disponível para isso. – Magalhães fala sem jeito.

— O que está tentando me dizer? – Pergunto esticando o pescoço ao avistar Cumberland aproximando-se de Laura como um felino pronto para dar o bote e quando meus olhos voltam a encarar meu parceiro, o flagro olhando para uma bela dama. — Não vai me dizer que o assunto que lhe tirou da missão responde pelo patronímico de Manoela Martins? – Solto uma risadinha marota porque Magalhães não sabe disfarçar seu interesse pela moça, a quem todos chamam de desperdício da temporada.

Manoela Martins, filha do mais renomado médico da Corte, era lindíssima. Alta, com porte altivo e olhos de um azul profundo encantava os menos desavisados que não a conheciam tão bem. Na mesma proporção de sua beleza,

Manoela era geniosa e considerada uma intelectual, o que afastava todo e qualquer pretendente e a fazia uma bela candidata à solteirice. Mas ela não parecia preocupada com isso, ao contrário, parecia se sentir confortável com os anos de solidão que lhe seguiriam pelo resto da vida.

— Não sei exatamente do que fala! – Ele desconversa como se eu não pudesse ter notado a troca intensa de olhares entre os dois. Sou *expert* em farejar essas coisas.

— Ah, deixe para lá! – Algo me dizia que nem ele conseguia compreender a intensidade dos próprios sentimentos. Homens! Sempre a serem tolos com os assuntos do coração.

— Mas como lhe dizia, Senhorita Violeta, terá que aceitar Gusmão de Albuquerque como parceiro, ao menos até eu retornar às atividades. – Acabo me irritando com tal possibilidade.

— Jamais! O Senhor Gusmão de Albuquerque é um verdadeiro desastre à causa abolicionista. Como poderemos avançar em nossos intentos com um membro tão despreparado? – Espero por sua resposta e que seja convincente.

— Concordo que Fernão não é o mais refinado ou mesmo o cavalheiro mais indicado para frequentar bailes e saraus em que as informações circulam com grande furor, mas é o que temos no momento. – Dá de ombros, porque não é ele que terá que aguentar a empáfia do amigo.

E se voltar a me beijar, o que farei, senhor?

A dança é finalizada e Danilo me conduz até a mesa de refrescos. Olho para todos os lados na tentativa de localizar Laura, rezando para que Cumberland não a tenha corrompido, mas acabo encontrando Fernão a me fitar com olhos ferinos do outro lado do salão.

— Ali está seu parceiro, Senhorita Violeta! – O advogado me oferece um copo de cidra, que acabo deixando de lado por estar quente demais para o meu gosto. Não existe pior gosto do que o da cidra quente na boca. — Ele ainda lhe convidará para dançar esta noite e espero que os dois consigam vencer as diferenças e fazer um bom trabalho em prol de uma causa maior. – Beija minha mão e parte, provavelmente, em busca de Manoela Martins.

De longe, observo Fernão a conversar com alguns cavalheiros e percebo que estava mais bem arrumado do que costumava andar. Sua casaca estava muito bem passada e, por um milagre, usava lenço no pescoço. Seu cabelo caía no

pescoço e só não revelava maior desalinho porque seu porte altivo e musculoso combinava com o corte fora de moda. Mas a barba continuava a despontar como uma penugem indecente que apenas servia para causar cócegas delirantes ao beijar.

Beijar... Beijar... Só consigo lembrar do beijo que compartilhei com o burguês; e que Deus me ajudasse porque eu havia gostado. Faço o sinal da cruz a fim de afastar pensamentos tão impróprios ou acabaria comprometendo minha virtude. Embora manter pensamentos indecentes ainda não me faz uma desvirtuada, mas com certeza terei de dobrar o número de “Pais Nossos” como penitência quando me confessar com o padre.

Pego o leque e me abano, afinal, o que uma donzela de boa família poderia fazer a não ser se abanar quando seu parceiro na causa abolicionista beijava divinamente bem, mas era tão impróprio para o casamento?

Se abanar e torcer para que a abolição da escravidão acontecesse o quanto antes.



Olho-a do outro lado do salão, tão formosa que custo a acreditar que se trata da mesma dama de língua fiada e olhar desafiante. Violeta Carvalho de Almada, por que tem que ser uma nobre? Uma tão metida e efusiva dama da Corte?

Tudo seria mais fácil se não passasse da filha de um comerciante ou mesmo de um médico, talvez de um advogado republicano. Não, tinha que ser a filha de um fidalgo português que apesar de simpático à causa abolicionista, lutava bravamente contra a República, e inutilmente também.

— Pare de resmungar, Fernão! — Danilo me oferece um copo de vinho do porto e acabo aceitando a oferta por consideração, já que o gosto encorpado da bebida nunca me agradou. Mas não posso ser grosseiro e bebo o líquido em um gole só. — Já a avisei! — Olha em direção à filha do Visconde de Cerveira e

acabo preso em sua silhueta magnífica.

Violeta não poderia passar despercebida e havia escolhido trajar um vestido com decote que revelava além do que o decoro permitia, deixando todos os cavalheiros ansiosos por uma valsa.

— Que inferno! Como o Partido pôde confiar assuntos tão importantes a uma destrambelhada como Violeta? – Reclamo alto e por puro despeito, admito.

Desde que a beijei, tenho pensado em demasia na dama de pele macia e boca forjada para o pecado. Uma boca virgem cuja prática a deixaria esplendorosa. Tenho para mim que Violeta se converterá em uma amante voluptuosa para seu marido. Uma grande lástima que donzelas da nobreza se mantenham castas para seus maridos.

— Quem sabe depois que for desposada possa seduzi-la! – Danilo bate no meu ombro e só então me dou conta de que havia pensado alto. — Você mesmo já levou para cama algumas jovens viúvas.

— Jamais mulheres casadas. Prefiro não criar problemas com seus maridos, cujas riquezas são investidas em meu banco. Bem sabe que não misturo prazer com negócios. – Pontuo com os olhos ainda grudados em Violeta.

— Mas como tenho dito, a Senhorita Violeta foi avisada de que o meu amigo será seu novo parceiro por tempo indeterminado e não gostou nada da notícia.

— Nos odiamos! É praticamente um inferno trabalhar com uma matraca do lado. – Danilo solta uma gargalhada, fazendo pouco caso de minha queixa.

— Não seja um exagerado! Desdenha da moça, mas penso que a deseja, caso contrário não estaria a divagar sobre a possibilidade de lhe ser imprópria como esposa. – Danilo volta sua atenção à pista de dança, no momento em que Violeta acabava de trocar novamente de par. — Porém, tome cuidado com ela, meu amigo! A caçula do velho visconde é conhecida nas altas rodas como uma verdadeira raposa para encontrar maridos. Não me admiraria se acabasse casado com a filha de um monarquista.

— Pois se acabar casado com uma dama afetada como Violeta Carvalho de Almada, a culpa será toda sua.

— Minha? – Danilo, como o brilhante causídico que é, se faz de desentendido, voltando totalmente a atenção para uma jovem de beleza estonteante que acabava de cruzar o salão, como se estivesse a fugir de algo.

— Claro que sua! Porque me jogou no colo de Violeta, a sua parceira na missão. — Fecho a cara, disposto que compreenda o quanto me desagrada ter que ser obrigado a aceitá-la.

— Mas não fui eu quem se enamorou por ela, Fernão! — Danilo quase quebra o pescoço apenas para continuar acompanhando a dama com os olhos.

— Pois quem está enamorado é você, caro amigo! E justo pelo desperdício da temporada.

— Até você com essa ideia estapafúrdia. — Meu amigo parece irritado, e se isso não é estar interessado por uma dama, não sei o que mais poderia ser.

— Te digo, Danilo, se metade do que falam de Manoela Martins for verdade, prefiro enfrentar Violeta e seus delírios. — Solto uma gargalhada, desejando-lhe boa sorte, por que eu com certeza irei precisar e da ajuda extra das forças ocultas para poder resistir à tentação que usava saias e se exibia como um pavão de jardim no salão.

Danilo parte, muito provável que em busca de Manoela. Não havia revelado muito aos amigos, mas sabíamos que Danilo estava ajudando uma dama com uma causa misteriosa, e a julgar pelos olhos de cobiça dele sobre a filha de Doutor Martins, essa dama poderia ser muito bem Manoela, a mais disputada jovem na última temporada, cujos olhos azuis como dois pedacinhos do céu eram cantados pelas bocas dos poetas mais ilustres da Corte. Belíssima é pouco para qualificá-la, porém, seu intelecto e a criação liberal dada pelo pai a fizeram uma mulher cheia de ideias, que colocaram para correr muitos dos seus pretendentes.

Olho para o outro lado e observo Cumberland empenhado em cativar a atenção da dama de companhia de Violeta. De nós três sempre foi o mais libertino, sem escrúpulos quando dizia respeito à arte de seduzir.

Volto minha atenção para minha parceira de missão e considero a possibilidade de tirá-la para dançar antes que outro a carregasse novamente para o centro da pista de dança. Temos que dar andamento à missão e descobrir os próximos passos dos escravocratas.

— Com licença, Senhorita Violeta! — Ela se volta para mim num farfalhar de saias engomadas. Eram tantas camadas de tecido que poderia se perder facilmente. — Dar-me-ia a honra da próxima dança?

— Até que enfim! — Ela aceita minha mão sem qualquer recato, escondendo

o rosto por trás do leque como se estivesse a flertar comigo. Sim, ela é perita em interpretar cenas e das mais variadas espécies. Suponho que dessa vez me julgue como mais um dos tolos que ela faz de gato e sapato. Pobre desses rapazes que a bajulam noites e noites, baile atrás de baile, para no final ser eu a beijar-lhe. — Descobri algo extraordinário. — Ela fala efusiva e acabo atingido pelo seu delicado cheiro de lírio. Mas é o decote estonteante que chama minha atenção, despertando sentimentos impróprios para se ter com a filha de um visconde.

— Acredito que o mais apropriado é me deixar conduzi-la. — Violeta me forçava entre os casais, dando a direção dos passos, como se fosse o homem do par e não a mulher. Acaba corada ao se dar conta da gafe.

— Perdoe-me, Senhor Gusmão de Albuquerque! Estou deveras eufórica com a descoberta e como deve saber tenho apenas irmãs e praticávamos a dança uma com a outra, o que nos forçava eventualmente a fazermos o papel do cavalheiro. — Ela justifica a gafe e acabo admirando-lhe as faces tingidas de vermelho. Nem o pó de arroz que usava foi capaz de esconder suas pequenas sardas que salpicavam a pontinha de seu nariz.

E eu acabo de constatar que havia deixado o juízo de fato em casa ao aceitar ser seu parceiro de missão e ainda a lhe admirar as sardas, como se não tivesse mais nada de útil a fazer na vida.

— Ainda bem! — Reviro os olhos e Violeta percebe meu divertimento, fazendo questão de pisar em meu pé, por ser uma víbora quando se trata de vingança. Pise na bola com uma dama da nobreza e terá seu sapato arruinado. — Pensei que pudesse estar insinuando que sou um péssimo dançarino. — Provoco-a porque sou incapaz de resistir à tentação de vê-la faiscar de raiva.

— Já dancei com melhores, mas não é assim tão horrível como par. — Não falo que é impertinente quando desafiada. Eu deveria evitá-la e apenas tratar de negócios. Mas é impossível! Toda vez que a vejo, algo me impele a provocá-la e quando ela aceita a provocação meu sangue escalda. — De outra banda, devo parabenizá-lo pelo belíssimo traje.

— Sou-lhe grato pela lembrança, senhorita! Pedi para que um dos meus criados separasse um dos meus melhores trajes, tudo para agradá-la, já que seremos parceiros. — Retruco-a e ela aceita o desafio.

— É claro que deveria fazer também uma visita a um bom barbeiro, a fim de mudar o corte de cabelo. — Giro-a e a puxo para mais perto do meu corpo, tão-somente para poder fitá-la, olho no olho.

— O que tem meu cabelo? – Questiono-a interessado, apenas para ouvi-la, já que sabia que a maioria das pessoas me comparava a um pirata por insistir em manter os cabelos mais compridos do que o costume.

— Um banqueiro não pode ter a aparência de um pirata. – *Touché!* — E um homem de negócio deve prezar pela sua boa aparência.

— Sequer é minha prometida para se julgar no direito de dar pitaco em meu cabelo. – Respondo, fazendo questão de afrontá-la e seus olhos faíscam, do jeito que tanto aprecio.

— Pitaco? Oras, só mesmo um burguês pode usar palavreado tão chulo com uma dama como eu. – Pisa novamente em meu pé, e dessa vez foi justo naquele que tem um calo dolorido, inferno.

— Se meu palavreado lhe ofende, deveria reconsiderar a decisão de se juntar à causa abolicionista. – Quem sabe a faria mudar de ideia antes de me ver dentro de uma confusão sem precedentes.

— Jamais! A causa é maior que a delicadeza dos meus ouvidos e também não pretendo lhe dar o gosto de se livrar de mim, Senhor Gusmão de Albuquerque. Terá que trabalhar comigo e isso já é uma questão de honra. – Brada determinada a me enlouquecer, só pode.

— Pois que seja, parceira! Diga-me logo o que descobriu. – Quanto antes ela revelasse, antes eu me veria livre de sua presença sufocante e deveras perfumada. Como uma mulher pode cheirar tão bem?

— Não sei em que mundo o senhor tem vivido, senhor, mas costumamos tomar banho com sabão perfumado em minha casa. – Eu havia me delatado novamente, tudo porque não consigo me livrar do péssimo hábito de pensar alto. — Não descobri muita coisa, apenas que haverá um descarregamento de um novo lote de escravos.

— Precisamos saber mais, como as coordenadas do atracadouro do navio negroiro.

— Irei descobrir, porém, preciso dançar com Haroldo Almeida. – Aproxima-se do meu ouvido para falar e acabo sentindo a excitação tomar forma dentro das minhas calças quando lembro do beijo que trocamos.

— O filho do tabelião? – Pergunto na tentativa de me manter focado e parar de pensar em libertinagem com a filha de um visconde influente como o Cerveira.

— O próprio! Penso que terei que convencê-lo a levar-me para um pequeno e discreto passeio pelas alamedas pouco iluminadas dos jardins dos anfitriões desta noite. Entretanto, o que mais me preocupa é que terei que aguentar o péssimo hálito do meu acompanhante.

— Devo estar com problemas de audição! – Sim, devo mesmo, porque Violeta havia perdido o juízo completamente. — Está mais preocupada com o mau hálito do cavalheiro do que com a própria reputação. E se ele se aproveitar da senhorita?

— Não seja um exagerado! É claro que o senhor poderá nos acompanhar a uma distância segura.

— Eu? – É louca de pedra.

— Sim o senhor! Não é meu parceiro? Parceiros se ajudam, penso eu. – A música finda e Violeta me dá as costas, determinada a ir se refestelar para o dito do Almeida, deixando-me sem saber o que fazer a não ser segui-la como um cãozinho de guarda.

Magalhães haverá de me pagar com juro e correção monetária. Como conseguia lidar com Violeta, como controlá-la? É um furacão em forma de mulher!



O pior de minha vida dupla como espiã dos abolicionistas era suportar cavalheiros com mau hálito. Com certeza, se não fosse a necessidade por informações, jamais aceitaria flertar com o filho do tabelião Almeida. Um homem deveria ser proibido de comer alho antes de um baile. Misericórdia!

Graças a todos os Santos e Santas, o quarteto de cordas havia executado a última nota e dada por encerrada nossa dança. Mais um pouco respirando um ar tão fétido me faria desmaiar e a vergonha seria imensa.

— Não está com calor, Senhor Almeida? – Pisco por trás do leque, tentando seduzi-lo e também como uma maneira de proteger-me do seu terrível hálito.

— De fato, está uma noite abafadiça em demasia. – Ele responde de forma

educada. Seria um bom partido, se não lhe fosse o péssimo hálito, coitado.

— Como sempre! — Fecho o leque e volto a sorrir-lhe para que consiga compreender minha insinuação. Procuro com os olhos por Fernão, esperando que já esteja a postos. — Não lhe seria agradável um passeio no jardim? Disseram-me que há uma fonte iluminada encantadora, uma excentricidade da anfitriã da noite.

— Desde que a senhorita me dê a honra de sua companhia. — Ele sugere e eu acabo enlaçada em seu braço antes que reconsidere.

Fernão nos acompanhava a uma distância segura, com cara de quem havia comido e não gostado e só me perguntava o que levava um homem ser tão azedo na vida. Burgueses deviam se ocupar em demasia dos negócios e perdiam o jeito para socializar. Era-me a única explicação plausível para ele.

— Sabe, Senhor Almeida... — Viro-me discretamente para fitá-lo de esguelha, fazendo-me misteriosa, já que os homens sempre acabavam atraídos por mulheres assim. Um bom flerte me renderia ótimas informações à nossa causa e não seria louca em não usar de todas as minhas habilidades para a conquista.

— Apenas Haroldo, se não se importar! — Ele aparenta estar caindo em minha lábia.

— Oh sim, Haroldo, impressionou-me tanto seu discurso junto ao Senhor Pereira do Prado. — Suspiro languidamente a fim de que se deixe convencer de minhas boas intenções. — Pretende participar de uma missão tão arriscada e... Oh, Haroldo é um ato tão heroico de sua parte.

Volto a me enganchar em seu braço para que pudéssemos continuar com nossa caminhada. Levemente, giro a cabeça para trás a fim de procurar Fernão, e para meu alívio ele nos seguia discretamente, parando hora ou outra para disfarçar.

Como vários casais faziam o mesmo passeio, acreditava que minha escapadela ao jardim na companhia de Haroldo Almeida não daria muito o que falar. Eu sabia que estava arriscando muito, talvez me custasse um escândalo e um casamento com um cavaleiro de mau hálito. Mas também confiava na proteção de Fernão e de que ele não hesitaria em vir ao meu socorro.

Não sei quando eu havia me transformado em uma inconsequente. É certo que sempre tive uma mente deveras aguçada e ideias nunca me faltavam, mas

comprometer minha reputação assim... Não, nunca cheguei a tanto e nem quero ter que enfrentar a fúria de papai se acabar envolvida em uma confusão sem precedentes. É bem capaz de me enviar para um convento, porque jamais aceitará um escravocrata como genro. Nem um republicano. Olho para Fernão com o canto dos olhos e rezo, porque só me cabe orar e pedir por proteção divina.

— Como estava dizendo, me foi impossível não o admirar em aceitar empreitada tão heroica. — Volto a elogiá-lo, pois precisava que confiasse em mim antes de tudo. Não me ajudava em nada ser filha do Visconde de Cerveira, amplamente conhecido por defender a causa dos negros.

— Será uma grande empreitada, Senhorita Violeta! — Haroldo acaricia minha mão e sinto calafrios, mas não os do tipo que foram provocados pelo toque de Fernão e desconfio que o medo havia me gelado a espinha. — E sinto-me honrado em participar, pois o futuro de nossa economia depende disso. — Poderia dar-lhe uma cuspida só para aprender a usar o cérebro para pensar. Como pode acreditar que uma economia possa ser próspera se utilizando de mão de obra escrava? Jamais será apagado da história do Brasil a triste sina dos africanos feitos cativos por meus conterrâneos e trazidos para servirem como força de trabalho sem qualquer dignidade. Sou portuguesa, amo o solo brasileiro como se aqui tivesse nascido, mas me orgulho de meu pai jamais ter compactuado com a escravidão. Nem sempre os Carvalho de Almada pensaram assim e foi graças aos estudos de papai na Inglaterra, onde a abolição da escravidão havia chegado antes, que o fez reconsiderar e negar a exploração dos africanos. — Não te importa o fato de que pretendemos traficar negros para nossas fazendas? Afinal, é filha de um abolicionista.

— Oh... — Preciso me fazer de desentendida e por mais que odeie demonstrar pouco conhecimento, deveria fazê-lo pelo bem dos negros. — Sou apenas uma dama, Senhor Almeida... Quero dizer, Haroldo. Não entendo de economia e não tenho por costume me envolver com os negócios de meu pai. — Sinto-me aliviada quando chegamos à fonte iluminada e também porque Haroldo, o fedido escravocrata, parece ter caído em meu engodo.

— É uma dama exemplar, senhorita! Revela bom senso ao deixar assuntos assim aos homens. — Reviro os olhos com tamanho disparate e torço que um dia as mulheres conquistem mais apenas para provar que são capazes de pensar. Mas que continue a pensar assim e logo terei todas as informações de que preciso. — Fico feliz que estejamos a sós. — Olho em volta e todos os casais haviam desaparecido. Engulo em seco procurando com os olhos meu parceiro na missão.

Deve estar camuflado entre os arbustos que nos cercam.

Haroldo se aproxima mais de mim, levando minha mão aos lábios. O infame acaricia meu rosto para logo em seguida descer com a mão até meu decote. Viro-lhe o rosto em busca de ar puro, porque a fedentina saída de sua boca é insuportável. Que ele não ouse tentar me beijar ou juro que lhe darei uma joelhada.

Odiaria ter que partir para a violência, pois sou uma dama antes de tudo e damas não costumam sair por aí agredindo pessoas. Recordo-me das pedras que carregou dentro da bolsa, uma indicação de nosso pai. Sempre se preocupou com nossa segurança e nos deu algumas pedras a fim de serem guardadas em nossas bolsas. Haroldo que ousasse avançar os limites do decoro com minha pessoa e lhe daria uma pequena amostra do poder beligerante de minha pequena bolsa.

— E quando e onde se dará a demonstração de braveza? – Tomo fôlego imaginando estar dentro de uma banheira de rosas e volto a lhe fitar nos olhos sempre sorrindo e batendo os cílios de forma coquete.

— Dar-me-ia um beijo se lhe contasse? – Ele pergunta provocativo, acariciando minhas costas com movimentos circulares.

— Um beijo? – Espalmo minhas mãos sobre seu tórax na tentativa de afastá-lo. Não poderia me deixar beijar. Apesar de que eu poderia obter uma informação preciosa e provaria a Fernão que sou uma habilidosa espiã.

— Sim! Um beijo e nada mais. – Ele fecha os olhos, já se preparando para me beijar.

Que horror! Como posso ser capaz de beijar um homem com hálito tão ruim? Terei que lavar a boca com soda depois. Cruzes!

Mas o que seria um beijinho dado em um homem fedido diante do prazer de ouvir Fernão me dar os parabéns?

Minha alma trava uma briga ensandecida com minha razão. Eu não quero beijar um fedido, mas quero muito a informação.

— Oh, Haroldo! Seria um grande prazer para mim ser beijada por um herói da pátria como o senhor. – Reconsidero a decisão e acabo me livrando do aperto de seus braços. Preciso respirar ar puro por míseros cinco minutos antes de beijá-lo. — Diga-me onde atracará o navio negreiro e te darei o beijo.

Haroldo me puxa pelos braços, fazendo com que me choque contra os ossos de seu peito. Diferentemente de Fernão, não existem músculos ali, tão somente

ossos e banha. Acabo me sentindo decepcionada, mas será o preço que terei que pagar.

Ele sussurra o local ao pé do meu ouvido, colando-se aos meus lábios a fim de exigir sua recompensa. Sou tomada pelas náuseas provocadas pelo cheiro de sua boca. Tento me soltar, livrar-me de seu toque horripilante, mas nada parece ser capaz de afastá-lo. E quando está prestes a enfiar sua língua dentro de minha boca, como se Deus houvesse sentido pena de mim, uma pobre mortal em defesa de seus filhos na terra, o afasto para longe.

Abro os olhos e, Jesus Amado, Fernão o matará.

— Pare com isso! – Digo-lhe antes que comprometêssemos a missão.

— Como ousa tocar em uma donzela? – Fernão xingava Haroldo enquanto seus punhos o atingiam sem trégua todas as partes do corpo do cavaleiro. — Exijo que se retire daqui e nunca mais ouse se aproximar da Senhorita Violeta.

— E quem o senhor pensa que é para defender a honra dela? Seu pretendente? – Haroldo não tem amor à vida, desconfio. Acabou por aguçar ainda mais a raiva de Fernão. — Pois saiba que Cerveira nunca dará a mão de sua caçula a um burguês sem título.

— Fernão, por favor! Não dê ouvidos ao que ele diz. – Tento puxá-lo para um lado, pois não quero ter que testemunhar um assassinato. Não mesmo!

Mas ninguém parece querer me ouvir. Homens tolos, sempre a agir como bárbaros.

Jogo-me nas costas de Fernão, sem pensar duas vezes. O meu peso o desestabiliza e acabamos os dois rolando pelo chão de gramado, dando tempo para que o escravocrata fugisse, como o fracote que é só por imaginar que a escravidão seja a solução para nossa economia.

As várias camadas de tecidos de minha saia acabaram por amenizar nossa queda e terminamos os dois embaixo de uma estrondosa árvore diante da escuridão. Eu poderia me sentir amedrontada já que Fernão, um homem grande, forte e dotado de músculos tão... tão bem definidos me pressionava contra o gramado já molhado pela relva da noite.

Mas não estava! Nem um pouco!

Ao contrário, sinto-me tão magnificamente plena.



— O que pensa que estava fazendo, seu maluco?! – Fernão merece um bom puxão de orelhas por agir como um bárbaro sem qualquer resquício de civilidade.

— Ele iria te beijar, inferno! – Cospe as palavras com raiva e não consigo lhe compreender.

— Um beijo em troca de uma informação preciosa. Pense, Fernão, o quanto meu esforço valeria a pena. – Uso a ponta do dedo para apontar-lhe na cabeça.
— Pense usando o cérebro de vez em quando! Nem parece que é um banqueiro bem-sucedido.

— E sua reputação acabaria arruinada ou não percebeu as segundas

intenções dele?! – Ele resmunga algumas blasfêmias que prefiro não dar ouvidos, sim, porque meus ouvidos se recusam a gravá-las. — Claro que não! Estava mais preocupada com a nossa causa do que com a própria reputação. E se alguém os surpreendesse? Teria que se casar com ele, Violeta! Com um homem de hálito ruim. Inferno, ele deve comer carniça.

— Pois te falei que não havia hálito pior e você ainda riu. – Acabo rindo. Não devia, eu sei.

— Ninguém poderia nos surpreender já que você ficou responsável por me avisar. Me avisar, veja bem, e não quase matá-lo. Mas o que importa é que tenho a informação.

— E não precisou beijar um porco fedido! – Fernão sorri e acabo capturada pela beleza de seu rosto quando se aproxima mais.

A luz do luar lhe deixava tão fascinante... Muito sedutor também, mas eu não devia ficar ali embaixo dele contando as rugas que lhe deixavam tão incrivelmente atraente.

— Poderia maneirar no uso das expressões de baixo calão?

— Esqueço-me de que minhas palavras de plebeu ofendem teus exigentes ouvidos de dama fidalga. – Ele ainda debocha, o desgraçado. — Perdoe-me, *milady*!

Eu deveria rechaçá-lo antes que ele voltasse a me beijar. No entanto, meus olhos eram incapazes de desviar de sua boca, onde lábios convidativos me faziam considerar a ideia de deixá-lo me provar mais uma vez.

— Fernão! – Engulo em seco, sempre na tentativa de fazer o certo. Mas o que viria a ser o certo quando meu corpo queria algo que eu não conseguia entender?

— O quê? – Ele pergunta com os olhos vidrados, duas bolitas de vidro, que ainda seriam minha perdição. Fernão poderia ter me livrado do gosto de alho da boca de Haroldo Almeida, mas eu não estava tão certa de que ele mesmo desejava se livrar de mim, nem eu dele.

— É melhor nos separarmos. – Preciso deixar o juízo agir. Ah, como preciso. Deus está de prova que tenho tentado deixá-lo cumprir com seu trabalho. — Não há razão para mantermos um diálogo embaixo de uma árvore com o senhor me esmagando. – Ele não me parece disposto a me livrar de seu contato, longe disso, acaba me esmagando ainda mais contra o gramado e bem

sei que acabarei com o vestido arruinado. — Aprecio muito seu ato em me salvar de destino tão cruel, mas veja bem...

— Por favor, Senhorita Violeta, cale-se por alguns minutos. — E assim cola seus lábios nos meus, exigindo de mim mais do que poderia entregar.

Seu gosto não me lembrava o alho, nem pensar. Havia mascado uma folha de hortelã e lá no fundo ainda podia sentir o gosto do conhaque que talvez havia bebido depois do almoço. Fernão me beijava, apresentando-me um mundo diferente, onde homens e mulheres poderiam ser mais um para o outro do que apenas um casal, ou mesmo um futuro casal.

Acabei enredada para dentro de um torvelinho de sensações, onde apenas nossos resmungos de prazer tentavam agir como um resquício de razão. Mentira! Não havia razão alguma no que compartilhávamos.

Era tudo menos razão.

Porque se fosse razão me impediria de deixá-lo me tocar tão intimamente. Suas mãos vagavam à procura de minha pele exposta e quando sua boca atingiu a altura do meu decote, sinto a umidade atingir o meio das minhas pernas.

— Esse decote, ah Violeta, esse decote é capaz de arruinar um homem.

— Não seja tolo! Um decote serve apenas para seduzir um marido.

— Tão esperta, mas tão ingênua. — Ele volta a beijar entre os meus seios e quando menos espero, Fernão os puxa para fora da taça e os acaricia com tanta devoção que apenas gemo despautérios, implorando para que acabasse com meu tormento.

Voltei a explodir no meio das pernas, mas já não me importava em tentar decifrar os sinais do meu corpo. Não haviam menções acerca disso nos compêndios que encontrei na biblioteca de papai, mas também livros de pecuária não eram as melhores fontes para explicar relacionamentos entre homens e mulheres.

— Por Deus, pretende me enlouquecer! — Exclamo totalmente à mercê de seu toque. Como podia me fazer sua escrava com tanta facilidade?

— Ainda mais do que é! — Resmunga sugando um dos mamilos enquanto o outro recebia as carícias de seus dedos. Fernão é dono de dedos deveras estimulantes e de uma língua forjada para o pecado, não tenho dúvidas.

Entreguei-me ao prazer que me era propiciado e delíciei-me de todas as

suas atenções, deixando-me envolver pela cadência das batidas de seu coração, por seu corpo ardente. Fernão podia ser burguês, mesmo um bárbaro, mas sabia muito bem enlouquecer uma mulher.

Puxei-o em encontro aos meus seios, deixando-me levar por algo que apenas encontrava explicação nos instintos. Meu corpo agia sozinho, impulsionado por alguma espécie de memória ancestral. Certa vez, Hortênsia havia me dito que o corpo da mulher saberia receber as atenções do marido e devia lhe dar os devidos créditos por brilhante constatação. E pensar que a julguei mal apenas porque acreditei que estava tentando me enganar, me passar um engodo para não me revelar o que acontecia na intimidade de uma cama.

Senhor, se embaixo de uma árvore já me era deveras prazeroso, imagino que no conforto do leito deveria ser o paraíso na terra.

Um paraíso que ainda não me pertencia.

— Fernão, por Deus, quase matou um homem para salvar minha reputação e agora comete o mesmo equívoco. — Falo, não querendo que se afastasse, mas o faço mesmo assim porque alguém precisa pensar novamente com a razão.

Para meu desapontamento, ele se afasta do meu corpo ardente, deixando-me tão ofegante que custo me dar conta de que estava nua da cintura para cima. E quando consigo voltar a pensar conscientemente, cubro-me da melhor forma possível.

— Não devíamos! — Ele evita me olhar, dando-me as costas.

— Claro que não, mas não consegue manter as mãos longe de mim. — Não o deixarei passar incólume do ato de seduzir uma virgem. Não mesmo.

— Desfila com um decote tão escandaloso e eu que sou o culpado.

— Meu decote foi apenas recortado para insinuar, insinuar, veja bem, o que não lhe dá o direito de arruiná-lo. Sim, porque olhe bem para o que fez com o meu vestido. — Estou muito brava. Fernão havia soltado os laços do meu espartilho e não seria capaz de fechá-lo sem ajuda. — Volte aqui e ajude-me com os laços do espartilho. — Exijo cada vez mais nervosa com a situação que já havia tomado proporções desastrosas.

Laura se zangaria com o estrago, as mexeriqueiras falariam e papai me colocaria de castigo por meses e justo no meio da temporada.

Jamais me casaria com Fernão a me tentar a todo momento.

De que me adiantava frequentar as missas de domingo, confessar-me com ardor todos os meses, sempre incluir em minhas preces para que Deus me livrasse das tentações, se a tentação tinha nome e sobrenome: Fernão Benício Gusmão de Albuquerque.

— A propósito, porque se chama Fernão Benício? – Pergunto enquanto o banqueiro trabalha para fechar meu espartilho e os vários botões do meu vestido arruinado.

— Vai implicar com meu nome também?! – Sei que pensou alto pelo timbre resmunguento de que se utilizou.

— É só uma combinação diferente. – Dou de ombros.

— Tão diferente como dar nome de flores para as filhas. – Foi sarcástico e devo dizer que foi bem feito para mim. Mas nunca aprendo a lição e sempre acabo me metendo em assuntos em que não sou chamada.

— Por favor, aperte um pouco mais!

— Vai sufocar! Como vocês mulheres conseguem respirar com uma coisa dessas a lhes apertar os pulmões?

— Não é assim tão abominável. Mas confesso que sempre que posso, evito usá-lo. – Em casa, costumava me fechar no quarto só de camisola para poder ler e não havia tempo melhor.

— Como fazem quando estão grávidas? – Fernão é curioso e acabo lhe respondendo.

— Não fazemos! Esquece que as mulheres grávidas evitam sair de casa assim que a barriga está crescida a ponto de não ser aconselhável o espartilho?!

— Minha mãe sempre saiu de casa.

— Mas sua mãe é uma burguesa e... – Levo a mão à boca a fim de me calar, pois já havia soltado o que não devia. — Perdoe-me, não quis soar mal-educada. Até simpatizo com as mulheres que precisam trabalhar, já que a elas lhe é dado ao menos o direito de mostrar suas barrigas de grávida para o mundo.

— Sabemos que não o fazem por escolha e se lhes dessem a chance de escolher, evitariam as ruas apenas para não serem julgadas por moças tolas como a senhorita.

— Eu uma moça tola? Pode me chamar do que quiser, menos de tola por não compreender a sociedade em que vivo. – Afasto-me do seu toque para que

não acabe novamente enredada pelo seu charme burguês. — Agora vá atrás de Laura, porque não posso retornar ao baile com o vestido arruinado e o penteado desfeito.

— Não posso deixá-la sozinha aqui fora! – Fernão me encara com olhos intransigentes, mas não tenho medo dele, não mesmo.

— Não posso chegar em casa sem Laura. Ela quem me ajudará a entrar pela porta dos fundos. – Empurro-o para que parta ao encontro de minha dama de companhia, mas ele não se mexe sequer um centímetro.

— Tenho dito que não arredarei o pé daqui. Já me basta ter me engalfinhado com o Almeida, aquele escravocrata infernal. – Fernão fecha as mãos em punho, revelando muito ódio e desprezo pelo homem. — Não pretendo passar a noite na prisão por balbúrdia.

— Faça como quiser, mas terá que me ajudar a chegar até meus aposentos sem ser vista e já adianto que minha irmã Rosa é uma verdadeira praga na terra. Sente o cheiro de encrenca de longe, ainda mais quando a minha pessoa está envolvida. – Tudo porque Rosa teme que eu acabe por comprometer seu casamento com o Capitão. Não vejo a hora de que se case e me deixe em paz. — E também terá que me prometer que dará um jeito de enviar Laura para casa sã e salva.

— Ela me pareceu bem esperta e acredito que saiba se cuidar.

— Sejam os claros! Quando me refiro a chegar sã e salva, quero dizer que Laura terá que chegar sem ter sofrido nenhum abalo emocional ocasionado por um certo duque libertino, que por um infeliz acaso do destino é sempre visto em sua companhia. – Ele ri ainda. — Não ria!

— Cumberland cuidará bem de sua dama de companhia.

— Tanto quanto o senhor cuidou de mim! Afff... – Dou-lhe as costas, tomando o rumo de onde os carros haviam sido estacionados.



Não poderia deixá-la para trás com um escândalo para enfrentar, mesmo que minha vontade fosse abandoná-la à própria sorte para que aprendesse a dar ouvidos quando lhe aconselhavam.

Não, ela não poderia me dar ouvidos, porque era mais teimosa que uma mula empacada e mais prepotente que uma rainha. Quem Violeta pensava que era para acreditar que um sujeito oportunista como Haroldo Almeida não perderia a oportunidade de seduzi-la?

Inferno, era um escravocrata e lhe seria uma grande honra desposar a filha do mais influente defensor da abolição. Um troféu que exibiria sem pensar duas vezes. E tudo porque Violeta não conseguia controlar a rebeldia que lhe tomava toda vez que se sentia pressionada.

— Não acredito! — Violeta bufa revelando frustração ao encontrar a porta dos fundos de sua casa trancada. — Bem que falei que devíamos ter ido à procura de Laura.

— Sim! Uma excelente ideia para darmos mais motivos para as fofocas. Olhe para a senhorita! — Tento lembrá-la de que sua aparência a delatava, mas acabo recebendo em troca um olhar de repreensão, que me lembrava de que eu havia colaborado para sua ruína.

O que podia fazer se não conseguia resistir à tentação de tocá-la, beijá-la? E que Deus me ajudasse porque ainda haveria de sucumbir ao desejo que me despertava! Como podia me deixar ser afetado tanto por uma dama da Corte cheia de melindres e manias irritantes?

— Por misericórdia! Pare de falar alto, Senhor Gusmão de Albuquerque. — Violeta volta a ralar e com razão, já que não lhe deve ser agradável confessar-lhe mesmo que entre resmungos que me sinto atraído por ela. Afinal, é uma donzela e das mais puras, não me restam dúvidas. Fogosa sim, mas inexperiente na arte do amor. — Terá que me colocar para dentro de casa.

— Como assim? Terei que lhe colocar? — Encosto-me em uma das laranjeiras do primoroso pomar de sua casa. Seu pai era um botânico e ali havia uma coleção das mais interessantes espécies de árvores frutíferas. — Não podemos simplesmente esperar por tua dama de companhia? — Pego uma laranja da árvore e brinco com ela.

— Não podemos, porque devia já estar dormindo há mais de hora. — A donzela leva as mãos até a cintura, desafiando-me com ardor nos olhos. — Pois vai me ajudar a subir até a janela do meu quarto e me colocar para dentro.

— Nem pense numa ideia dessas! E se a senhorita cair ou coisa do tipo? Acabarei na prisão pela acusação de sequestro seguido de lesão corporal. — Desconfio que nem Danilo será capaz de me livrar da acusação quando terei um visconde influente no meu pé, determinado a vingar a honra da filha.

— Deixe de ser um exagerado! — Eu exagerado? Violeta inventava moda e eu que era o exagerado! — Há uma árvore perto da janela do meu quarto e se me ajudar, conseguirei escalá-la com segurança. Só preciso de fortes braços para me estabilizar... — Violeta se volta para mim com seus olhos castanhos que me lembram o mel silvestre, que por sua vez me lembram a doçura de seus lábios e o quanto me foi prazeroso beijá-la. Acabo descendo o olhar até sua boca carnuda, deveras maior do que as mulheres costumam ter, onde poderia

encontrar a justificativa para que beijasse tão divinamente. — Ou está com medo de não ser capaz de me sustentar, Senhor Gusmão de Albuquerque? — Desafia-me com olhar de gata e das mais ariscas, o que me aquece por inteiro.

— Deus tenha piedade de mim quando a aceitei como parceira na missão! — Olho para o céu em busca de um milagre. E então me dou conta de que havia me transformado em um crente da noite para o dia e tudo porque Violeta perturbava meu juízo mais do que o recomendado.

— Vamos lá então! — Sigo-a e contornamos a casa até chegarmos em uma área próxima ao jardim, onde encontramos um pequeno coreto que a família devia usar para tomar o chá nas tardes abafadiças.

Violeta se agacha a fim de se livrar das sapatilhas e de algumas camadas de saias que acabariam por dificultar sua escalada.

— Olhe para o lado, por favor! — Exige como se não a tivesse visto com pouca roupa antes. Não só a havia visto, como a havia tocado sem qualquer respeito ao decoro.

Atendo-a para não dar início a mais uma discussão e nos atrasar ainda mais. Violeta acaba jogando as saias em minha direção para que eu as escondesse atrás de um grande vaso de plantas.

— Deixe-as aí escondidas que amanhã peço para que Laura venha buscá-las. — Ordena com propriedade, como se já houvesse se utilizado de tal artimanha.

— Impressão minha ou a senhorita já precisou utilizar a árvore para chegar aos aposentos? — Levo a minha mão ao queixo, pensativo e considerando as vezes que dama tão distinta andou aprontando por aí. — Quem diria, Senhorita Violeta?

— Apenas uma vez e foi uma necessidade para o bem da causa. — Ela responde com semblante avexado. — Doutor Magalhães precisou me livrar de situação delicada e me sugeriu que eu chegasse aos meus aposentos por meio da janela.

— Haveria de ter o dedo de Magalhães. — Pontuo intrigado e confesso que com um pouco de ciúmes.

— Não pense bobagens! — Ela ordena altiva. — Doutor Magalhães é um verdadeiro cavalheiro, gentil, educado e jamais ousou tocar em mim como imaginou. — Violeta foi esperta e conseguiu interpretar os sinais do meu corpo.

— Eu não pensei nada! Absolutamente nada! – Dou de ombros, mas ela solta uma gargalhada, que é abafada por suas pequenas mãos, agora descobertas por ter se livrado das luvas.

— Claro que pensou! – Ela teima, porque não seria Violeta se não teimasse. — É um homem e homens pensam bobagens o tempo todo. – Volta a sorrir e acabo sorrindo em resposta.

Tentei ajudá-la a escalar a árvore, mas o vestido continuava exageradamente bufante mesmo sem algumas camadas. O espartilho apertado também não ajudava em nada, limitando seus movimentos.

Não havia muito o que ser feito a não ser Violeta livrar-se dele por completo.

— Nem pense que irei ficar nua diante de ti! – Ela levanta as mãos, andando de um lado para o outro como uma histérica e eu apenas consigo imaginá-la sem o vestido, somente com a fina camisa que sei usar por baixo de tanto pano.

— Então, fique aqui e espere pela dama de companhia! – Solto a fim de provocá-la, incapaz de resistir a ideia de vê-la apenas com roupas íntimas. — Porém, não me responsabilizo quando os criados ou mesmo sua irmã se derem conta de que não está dormindo confortavelmente em seus lençóis macios...

— Pare, por favor! Vou tirar o vestido, mas se ousar comentar com alguém sobre isso, será um homem morto. Um homem morto! – Aponta o dedo em minha direção e acabo rindo de seu desespero. — Seu canalha! – Volta a me xingar apenas para o meu deleite.

Eu queria provocá-la sim, mas acabei vítima de minha própria ideia descabida. Precisei ajudá-la com os botões do vestido e laços do espartilho e a cada toque que meus dedos davam em sua pele macia e quente, meu corpo entendia que a queria. A excitação de despi-la me fazia enrijecer cada vez mais no meio das pernas e nem as mãos dariam conta de aliviar-me depois.

Deveria ter considerado tal situação antes de provocá-la, ah como deveria.

— Subirei antes! Assim poderei puxá-la pelos braços até o balcão. – Uma ideia que acabava de ter para ganhar tempo e aquietar-me. A última coisa que desejava no momento era que Violeta percebesse a dureza de meu membro apertado dentro das calças. Seria muito embaraçante, para não dizer vergonhoso.

Subi rapidamente entre os galhos e atingi a altura do balcão. Violeta repetiu

meus passos e quando me alcançou, a envolvi pela cintura e usando de um impulso nos atiramos para dentro do balcão. Acabamos aterrissando sentados no chão. Na verdade, Violeta havia se agarrado tanto em meu pescoço que acabou em meu colo, de frente para mim, totalmente petrificada ao sentir a dureza de meu membro contra sua barriga.

Aquilo estava sendo uma prova de fogo para mim. Se antes, com camadas e camadas de panos Violeta me era atrativa, apenas com uma fina camisa, sem espartilho, me era uma tortura.

Ela me fitava.

E eu acabei por puxá-la em encontro à minha boca, explorando-a com gosto, com ardor e deixando-me levar pela excitação de tê-la tão leve e deliciosa em meus braços.

Esplendorosamente quente.

Sensualmente atraente.

Acabei embasbacado com seu cheiro inebriante de lírios, vagando com as mãos em procura de sua feminilidade, como um pirata em busca de um tesouro.

Ela não me rechaçou e continuei a buscar, descendo com carícias até o meio de suas pernas, até arfar pelo desejo que me toma.

— Ohhh... – Ela deixa escapar um sussurro quando deslizo meus dedos sobre a extensão de sua intimidade, ainda sem atingir a abertura dos calções.

Sempre sem desgrudar de sua boca indecorosa, cunhada para enlouquecer um homem e falar demais. Ah, como Violeta falava demais, mas quando se entregava a um beijo, não haveria melhor beijoqueira em todo o Rio de Janeiro.

— Basta! – Levanto de supetão, empurrando-a para dentro de seu quarto e fechando-a lá dentro. Precisava me livrar de sua presença antes que o pior acontecesse e acabasse lhe tirando a honra.

Violeta me olha assustada entre o vidro que nos separava, confusa com o que acabou de acontecer e parecendo perdida. Sinto-me um completo cafajeste e considero a ideia de voltar a tê-la nos braços e dizer-lhe que tudo ficará bem, que assim será melhor para ela.

Sou um burguês e ela uma dama da Corte e nunca poderá dar certo.

Sim, é melhor deixá-la agora do que depois, quando o sofrimento poderá ser maior. Dou-lhe as costas e pulo do balcão em direção à árvore entre juras de

que não voltarei a tocá-la.



Uma dama pode perder sua paz de espírito quando toma a equivocada decisão de se deixar envolver por um burguês como Fernão Gusmão de Albuquerque. Não bastasse ter quase sido desonrada por um fedorento como Haroldo Almeida, quase me deixei seduzir por um banqueiro.

Um banqueiro republicano ainda por cima.

Apesar de tudo e de não ser nada recomendado manter pensamentos do tipo, só fiz reviver cada toque dele em minha pele por dias, sempre precisando me abanar para aplacar o calor que me tomava ao recordar de suas carícias em meu corpo quase nu.

Por isso que nós mulheres usávamos muitas camadas de roupas;

simplesmente para nos proteger dos dedos nervosos dos homens. Será que todos eram tão atrevidos quanto Fernão? Poderiam ser, eu não me incomodaria em absoluto em ter um marido tão dedicado às carícias com os dedos.

— Violeta! – Rosa me tira dos devaneios, porque não seria minha irmã se não me perturbasse, mesmo que estivéssemos em um passeio pelas alamedas frescas do Jardim Botânico e ela poderia tão-somente apreciar a paisagem e o clima ameno. — O que acontece contigo? Já é de feitio ser avoadada, mas nos últimos dias parece que anda no mundo da lua.

— Não seja tola! Estou apenas com cólicas. – Uma boa desculpa para evitar dar-lhe a resposta que tanto ansiava. Rosa sendo Rosa é deveras cansativo.

— Cólicas, Violeta? – Insiste porque é de Rosa que falamos, a irmã mais chata do mundo.

— Sim, cólicas! Não posso sentir cólicas, oras?!

— Pois está aprontando alguma das suas! – Minha irmã para a caminhada por desejar se sentar e apreciar o barulho das águas do chafariz principal. — Aprecio muito este lugar!

— Também gosto muito! – Solto embevecida pela beleza do lugar. O Jardim Botânico nos remetia às memórias da infância, quando papai nos trazia para passear. Era seu lugar favorito no Rio de Janeiro e aprendemos a amá-lo na mesma intensidade.

Acabamos as duas perdidas entre recordações e juro ter visto lágrimas nos olhos de Rosa, o que não é uma boa coisa, já que seus nervos não são dos melhores.

Tratei de puxá-la pela mão e tirá-la dali antes que fosse impossível fazê-la sorrir novamente.

Foi então que acabei esbarrando com Francisco Soveral, que nos ofereceu companhia. Concordamos, já que seria muito grosseiro de nossa parte não o aceitar como acompanhante. Rosa, a contragosto, aceitou o braço do filho do Marquês de Caravelas, sempre temendo que o noivo a recriminasse.

Jamais deixarei que um noivo ouse a mandar em mim.

Conversamos amenidades tão logo Rosa conseguiu se sentir confortável e se dar conta de que aceitar ser pajeada por um nobre cavalheiro não lhe prejudicaria o noivado. O que me fez esquecer que eu estava ali para poder receber recado da causa abolicionista.

— Que sorte tivemos, Magalhães! – Fernão se materializa na nossa frente e acabo corada pelo susto que levo e também pelas recordações de suas mãos em meu corpo, em partes tão íntimas que sinto vergonha em apenas lembrar. — Senhoritas Carvalho de Almada, Senhor Soveral! – Ele estende a mão para Francisco, que parece incomodado com o gesto. Mas sei que fez de propósito estender a mão, tudo na tentativa de incomodar nosso acompanhante.

Danilo se adianta e conserta o estrago do amigo.

— Podemos nos juntar aos senhores no passeio? – O advogado fala oferecendo o braço à minha irmã que acaba aceitando sem jeito, sempre a temer sobre que o noivo poderá pensar.

Aceitamos a companhia dos cavalheiros. Rosa enganchou-se na segurança do braço de Danilo, um cavalheiro muito respeitado, e eu continuei a ser pajeada por Francisco e era melhor assim, porque caso tivesse que aceitar o braço de Fernão, nem saberia dizer o que seria capaz de fazer.

Mas o desconforto de Fernão por não ter um par lhe era visível, e bem feito. Quando tomasse juízo e aprendesse a respeitar as damas, ninguém o evitaria como par.

Era claro que em algum momento, teríamos que trocar de par, pois precisava me aproximar de um dos dois a fim de receber o recado. Como faríamos a troca, não fazia ideia e a julgar pela cara dos cavalheiros, nenhum fazia ideia também. Caberia a mim inventar alguma coisa para poder me aproximar deles e assim conversarmos discretamente, sem levantar suspeitas.

— Os senhores não estão com sede? – Pergunto me abanando com o leque.

— Eu não estou com sede, Violeta! – Rosa se adianta na resposta e acabo por repreendê-la com o olhar. Ainda bem que não quis se envolver com a causa abolicionista ou teria sido uma tragédia. — Aliás, já devíamos ter retornado para nossa casa.

— Ah, querida, um refresco não haverá de nos atrasar. Não acha, Senhor Soveral? – Pisco para o filho do marquês.

— Infelizmente, não poderei acompanhá-los! – O cavalheiro responde e *touché*, livrar-me-ia dele como num passe de mágica.

Despedimo-nos junto ao portão do Jardim Botânico e Fernão assumiu o lugar de Francisco. Era-me preferido que Danilo o tivesse substituído, mas Rosa grudou-se a ele como carrapato, tudo porque temia ser vista de braços dados com

um burguês. Se ela soubesse o que os burgueses eram capazes de fazer com os dedos... E com a língua... Desconfio de que iria reconsiderar.

— Como tem passado, Senhorita Violeta? – Fernão sussurra no meu ouvido. — Ainda escalando as árvores do jardim impressionante de teu pai?

— Seu abusado! Bem sabe que foi uma emergência. – Respondo contrariada pela petulância do comentário. — Se tivesse sido menos... – Atrapalho-me com as palavras. — Menos atrevido, nada daquilo havia se feito necessário. Aliás, proíbo-lhe de me tocar novamente daquele jeito. – Misericórdia, havia enlouquecido ao comentar algo tão impróprio e acabo tomada de vergonha.

— Por quê? Pensei que havia apreciado meu toque em sua pele. – Volta a sussurrar o infeliz e acabo com os pelos do corpo eriçados.

— Seu infame! Sou uma dama de conduta ilibada e não pretendo me deixar arruinar por um sujeito que não tem um pinga de respeito.

— Assim me ofende, Senhorita Violeta!

— Foi para ofender! Pretendo chegar ao casamento pura e intocada, mas do jeito que o senhor parece determinado a me arruinar, tenho que me precaver.

— Tão direta, mas tão inocente! – Seus olhos brilham em divertimento e acabo corando mais. Como posso me deixar afetar tanto por ele? Como pode me fazer sentir tão vulnerável? Em sua presença, perco a compostura e acabo aceitando seus jogos pervertidos. — Não te falaram que pode desfrutar da companhia masculina sem comprometer sua pureza?

Meu queixo cai diante de tanto atrevimento. Procuro as palavras, não as encontro e acabo enraivecida pela falta de conhecimento sobre o assunto. Não faço a mínima ideia do que ele insinuou e isso acaba me deixando muito nervosa. Não há coisa pior para uma garota do que não ter ideia do que lhe insinuam.

— Posso ser inocente para muitas coisas, mas isso não me faz uma tola. – Dou-lhe uma pisada no pé e ele que cuidasse da própria integridade física, porque na próxima impertinência reconsiderarei meus gestos de dama e o acertarei na cabeça com a sombrinha. Homem infame, tão belo, mas tão infame. — Não quero que me ensine! – Respondo altiva. — É um péssimo professor, Senhor Gusmão de Albuquerque.

— Como? – Ele me olha espantado e sinto-me tão inteligente.

— Ensina-me as coisas pela metade e ainda pensa que é o melhor. Poupe-me, Senhor Gusmão de Albuquerque, mas se depender do senhor para aprender sobre as coisas entre os casais, terei de criar teias.

Ele solta uma gargalhada, porque é um infeliz presunçoso.

— Não posso lhe ensinar tudo! — Provocativo, ele desliza os dedos sobre meu braço e agradeço por ter escolhido um par de luvas compridas. — A senhorita poderá acabar apaixonada.

— Ah, claro! — Reviro os olhos. — É tão irresistível que teme quebrar meu coração. Quanta consideração de sua parte, Senhor Gusmão de Albuquerque! Mas temo desapontá-lo ao revelar que não sofrerei deste mal.

— Não? — Ele abaixa a cabeça a fim de me fitar e eu acabo sentindo o coração falhar. Tudo porque Fernão é bonito e não há como negar isso. Algo dentro dos seus olhos mexem com minha libido. E como me proteger disso foi uma pergunta que havia me feito várias vezes durante os dias que se seguiram após a catástrofe de nosso último encontro.

— Claro que não! O senhor não é o tipo de marido ideal para mim. — Encaro-o determinada a ser ousada. — É claro que beija divinamente bem, mas isso não é o suficiente para um casamento ser bem-sucedido.

— Mas lhe seria um amante fervoroso entre os lençóis. — Misericórdia, quando seria capaz de ganhar uma dele? Nunca, devo admitir! O homem é um burguês e burgueses são homens sem escrúpulos, sem princípios, o que o faz não sentir remorso ao usar palavras tão impetuosas para se referir à minha pessoa. — Assustei-a? Perdão, Senhorita Violeta, sempre esqueço que é dona de ouvidos delicados.

— Pois devemos mudar de assunto! — Desvio de seu olhar. — E que fique claro que tolero sua presença porque os negros precisam de mim. Jamais fui tão ofendida em toda minha vida. — Solto frustrada e cansada de tentar alcançá-lo em diálogo tão prepotente.

Homem dos infernos!



Um mero diálogo e um cansaço mental impressionante. Fernão e suas palavras de cunho libidinoso me deixavam exausta, muito cansada e com o juízo afetado para ser sincera.

Ainda precisei ter que ouvir as lamentações de Rosa, que não se conformava em ter sido pajeada por dois republicanos. Explicar para ela que ninguém nos viu não lhe adiantou e desconfiava que acabaria amargando suas reclamações pelo mês que seguiria.

Felizmente, concordou em conversar com o noivo para que nos levasse ao baile no Palácio de São Cristóvão, um dos mais impressionantes eventos do ano e muito aguardado pela nata da sociedade carioca.

Sem qualquer dúvida, eu faria questão de comparecer e exibir-me como um pavão. Eventos do tipo sempre foram muito disputados pelas damas em idade de casamento e pares do Império se aglomeravam para encontrar uma noiva. Não seria tola em não me exibir, não mesmo.

Porém, no baile deste ano os abolicionistas contavam com meu auxílio, pois ali seria decidido uma grande empreitada pelos barões da escravatura. Usariam da boa vontade do Imperador em oferecer seu salão para tramar contra a causa abolicionista, e diziam que na mesma noite aproveitariam para desembarcar um grande lote de africanos para reforçar a mão de obra nos cafezais.

Uma judiaria que estava disposta a impedir, mesmo que precisasse sacrificar meu pescoço.

Nós abolicionistas estávamos preparando uma grande ofensiva, e tudo precisava ser repassado com grande dedicação para que não cometêssemos o equívoco de sermos surpreendidos.

— Usarei vermelho no Baile do Imperador e não se fala mais nisso! — Rodopio diante do espelho, encantada com o modelo que havia escolhido para a festividade. — Meu sonho sempre foi usar vermelho em um baile e não suporto mais ter que aguardar me converter em uma mulher casada para poder usar minha cor favorita. — Sei que devo ter soado exageradamente mimada aos ouvidos de Laura.

— Se todos os problemas do mundo se resumissem à impossibilidade de usar a cor favorita, creio que o mundo seria um lugar mais fácil de se viver. — Laura responde entre suspiros. Andava muito estranha nos últimos dias e tão arredia, esquivando-se de minhas perguntas a todo momento.

— Penso que tem andado muito na companhia de Rosa e acabou se deixando afetar por sua melancolia. — Comento ainda admirando-me no espelho.

— Pobre Senhorita Rosa! — Pobre de mim que tenho que aguentar irmã tão lamentosa. — Se ao menos o noivo decidisse marcar logo a data do casamento. — Laura me faz recordar de que o infeliz do Astolfo leva minha irmã em banho-maria. E tenho que conversar com papai a respeito, se não lhe abrir os olhos, ele não se dará conta de que Rosa sofre pela indecisão do noivo.

Sei que reclamo de minha irmã dia sim e dia não, mas a amo e não permitirei que a machuquem, nem mesmo um Capitão da Marinha que se acha a última cocada do tabuleiro. Rosa é uma dama bem educada e gentil, merece sim ser feliz, mesmo que com um homem de nome Astolfo.

— Terei que conversar com papai a respeito do noivado de Rosa. — Reviro os olhos, cansada do assunto “Rosa”. — Bem, já que decidimos meu vestido para o Baile do Imperador, temos que escolher algo para você.

— Não precisamos não! — Laura me olha apavorada, mas se pensa que a deixarei para trás está enganada.

— Preciso que me ajude com a causa abolicionista. — E também para não me meter em confusões com um certo banqueiro muito prepotente e charmoso, mas essa parte decido não contar. — Não pode negar auxílio a mim, sua melhor amiga. — Lanço mão da chantagem emocional a fim de convencê-la. Sempre dá certo e não haverá de não dar dessa vez.

Minha dama de companhia e melhor amiga decidiu por um modelo mais discreto em um precioso tom de azul, um bonito contraste com seus cabelos escuros como a noite. Cumberland haverá de cair duro quando a ver tão melindrosa, e eu farei questão de assisti-lo babando por ela.

Sim, porque me era quase certo de que os dois estavam envolvidos sentimentalmente. Laura nem parecia a garota cheia de energia que conheci. E nem as aulas que papai lhe pagou no Salão de Guignard lhe animou.

Coitada, nem a culpo, eu andava às voltas com sentimento do tipo. Estar envolvida romanticamente com cavalheiros impróprios nos custava muito de nossa disposição, como custava.

— Temos que pensar em um bonito penteado para você também! — Laura não poderia fazer feio, e com o cabelo magnífico que tinha um lindo coque com pequenos cachinhos que lhe caíssem suavemente pelo pescoço a deixaria irresistível.

— Não se preocupe com isso, Violeta! No dia eu penso em algo. — Ela responde acreditando que me daria por vencida. A queria linda, esplendorosamente bela, e não me daria por vencida jamais. — Não pretendo chamar muita atenção.

— Pois terá que chamar a atenção sim, preciso que desvie a atenção de mim. Só assim conseguirei cumprir com minha parte na missão.

— Jesus! Temo por você tão envolvida com os republicanos.

— Não tenho culpa se os mais corajosos dos abolicionistas também são republicanos. — Dou de ombros, tomada de um frenesi inquietante ao lembrar do mais petulante deles. Ah, Fernão, como você é impróprio!

— Só concordo com toda essa loucura porque desejo a libertação dos escravos.

— E também pretende se encontrar com um certo duque. — Levo as mãos à boca na tentativa de conter as risadas diante da cara de pavor de minha amiga. — Bem sei que os dois furtivamente têm se encontrado. — Todos me julgam avoada, mas esquecem que posso só fingir ser avoada para conseguir o que quero. Já dizia meu falecido avô, que Deus o tenha, o mundo é dos espertos.

— Sei que não devia, mas não consigo afastá-lo! — Laura senta ao meu lado na cama.

— Oh, pobrezinha! Homens como Cumberland são muito experientes e não medem esforços para nos seduzir, Laura. — Comento, lamentando minha tristeza quando o assunto é Fernão Gusmão de Albuquerque.

— Ele é um duque! Um duque, Violeta! Como pode estar interessado em uma criada de quarto tão simplória quanto eu? — Laura enche os olhos de lágrimas e meu peito aperta por vê-la sofrer por um amor impossível.

— Não seja tola! Nós duas sabemos que é mais do que uma criada de quarto e desconfio de que Cumberland chegou à mesma conclusão. És tão preciosa, Laura! Olhe para o espelho e perceba a mulher magnífica que é. — Aponto para o espelho, puxando-a para que reconhecesse a beleza que via. — Nenhum homem na face da terra é capaz de não se deixar afetar por tanta beleza.

— De que adianta a beleza se me falta o mais importante para podermos ficar juntos?! — Laura evita o espelho e me compadeço de sua dor. — Para o mundo de Matthew, sou uma plebeia.

Que tristeza quando um amor não pode ser vivido em sua plenitude.

Hortência, minha irmã mais velha, estava muito certa quando dizia que o amor era como um artigo de luxo, estava ali na vitrine disponível para todos, mas poucos poderiam tê-lo.

Uma verdadeira lástima.

— Deus se compadecerá de nosso tormento! — Dou-lhe batidinhas no rosto e abraço-a.

— Oh, não! Não vai me dizer que você também...

— Oh, sim! Tenho lutado com todo meu empenho contra o sentimento que um certo banqueiro me desperta, minha amiga. Bem sabe que papai haverá de

me deserdar se ousar imaginar que me enamorei por um republicano. Fará pior, desconfio, me enviando para Portugal para viver com uma de minhas irmãs ou com a tia Gertrudes. Misericórdia, Laura, ela fede a sapato mofado.

— Se ao menos pudéssemos trocar de par. – Laura sorri timidamente.

— Ah, não! Fernão é um banqueiro republicano sem classe, eu sei, mas ainda assim é mais atraente do que Cumberland.

— Não aos meus olhos! – Diz Laura mais animada.

— Pois ainda bem que não acha Fernão atraente, caso contrário teríamos um problema.

— Você não existe, Violeta! – Acabamos as duas abraçadas, somos amigas antes de tudo e uma poderá sempre contar com a outra, mesmo que viesse a ser apenas para desabafar.



Meus amigos me olhavam risonhos enquanto eu entornava uma caneca de cerveja. Estávamos sentados em uma taverna de quinta apreciando a prosa de Danilo. Havia se enfiado em uma confusão sem precedentes com Manoela Martins, a quem todos chamavam de desperdício da temporada.

— Tudo que falam da garota não chega perto da verdade! – Danilo bate com a caneca de barro na mesa de madeira bruta já enrubescido pelo torpor do álcool. — É o demônio em forma de mulher.

— Mulheres são como divindades na terra, meu caro amigo! – Matthew bate no ombro do advogado, que estava inconformado com a teimosia da dama em questão.

— Diz isso porque está apaixonado pela dama de companhia das Carvalho de Almada. Não que eu esteja apaixonado pelo desperdício da temporada. Que fique muito claro isso! — Danilo solta um soluço e considero a possibilidade de impedi-lo de beber mais uma caneca de cerveja.

— Uma mulher não pode fazer tanto estrago! — O duque insiste e Danilo revira os olhos.

— Conheça Violeta e saberá do que uma mulher é capaz! — Solto sem pensar e arrependo-me assim que os dois se voltam à minha pessoa com olhos curiosos.

— Até você, Fernão! — Danilo bate em meu ombro e acabo abrindo um sorriso de canto, esperando a piada sair de sua boca. — Mesmo assim, meu amigo, Violeta Carvalho de Almada é uma Santa perto da Senhorita Manoela Martins. Mulher dos infernos, nunca admite que está errada e se recusa a dar o braço a torcer de que precisa de meus préstimos.

— Pois eu não tenho nada a reclamar da Senhorita Laura. — Matthew diz sorrindo como um tolo apaixonado. Não costumava se envolver com donzelas e acabamos estranhando seu interesse pela dama de companhia de Violeta.

— Mulheres são seres mágicos e quanto mais difíceis se mostram, mais fascinantes as achamos. — Declaro ao me recordar das curvas macias de Violeta, de seu nariz arrebitado e de seus lábios de mel, tão carnudos e perfeitos para serem beijados.

— Tantas mulheres no mundo, tão mais fáceis e disponíveis, e fomos nos amarrar justo naquelas que nos são impróprias. — Matthew reconsidera, revelando preocupação desmedida por talvez estar enamorado por uma plebeia.

— Não posso estar apaixonado por Manoela! — Danilo deixa a cabeça cair em cima da mesa e já prevejo que terei que carregá-lo até sua casa. — Justo pelo desperdício da temporada.

— Mas veja pelo lado bom da coisa! — Nosso amigo da nobreza inglesa exige a atenção. — Se conquistar o coração do desperdício da temporada, será lembrado para sempre como uma lenda, aquele que tomou para si o coração da mais bela dama da Corte Brasileira.

— Deus que me guarde, mas não sei se chegarei a viver para me tornar uma lenda, caso venha a desposá-la. — Danilo bufar e gostaria muito de saber os detalhes de sua relação com a moça.

Tratei de mudar de assunto antes que eu acabasse me comprometendo também. Meus amigos revelaram seus sentimentos para com as damas, mas eu não desejava fazer o mesmo, não quando mal conseguia compreendê-los verdadeiramente.

Violeta me era intrigante e me fascinava cada vez mais. Respondia voluptuosamente às minhas investidas e me fazia desejá-la muito. No entanto, não poderia ser minha, nem como amante.

Não, como amante estava fora de cogitação.

Era-lhe esperado que se casasse com um par do reino e tivesse muitos filhos. Poderia, então, esperá-la e quando estivesse farta do marido, poderia seduzi-la para que me aceitasse como amante.

Outra ideia estapafúrdia!

Desde que a havia tocado intimamente no balcão de sua casa, sentido o calor de seu corpo grudado ao meu, só fazia ter ideias estapafúrdias. Era impossível me concentrar no trabalho e só não perdi dinheiro porque sempre fui muito sortudo.

Deixei Magalhães na porta da mansão de sua família e tomei o rumo de meu modesto apartamento. Apesar de ter mais dinheiro do que muito fidalgo, eu não fazia questão de viver cercado de luxo. Roupas limpas, um prato quente de comida e uma cama me bastavam.

Entretanto, não seria o bastante para Violeta. Criada em meio ao luxo, haveria de sonhar com uma mansão e muitas festas ali. Gastaria fortunas em vestidos e joias e ainda exigiria uma viagem para Europa todo ano.

Não estava disposto a pagar tanto por uma esposa e tentei me desvincilhar de pensamentos do tipo antes que acabasse louco de vez.

— Pretende mesmo pedi-la em casamento no Baile do Imperador? – Um par de cavalheiros conversava animadamente quando me aproximei de um carro de aluguel. Reconheci de imediato um deles. Tratava-se do presunçoso do Soveral.

— Sim! Violeta é o melhor partido da temporada e minha mãe gosta muito dela. – Responde-lhe Soveral e acabo com os pelos eriçados pelo ciúme que senti.

— Deve levar em consideração de que é filha do mais efusivo defensor da causa abolicionista. – O sujeito desconhecido assevera com preocupação.

— Justo por isso devo desposá-la e assim todas as preocupações quanto a nossa família serão desviadas. — O filho do marquês diz em tom zombeteiro, fazendo com que quase o pegasse pelo colarinho. Reconsidero, pois poderia colocar a perder a missão que levaríamos a cabo na noite do Baile do Imperador. — Meu casamento com uma de suas filhas haverá de aquietá-lo. — E assim os dois se afastam rindo à custa de Violeta, que não merece ser tratada com tanto desdém.

Violeta não poderia ser minha esposa, mas não a deixaria à mercê de um homem sem escrúpulos que a usaria apenas para conquistar a confiança de Caravelas.

Parti para minha casa indignado e mal consegui dormir tamanha era a raiva que sentia pelo que havia descoberto. Ninguém a tocaria, ninguém a macularia e ninguém a faria infeliz, nem que eu tivesse que morrer para isso.

Despertei na manhã seguinte com dor de cabeça, resultado da bebedeira e das poucas horas de sono dormidas. Vesti-me rapidamente e fui ao encontro de Danilo, que era quem saberia me ajudar com a descoberta. O partido também precisava ficar a par do que pretendia Soveral.

Encontrei o advogado degustando de um farto desjejum e juntei-me a ele, não recusando seu convite. Com olheiras profundas e um mau humor impressionante, Danilo mal conseguia manter seus olhos abertos.

— Cair na esbórnia não foi uma boa ideia. — Digo-lhe.

— Culpa dela! — Considero a possibilidade de meu amigo estar irremediavelmente apaixonado por Manoela Martins. — Mas o que te traz aqui tão cedo? — Massageia a cabeça enquanto brinca com os ovos mexidos em seu prato.

— Violeta!

— Você também! — Danilo me encara com olhar de piedade. — Diga-me, Fernão, o que essas mulheres fizeram para nos perturbar tanto?

— Não sei o que o desperdício da temporada possa lhe ter feito, meu amigo. — Solto uma risada e Danilo fecha a cara. — Quanto a mim, apenas estou preocupado com o fato de que Soveral pedirá Violeta em casamento apenas para ter o apoio de Caravelas.

— E o que temos que nos importar com isso? — O advogado dá de ombros, incapaz de raciocinar por estar afundado nas próprias mazelas. — Casamentos

são feitos dessa forma a todo momento na nobreza.

— Não permitirei que a usem como um troféu. Não percebe que Soveral é um defensor ardente da causa escravocrata? E que pretende com o casamento desviar a atenção de Caravelas? Bem sabe que o pai de Violeta tem movido o céu e a terra para punir os traficantes de negros. — Não sei por que estou perdendo meu tempo tentando explicar a delicada situação de Violeta quando Danilo apenas tem pensamentos para certa dama endiabrada que havia lhe jogado um feitiço.

— Não podemos nos envolver nisso! E quer saber o que penso? — Meu amigo faz uma pausa para tomar um longo gole de seu café. — Se te preocupas tanto com Violeta a ponto de não a querer casada com Soveral, case-se com ela.

— Claro! — Bufo pela impertinência do comentário. — Peço-a em casamento e sou escorraçado pelo velho. Ou esquece que somos republicanos?

— Melhor um genro republicano do que um maldito traficante de escravos.

— Não podemos provar que Soveral é um traficante. — Esbravejo esmurrando a mesa.

Violeta não merecia um destino tão cruel, merecia ser amada. Por mais que eu implicasse com ela, carregava dentro de si um coração benevolente e generoso, e se não fosse assim, não correria tanto perigo ao se envolver com a causa dos negros.

— Conseguiremos as provas, meu amigo! Na noite do Baile do Imperador os infelizes “negreiros” não nos escaparão. — Eu queria ter a mesma confiança de Danilo e assim acreditar que daríamos um grande passo rumo à liberdade dos africanos. Sei que ainda amargaríamos uma dívida sem precedentes, que nos custaria mais do que imaginávamos, pois a libertação dos escravos era apenas o primeiro estágio de uma longa caminhada.

Teríamos que assegurar-lhes trabalho digno e assalariado, e isso só era possível se lhes déssemos instrução. Muitos haviam sido tirados de suas vilas, forçados a trabalhar em uma terra desconhecida e com pessoas que falavam uma língua diferente. Haveria, ainda, muitas mazelas a serem curadas.

— Talvez esteja certo, mas o seguro morreu de velho, e prefiro ficar de olho em Soveral de perto. Afinal, Violeta é uma companheira e tem sido de grande valia à causa. — Danilo me encara com deboche. — Não ouse tecer qualquer comentário! — Alerto-o antes que tire conclusões precipitadas e volte a

mencionar que devo pedi-la em casamento.

Não poderia fazê-lo mesmo que quisesse. Violeta não serviria para ser esposa de um banqueiro rude como eu e eu não serviria para ser o marido fino que tanto sonhava em ter ao lado.



Acabava de aceitar a ajuda de Astolfo para desembarcar do carro com Rosa no meu encalço a reclamar como uma matrona velha, tudo porque não se conformava com a escolha da cor do meu vestido. Porém, eu não poderia usar outra cor a não ser vermelho. Era o Baile do Imperador e eu queria usar minha cor predileta e sentir-me estonteante.

O vestido era um primor. Seu corpo bem ajustado e decote princesa bem recortado valorizavam meu colo. As mangas curtas em renda irlandesa eram o arremate perfeito ao conjunto. Mas eu sabia que era a saia a grande protagonista do modelo, lisa e reta na frente para revelar toda a beleza da mais pura seda, caía em cascatas drapeadas na parte de trás, terminando em uma impressionante cauda.

— Pare de papagaiar! – Dou uma basta às reclamações de minha irmã, puxando Laura pela mão, já pensando em um modo de me livrar de Rosa e Astolfo com urgência, ou minha noite acabaria arruinada. Tudo porque havia decidido usar uma cor considerada escandalosa para uma donzela.

— Nem pense em sair do nosso lado. – Rosa me impede de realizar meu intento de fuga e acabo tendo que me conformar com sua companhia irritante. — Papai nos foi muito claro! Devemos ficar as três juntas e não pretendo desobedecê-lo.

— Não pode ficar grudada em mim o tempo todo! Precisa relaxar e apreciar a companhia do noivo. Quem sabe um passeio pelos jardins do palácio?! Dizem que Dom Pedro II mantém uma belíssima coleção de bromélias. – Rosa me olha assustada e aproximo-me de seu ouvido para cochichar. — Passeios em jardins são ótimos para conhecer intimamente o futuro marido. – Sinto um calor só em lembrar de meu último passeio na companhia de Fernão.

— Violeta! O que quer insinuar com sugestão tão imprópria? Tenho dito para papai que precisa ser menos negligente contigo. Tem abusado de sua confiança e se revelado uma péssima filha. – E o sermão continua para meu completo azar. Considero a possibilidade de sair à procura de chumaços de algodão para tapar os ouvidos e poupá-los dos discursos de Rosa, a mais chata das irmãs e justo a que me é a mais próxima em idade.

Não a respondi e tratei de tomar a direção do salão antes que acabasse lhe enfiando a bolsinha na cabeça. Dou uma rápida olhadela para trás e vislumbro um amontoado de carruagens, revelando que o Baile do Imperador seria um sucesso.

Dom Pedro II não era dado aos eventos sociais e preferia se isolar em seu palácio em São Cristóvão, que dificilmente era cedido para um baile. O anúncio de que haveria um baile ali foi recebido com grande admiração, deixando todos em grande polvorosa. Assim que os primeiros convites foram recebidos, damas e cavalheiros invadiram a Rua do Ouvidor como abelhas em busca do mel, todos desejavam fazer bonita figura em evento tão importante.

— Quem é aquele cavalheiro na companhia de Cumberland? – Laura já havia encontrado seu amor, e como julgá-la quando meus olhos faziam o mesmo, ansiosos por encontrar Fernão.

— É Joaquim Nabuco! Um jovem advogado recém-chegado à Corte. Meu pai disse que é um abolicionista e um dos mais ativos. – Respondo. — Além de

muito charmoso. – Todas as damas da Corte desejavam ardentemente ser tiradas para dançar pelo belíssimo cavalheiro. Um homem alto, bem proporcionado, pele alva e bigode minuciosamente torcido, além de um rosto sempre bem barbeado, que o faziam um dos melhores partidos se não fosse sua falta de fortuna. Apesar de uma lástima, era compreensível, pois um homem não poderia ser perfeito. O que seriam dos feios se precisassem competir com cavalheiros garbosos e de riqueza inestimável? Com certeza não sobrariam para eles donzelas. E todos, sem distinção de classe social ou seus dotes físicos, deveriam encontrar uma esposa.

— Deveras muito bem-apegoado. – Laura pondera ainda com os olhos grudados nos dois cavalheiros. — Mas muito jovem!

— De fato o é! – Concordo com sua observação. — Mas haverá de envelhecer e agradar várias damas. – Solto uma risadinha por trás do leque.

Como o baile apenas seria oficialmente aberto quando a família real se fizesse presente, eu e Laura, para despistar Rosa e Astolfo, tomamos o rumo da mesa dos refrescos. As várias camadas de anáguas e ainda a armação me deixavam acalorada em demasia. Ser dama já é um empenho sem precedentes, mas tentar ser uma dama elegante e na última moda em terras tropicais me era esgotante.

— Odeio suar! – Falo, virando-me para Laura e acabo dando de cara com Fernão. Quase derrubo a cidra em sua casaca pelo susto que levei. — O que faz aqui? Quase me mata de susto. – Procuro com os olhos por Laura e não foi difícil vê-la na companhia de Cumberland. O maldito fareja o perfume de minha dama de companhia à distância. Preciso arranjar-lhe um novo amor, talvez assim seu coração não fosse tão machucado quando o duque libertino retornasse para seu país deixando-a para trás.

— Onde estava com a cabeça quando escolheu este vestido para o baile? – Meu queixo cai diante de tanto atrevimento.

— Oras, quem o senhor pensa que é para se intrometer com minha toalete?

— Seu parceiro na alta espionagem ou esqueceu que estamos aqui a serviço da causa abolicionista?

— Uma coisa necessariamente não exclui a outra, Senhor Gusmão de Albuquerque. Posso muito bem me dedicar à espionagem e à causa abolicionista e ainda ser uma dama bem-vestida.

— Bem-vestida? — Ele solta uma gargalhada alta em demasia, fazendo com que os presentes voltem suas atenções em nossa direção. Agradeço o fato de que o murmurinho acabava por abafar as conversas e poucos ali conseguiriam compreender o que falávamos. — Como pode dizer que está vestida se todo teu colo e braços estão à mostra?

— O senhor está com ciúmes! — Solto uma gargalhada, incapaz de resistir provocá-lo.

— Não estou!

— Ah, está sim! E atrevo-me a dizer que com muito ciúme. — Escondo-me atrás do leque a fim de não deixá-lo perceber meu riso. Já havia soltado uma gargalhada e não cometeria a gafe novamente.

— Apenas não quero que se envolva em mais um escândalo no jardim.

— Olha só! O sujo falando do mal lavado! — Deveria ter me mantido calada, mas provocá-lo é deveras divertido.

— Pense como quiser, apenas fique longe do Soveral ou acabará comprometida. — Encara-me com semblante taciturno e acabo gelando por inteira.

— Francisco é um cavalheiro de gestos impecáveis. Não creio que faltará com o respeito ou mesmo me comprometerá. — Dou-lhe as costas, porque haviam limites para os ouvidos de uma dama. — Ademais, se fui capaz de não ser comprometida pelo senhor, um verdadeiro libertino, devo passar incólume por Francisco, um cavalheiro sem igual.

— Ao menos saiba que Soveral é um escravocrata. — Ele se aproxima de mim e meu corpo miserável acaba sentindo arrepios, dos mais indecentes, ao me recordar do seu toque em minha pele desnuda.

— Nem papai que é o mais bem informado tem certeza de que os Soveral são escravocratas. E mesmo que sejam, ainda não podemos dizer que traficam africanos. — Uma coisa é tolamente diferente da outra, apesar de ambas serem desprezíveis.

— Pois lhe digo que Francisco Soveral é sim um traficante. — Misericórdia como é teimoso! Mas Francisco poderia ser sim um traficante ou mesmo simpático à causa, não poderia fazer pouco caso dessa possibilidade.

— Tudo bem, prometo que tomarei cuidado! — Reviro os olhos e Fernão abre um sorriso tímido. Estava tão bem-vestido e perfumado. Sempre estava

perfumado, verdade seja dita, mas nesta noite havia caprichado no perfume e também na escolha do traje, uma casaca comprida, colete, calças com vinco, colarinho engomado e sapatos lustrosos. E o mais impressionante, Fernão usava uma bengala, deixando-me muito admirada. — Agora se me der licença, preciso ir ao encontro de Laura. — Não seria conveniente me demorar muito junto à mesa ou logo viraria assunto de mexeriqueiras de salão.

— A primeira dança é minha, Senhorita Violeta! — Executa uma reverência, estendo a mão para que eu aceitasse seu cavalheiresco cumprimento.

E dessa vez foi um beijo discreto e em total consonância com as regras de decoro.

— Já está reservada, Senhor Gusmão de Albuquerque! — Respondo piscando os olhos, sempre a provocá-lo, porque me é irresistível fazê-lo.



Dancei a primeira música com Fernão conforme havia prometido e também com diversos cavalheiros interessados em flertar comigo. Todos estavam muito assanhados para um baile no Palácio do Imperador. Meu vestido havia sido um sucesso sem precedentes e considerarei a possibilidade de usar vermelho outras vezes. Não poderia ousar passar mais uma temporada sem uma proposta considerável de casamento. Seria um grande fiasco e desconfio que na próxima temporada já seria considerada uma solteirona.

— Senhorita Violeta, sei que não é o melhor local para externar minha grande admiração por sua pessoa, mas acredito que preciso fazê-lo antes que meu coração transborde de tanto amor. — Francisco acabava de me conduzir para fora da pista de dança com toda a elegância que somente um Soveral era capaz

de ter.

— Oh! — Deixo escapar um assovio discreto tamanha é minha surpresa com sua declaração. Sempre o tive como um bom amigo e saber que nutria sentimentos mais amorosos por mim deixou-me sem chão.

— Gostaria de lhe fazer a corte, se me der a honra. — Devo me sentir privilegiada, porque Francisco é filho de um importante marquês, mas pensar em ter que me mudar para a Bahia sempre me pesou no coração.

Iria respondê-lo se não fosse o fato de ser interpelada por Haroldo Almeida, que aparentemente não havia se ofendido com o incidente com Fernão.

— Senhor Almeida, que prazer revê-lo! — Bato os cílios de modo a fingir desinteresse.

— Desculpe-me a intromissão Soveral, mas a Senhorita Violeta me prometeu uma dança. — Ele pisca para mim, o infame fedorento.

— Prometi? — Solto extasiada com tamanho atrevimento, e pensar que Fernão havia me alertado sobre Francisco quando o verdadeiro lobo viria a ser o metido do Almeida, que continua a insistir que lhe prometi uma dança e assim acabo retornando para o meio do salão na sua companhia.

— Perdoe-me, Senhor Soveral! — Dou de ombros, sendo praticamente arrastada por Almeida para o meio dos casais que já se organizavam para uma quadrilha. — Senhor Almeida, não foi nada galante de sua parte.

— Perdoe-me, mas não encontrei outra forma de conversar com a senhorita sem a presença do Gusmão de Albuquerque.

— Ah, então é isso ainda! — Reviro os olhos frustrada pela covardia do cavalheiro a me pajar na quadrilha. — Peço desculpas pelo ocorrido! Releve o comportamento do Senhor Gusmão de Albuquerque, por obséquio. Apenas foi tomado de um desmedido sentimento de honra e não mediu as consequências de seu ato, o pobre.

— Não o recrimino, minha querida! — Aproxima sua boca de meu rosto e seu hálito fétido me atinge em cheio. E pensar que eu quase fui pedida em casamento por Francisco, um cavalheiro sem igual e sem hálito fedido. — Teria feito o mesmo se a visse em situação tão comprometedora. Mas estou aqui para convidar-lhe a se juntar a nós em uma aventura sem igual.

— Uma aventura? — Meus olhos devem ter brilhado diante da expectativa de saber mais quanto ao desembarque dos negros traficados. — Oh... Não me

diga que iremos assistir ao desembarque de mais um lote de escravos? – Almeida concorda com a cabeça e eu fico ainda mais empolgada.

Fiquei de encontrá-lo dentro de quarenta minutos perto das estrebarias, onde estará me esperando com um cavalo encilhado. Não poderíamos nos deslocar de carruagem ou mesmo charrete para não chamar a atenção desnecessária de ninguém. Haroldo Almeida era de fato um tolo, pois todos na Corte comentavam sobre as ideias abolicionistas de meu pai e em nenhum momento o infeliz considerou a ideia de que eu também poderia ser simpatizante à causa dos escravos.

Fosse tolo ou não, não poderia perder a oportunidade de avisar Fernão e saí em disparada à sua procura. Encontrei-o sentado em uma poltrona tagarelando com alguns republicanos. Uma verdadeira afronta aqueles cavalheiros estarem em um baile em homenagem ao nosso Imperador quando defendiam o fim da Monarquia com grande afinco. Os homens eram seres realmente dotados de duas caras.

Gesticulei discretamente para que ele percebesse que eu precisava lhe falar, mas Fernão parecia entretido demais junto aos amigos. Que belo espião Fernão era! Totalmente distraído com frivolidades quando eu precisava trabalhar pelos dois.

Diante de seu descaso, fui obrigada a fingir um desmaio e *touché* quando fingi acordar, Fernão me carregava para não sei onde. Aninhei-me contra seu peito musculoso e deixei-me embalar pelo seu cheiro de colônia. Era como se ali sempre houvesse sido meu lugar no mundo. Como um homem tão impróprio poderia se converter em questão de segundos em tudo o que uma mulher mais desejava?

Entramos em uma pequena saleta decorada com belíssimas obras de arte. Fernão me depositou em uma poltrona forrada com um rico veludo e um sentimento de abandono me preencheu. Olho para o lado e vejo a figura altiva do Duque de Cumberland parado ao lado de Laura, que estava mais branca do que um pedaço de pano alvejado.

— O que foi aquilo? – Magalhães acabava de entrar no recinto na companhia de Manoela Martins e não consegui deixar de perceber que ele segurava uma das mãos da jovem. Formavam um bonito casal, aliás, um dos mais bonitos da Corte.

— Violeta desmaiou! – Fernão se adianta em respondê-lo.

— Eu fingi desmaiar! – Levanto-me da poltrona antes que acabasse arruinando meu vestido. A armação das saias não iria resistir por muito tempo comigo deitada na poltrona, o que seria uma tragédia.

— Por que fez isso? – Laura me olha zangada.

— Porque precisava da atenção do Senhor Gusmão de Albuquerque, mas ele estava fofocando como uma matrona velha e nem todos os meus gestos foram capazes de chamar sua atenção. – Solto frustrada com seu pouco caso com minha pessoa. — Precisava contar-lhe que Haroldo Almeida irá me levar para assistir ao descarregamento de negros trazidos da África. – Olho para Manoela e me arrependo de ter falado em sua presença, mas Danilo percebe meu mal-estar e se adianta em esclarecer os fatos.

— Não há com o que se preocupar! Manoela é uma das nossas. – Responde com um sorriso estampado no rosto e desconfio de que os dois estejam apaixonados.

— Pois então, dentro de alguns minutos, devo encontrá-lo nas estrebarias a fim de irmos até as docas do porto. – Falo.

— São loucos ao se arriscarem em fazer o desembarque justo no porto. – Cumberland fala com seu forte sotaque inglês.

— Eu diria que são espertos. – Pontua muito bem Danilo. — Escolheram o porto porque acreditam que seria o último lugar que imagináramos que iriam descarregar os africanos. Porém, não contavam com nossa excelente rede de informantes.

— Ela não vai! – Fernão fala duro e com os olhos repletos de preocupação.

— Eu preciso ir! – Digo frustrada e cansada com tanta falação que acabo me sentando novamente na poltrona, mas dessa vez cuidando para não amassar a armação especial de saias enviada por uma das minhas irmãs da Europa; as francesas a chamavam de *bustle* e era perfeita. Se o estragasse, teria que esperar meses para Margarida me enviar outro. E voltar a usar *crinolettes* pesadas e feitas de arame não me agrada em nada.

Fernão se ajoelha diante de mim e meu coração falha algumas batidas diante de sua beleza nada convencional. E quando pega em minhas mãos quase tenho uma apoplexia, tamanha é a excitação que sinto pelo seu toque.

— Não me perdoarei nunca se algo de ruim lhe acontecer. – Diz, encarando-me com olhos sinceros.

Foi, então, que meu cérebro reconheceu o que o meu coração já sentia há tempo, eu o amava.

Tudo desapareceu ao nosso redor. Apenas Fernão me era importante e todo o ardor que enxergava em seus lindos olhos claros que me lembravam um felino em busca de carinho.

— Não me acontecerá nada! – Falo deixando-me levar por emoções até então desconhecidas. Eu o quero tanto, porque eu o amo. Misericórdia, como pude me deixar apaixonar por um republicano? Papai nunca o aceitará como genro. — Porque sei que estará lá para me proteger, como sempre tem feito. — Respondo, desnudando meu coração para ele.

— Como pode ter tanta certeza? – Ele pergunta sem desgrudar os olhos da minha boca e só consigo fazer o mesmo. Desejo beijá-lo e sentir toda a tormenta de emoções que sei me tomar quando sinto seu gosto e sinto seu perfume.

— Porque eu sei, simplesmente sei que não me abandonará à minha própria sorte. – Nossas mãos continuam unidas em cima do meu colo e meu coração saltita feliz por tê-lo tão perto.

Sempre desejei me apaixonar, viver um grande amor, mas jamais poderia supor que sentiria tudo isso por um banqueiro, um homem sem título e ainda por cima um republicano, mas que o fez tão atraente aos meus olhos que meu coração se recusava a esquecê-lo.

A paixão era uma coisa estranha e nos fazia escravas dos mais impróprios sentimentos. Eu não compreendia muito acerca da atração entre um homem e uma mulher, porque às donzelas pouco se falava a respeito, mas o que sentia toda vez que Fernão me tocava me dava a ideia de que eu o queria muito, por mais que a sociedade nunca nos aceitasse como um casal, ah como eu o desejava.

— Ainda penso que é muito perigoso! – Ele me encara. — Mas prometo que não a deixarei sozinha e estarei lá por ti, mesmo que tenha que sacrificar minha vida para protegê-la. – Ele promete, porque Fernão é assim, um homem bruto por fora, mas com um coração de ouro. Não poderia estar mais bem protegida.

— Eu sei! – Acaricio sua face e isso teria que me bastar, porque beijá-lo na frente dos amigos não era apropriado. — Tudo dará certo!

— Promete que não hesitará em ir ao meu encontro se sentir o perigo a lhe

envolver e que não resolverá dar uma de heroína? – Ele exige uma promessa e eu a faço com sinceridade, porque estou muito apaixonada para negar-lhe algo do tipo.



Ainda não acreditava que havia concordado com essa loucura! Como pude concordar em deixar Violeta nas mãos de Almeida? Se algo de ruim lhe acontecesse não seria capaz mais de viver.

Segui-os a uma distância segura e sempre com os olhos bem alertas, pois ainda duvidava que o infeliz do Almeida fosse levá-la para assistir ao desembarque dos negros nas docas do porto. Meu maior medo era que a levasse para qualquer canto escuro do Rio de Janeiro e abusasse de sua confiança, a seduzisse descaradamente.

Quando a vi subir ao cavalo que lhe fora separado, meu coração disparou no peito e emoções nunca sentidas por nenhuma mulher me fizeram considerar a possibilidade de que eu havia me apaixonado por Violeta. Tão bela e segura em

cima do cavalo que meu coração ousou considerar tirá-la de lá e levá-la para longe dos olhos de todos.

Violeta era minha. Eu havia chegado antes e queria gritar ao mundo que ninguém poderia trocá-la ou maltratá-la. Se o fizessem, eu perseguiria o desgraçado até o fim do mundo. Eu não saberia dizer como tudo acabaria, mas se ousassem feri-la, seria capaz de cometer uma insensatez. Estava tão louco de preocupação que não me importava com o que o partido faria a respeito, deixei que Danilo avisasse-os e corri contra o tempo para ficar o mais próximo possível dela.

E deu certo, ao menos, até eu avistá-los perto demais do navio negreiro. Meu coração bombeava sangue em um ritmo frenético e a agitação me corroía as entranhas. Olho para o outro lado e percebo a presença de membros do nosso partido e o pior passa pela minha cabeça, eles iriam atacar de qualquer jeito, sem considerar que a vida de inocentes correria risco.

Tentei, então, aproximar-me o máximo que pude de Violeta e tentei lhe falar por meio de gestos para que se escondesse em algum lugar seguro até que o perigo desaparecesse. Mas a penumbra da noite não ajudava para que ela percebesse minha presença. Precisava ir até ela o quanto antes.

Esgueirei-me entre as caixas de madeiras e sacos que se empilhavam, tentando me camuflar para que os escravocratas não percebessem minha presença. Era necessário ser cuidadoso ou acabaria os alertando de nossa presença. Outras missões do tipo haviam falhado e, ao final, conseguimos apenas prender os capangas, jamais os mandantes.

A julgar pela movimentação e para meu espanto, todos pareciam estar se organizando para um leilão, revelando o quanto eram presunçosos ao achar que ninguém poderia surpreendê-los. Pensavam ser espertos e assim haviam escolhido uma data apropriada para a empreitada, julgando que todos estariam ocupados com o Baile do Imperador.

Acabei levando um susto com a chegada de Danilo e Cumberland, acompanhados de Manoela e Laura.

— Vocês dois estão loucos?! Como ousam trazer duas damas para cá? Já não basta Violeta em perigo! – Sim, haviam enlouquecido.

— Mais fácil chover no deserto do Saara do que deixar as duas para trás. – Danilo responde.

— Ainda penso que não é apropriado envolvê-las! – Digo frustrado, pois teremos que nos preocupar com a segurança de mais duas damas.

— As duas estão mais envolvidas do que pensamos! – Cumberland responde com os olhos presos em Laura. — Preocupe-se com Violeta, que tomamos conta das damas. – Maldição, estavam apaixonados assim como eu.

Voltei minha atenção na direção em que Violeta se encontrava e quando tomei consciência de que Almeida tentava arrastá-la para dentro de um galpão, a fúria me tomou e acabei deixando-me guiar pela vontade de matá-lo.

Corri na direção deles, sem considerar a exposição ou mesmo em colocar a perder a emboscada que o partido deveria estar organizando de última hora. Violeta era mais importante do que qualquer coisa. E quando os alcancei, só consegui avançar para cima do Almeida, pegando-o pelo colarinho.

— O que pensa que está fazendo? – Exijo e sua cara de apavoro apenas me faz sentir mais raiva.

— Você de novo? – Ele pergunta com os olhos esbugalhados.

— Sim, eu de novo! – Respondo com uma das mãos em punho, porque não o deixarei vivo para contar história.

Porém, foram os olhos marejados de Violeta que me fizeram perder o controle e acabei desferindo uma série de socos na cara do almofadinha da nobreza por cada lágrima que ele fez ela soltar.

— Pare com isso! – Violeta implora, mas sou incapaz de evitar o desejo de puni-lo por ter se aproveitado de sua boa vontade.

— Pare! – Danilo se interpõe entre eu e o Almeida, que acaba caindo aos nossos pés, totalmente desmaiado. — Não pretendo ter que tirá-lo da prisão. – Brada furioso.

Mas pouco me importava o que eu havia acabado de fazer. O que mais me importava no momento era a segurança de Violeta.

E quando a olhei, meu coração se encheu de esperanças e de um alívio impressionante. Ela estava bem e só queria puxá-la para meus braços.

Mas não precisei ir ao seu encontro, porque Violeta se jogou em meus braços como uma menina indefesa à procura de proteção. A recebi com ternura e, sem me importar com os olhares curiosos dos meus amigos, a tomei em um beijo deveras escandaloso, que foi correspondido com grande ardor.

— Tive tanto medo quando o perdi de vista. — Ela confessa ainda com os lábios colados nos meus. Seu gosto doce e seu perfume incomparável de lírios me fazem cativo de seus lábios e, então, acabo convencido de que eu estou completamente apaixonado por Violeta; mais que isso, eu a amo com toda minha alma.

— Jamais a deixaria desamparada! — Digo segurando seu rosto com as minhas mãos, acariciando cada parte de seu perfeito e delicado rostinho de anjo, querendo-a só para mim. — Jamais a deixaria desprotegida, meu amor!

— Sou seu amor? — Ela pergunta com os olhos esbugalhados e meu coração precisa ser dela. Não sei como e quando aconteceu, mas Violeta Carvalho de Almada havia conquistado meu coração.

— É sim! Não sei o que faremos com isso, mas eu penso que estou loucamente perdido de amor por ti. — Declaro, sentindo-me o homem mais corajoso do mundo.

— Oh... Eu também amo você, Fernão! — Volta a colar seus lábios aos meus. — Sei que não somos apropriados um ao outro, mas o que podemos fazer se o amor nos alcançou? — Sorri lindamente e acabo cada vez mais cativo de sua beleza.

— Por favor, vocês dois! — Danilo nos interrompe. — É maravilhoso saber que estão apaixonados, mas temos que sair daqui. — Ele está certo e acabo afastando-me dos lábios de minha amada, sem, contudo, largar sua mão. A queria sempre perto de mim, a fim de protegê-la dos perigos que a cercam. Apesar de corajosa, uma das mais corajosas que havia conhecido, aquele lugar nunca lhe foi apropriado. — Vamos! Nossos companheiros precisam de nós.

E assim seguimos Danilo e Cumberland para um canto escuro e mais afastado do galpão onde os escravocratas se aglomeravam para o leilão. Sim, Danilo me confirmou que aconteceria um leilão ali e que seria uma grande chance para os abolicionistas agirem com eficácia.

— Onde estão Manoela e Laura? — Pergunto preocupado com as damas, ainda acreditando que não deviam tê-las trazido para dentro do perigo.

— Laura está aqui? — Violeta pergunta, revelando preocupação com sua dama de companhia.

— Está sim! Assim como Manoela! — Meu amigo revira os olhos e acabo rindo. — Não há mulher mais obstinada a se envolver em confusão. Meu Deus,

como pude me deixar convencer? – Danilo passa os dedos entre os cabelos, um gesto que sempre lhe era típico quando estava nervoso.

— Deixamos as duas em um local seguro. – Diz Cumberland. — Ficarei com as damas até que vocês retornem. – Apesar de não desejar me afastar de Violeta justo quando havia compreendido meus sentimentos por ela, se faz necessário deixá-la para poder auxiliar os abolicionistas. — Confie em mim! – O duque entende minha hesitação em deixá-la. — Cuidarei das três com minha vida.

— Não quero ir com ele! – Violeta clama. — É um libertino indecente.

— Eu ouvi isso, Senhorita Violeta. – Cumberland ri de seu pavor. — Posso ser um libertino, não nego, mas sei me comportar na presença de donzelas, ainda mais quando a donzela é o interesse amoroso de um grande amigo. – Pisca em minha direção e acabo sorrindo com sua insinuação. — Pode confiar em mim!

— Vá com Cumberland, meu amor! – Falo com carinho, levando sua mão aos meus lábios. — Ele cuidará de vocês, tenho certeza. Logo estarei com você!

— Promete?

— Prometo! – E selo meu juramento com um beijo na boca.

Violeta se afasta um pouco e desfaz o laço do fitilho de cetim que enfeitava seu pescoço, entregando-me em seguida.

— Leve um pedaço de mim como um talismã de boa sorte. – Levo o fitilho de cetim ao nariz e exalo seu cheiro, guardando em seguida em um dos bolsos do meu paletó.

— Vou voltar para você, Violeta! Eu juro. E, então, vamos poder nos entender direito e decidir o que faremos com nossos sentimentos. – Beijo-a na testa, deixando-a para trás na companhia de Cumberland.

Foi uma despedida dolorida e difícil.



Não havia homem mais escroto do que Haroldo Almeida. Além de seu hálito mais fedido do que um gambá, não compreendia a palavra “não” e praticamente queria me arrastar para dentro de um dos galpões do porto. Se não fosse Fernão e sua coragem, nem sei o que teria sido de mim.

— Oh, Laura! – Jogo-me no abraço de minha amiga. — Não devia estar aqui.

— Jamais a deixaria sozinha. – Não há melhor e mais leal dama de companhia. — O que aconteceu com a armação do teu vestido?

— Não resistiu a cavalgada! – Falo frustrada com o estrago em meu vestido. — Será possível recuperar o *bustle*? – Cochicho no ouvido de Laura,

sentindo-me sem jeito de tocar em assunto tão íntimo na presença de um homem, e ainda um duque, mas Manoela acaba ouvindo e se interessa.

— De que falam? — Ela pergunta demonstrando grande curiosidade.

— *Bustle* é a última moda em armação para saias. — Respondo. — São anquinhas feitas com menos arame e mais tecido. — Abreviar a explicação fará com que uma mente prática e objetiva como a de Manoela entenda rapidamente.

— Parecem-me mais confortáveis! — Manoela considera interesse no assunto.

— Nem tanto, para ser honesta, minha cara! — Pondero. — A frente reta e as tiras presas ao redor do corpo tornam os movimentos mais difíceis. Para sentar, precisamos ter cuidado redobrado, empurrando a armação para o lado ou mesmo sentando na ponta dos assentos.

— Jesus, haverá uma boa alma a inventar um modelo mais confortável?! — Manoela responde-me pensativa.

— Pois eu acredito que não haverá modelo capaz de ser confortável suficientemente. Torço para que no futuro as mulheres abandonem o uso das anquinhas. — Laura diz com conhecimento de causa, pois às mulheres das classes sociais menos abastadas, como as criadas e assalariadas, o uso das armações de saias não é comum; talvez porque restrinja os movimentos e dificulte a realização de seus ofícios.

— Confortável ou não, são elas que nos deixam mais elegantes! — Não posso deixar de reconhecer que são as armações que nos conferem volume aos quadris e a aparência de cintura fina.

— Por Deus! — Cumberland nos encara perplexo. — Não gostaria de soar deselegante, mas temo informá-las que temos coisas mais importantes para nos preocupar no momento do que com o volume ideal das anquinhas.

Ele estava certo e a preocupação com a segurança de Fernão voltou a invadir meus pensamentos. Não poderia perdê-lo agora que havíamos descoberto que nos amávamos. Não saberíamos o que fazer com sentimento tão forte e as dificuldades por pertencermos a classes sociais diferentes poderiam nos separar.

Doía-me pensar nisso.

— Não fique preocupada, Violeta! — Manoela pega minha mão e tenta acalantar meu coração apavorado. — Os cavalheiros sabem o que fazem. — Ela dá de ombros, revelando pelo olhar a preocupação que também lhe tomava a

alma. Mas era uma preocupação diferente da minha.

Manoela havia sido apresentada em sociedade na mesma temporada que eu. Havia brilhado estonteantemente, nos deixando à margem de qualquer possibilidade de sermos notadas pelos melhores partidos. Eu havia a odiado de início, mas com o tempo demonstrou ser uma boa pessoa, de um coração maior do que sua beleza. Conversávamos frequentemente nos intervalos e não sei ao certo o que acabou por nos afastar com o tempo, talvez porque abandonou os salões logo depois de sua primeira temporada.

— Obrigada! – Retribuo seu gesto de apoio. — Está certa, os cavalheiros são espertos e haverão de retornar até nós sãos e salvos. – Olho para o lado e avisto Cumberland acariciando o rosto de Laura. Devia odiá-lo por seduzir minha amiga, mas não sou capaz, porque consigo compreendê-los muito bem; quando o amor nos chega, não há como tentar fugir dele. — Não sei o que acontece entre você e o Doutor Magalhães... – Fito a jovem de olhos claros sentada ao meu lado. — Mas gostaria que soubesse que formam um bonito par, o mais belo que os salões da Corte ousaram ver um dia.

— Outros pensam o mesmo. – Manoela abaixa a cabeça, fugindo do meu olhar e revelando frustração. — Mas temo que nossos gênios não são compatíveis.

— Oh, uma tolice! – Solto um risinho. — Quando o homem certo chega, desconfio que nem os gênios incompatíveis são capazes de afastá-los.

— Mesmo que o casal passe a maior parte do tempo brigando como cão e gato? – Ela sorri ao se recordar de algo.

— Penso que aí está a grande prova de compatibilidade. Quando um casal implica tanto um com o outro é porque se amam. – Digo-lhe por experiência própria, lembrando-me de todas as vezes que eu e Fernão brigamos como verdadeiros cão e gato. É lógico que eu sou a gata e ele é o cão.

Acabamos interrompidas por Cumberland que nos arrastou para o meio de sacos de cebolas, a julgar pelo forte odor que incomodava minhas narinas. Ali estávamos escondidas e podíamos acompanhar a movimentação de dentro do galpão, onde começaria em instantes um leilão. Cumberland nos explicou que era comum leilões do tipo quando ocorria um descarregamento de negros trazidos da África.

Observei tudo com cautela e grande expectativa. Queria gravar o rosto de todos os nobres e figuras importantes da Corte que se faziam presentes. Muitos

deles eram amigos do meu pai e se diziam defensores da causa abolicionista, todos porcos chauvinistas.

Acabei me sobressaltando quando senti as mãos de Fernão em minha cintura. Reconheci-o pelo seu incomparável perfume fresco e masculino. Fui tomada de um alívio e a certeza de que nada de ruim nos aconteceria.

— Diga-me que não me deixará mais? — Imploro abraçando-o com força, porque em seus braços me sinto verdadeiramente segura e protegida.

— Não, meu amor! Conseguimos a dispensa do partido e nossa missão de agora em diante é protegê-las. — Sorrio em resposta e observo Danilo se aproximar de Manoela para acolhê-la em um abraço reconfortante. Ela não lhe disse nada, mas não precisava, já que o brilho dos seus olhos foi capaz de lhe dizer tudo e mais um pouco. — Violeta! — Fernão exige minha atenção. — Preciso que se livre do volume de suas saias. — Engulo em seco, era como se uma faca houvesse sido colocada em minha jugular e eu tivesse que escolher entre duas coisas que me eram muito estimadas. — O modelo do seu vestido é muito exagerado. — Aponta para as outras damas e, então, percebo que suas saias estavam sem qualquer armação. Elas haviam se livrado das anáguas extras e das anquinhas.

— Não posso deixar meu *bustle* aqui! — Choramingo contra seu pescoço, aninhando-me ainda mais em seu peito.

— Inferno! Porque sempre tem que complicar as coisas? — Fernão acaricia meus cabelos, que naquela altura deveriam estar parecendo um ninho de passarinho.

— Porque é a mais preciosa armação de saias. — Tento lhe persuadir, incapaz de imaginar ter que abandonar uma preciosidade como o *bustle* que fora enviado por minha irmã Margarida da Europa, onde era a última moda.

— A armação poderá nos atrasar, meu amor! — Ele insiste, mas me dói o coração ter que me desfazer de peça tão incrível. Minha temporada estaria arruinada. — Mas se é assim tão importante, corro o risco, tão-somente para vê-la sorrir novamente. — Acabo sorrindo para ele e o beijando sem me importar com o decoro ou com a presença de outras pessoas.

Sei que devia ser mais comedida e comportar-me como uma dama, mesmo que a situação não fosse a mais propícia para tanto. Mas o que poderia fazer se o amava tanto a ponto de desejar cada vez mais por seus beijos?

Os cavalheiros decidiram se separar em casais e seguir cada um para um lado diferente. A ideia de deixar Laura sob os cuidados do duque não me agradou. Fernão, ao perceber meu desconforto, convenceu-me que Matthew era confiável e que protegeria minha amiga com sua vida. Laura, por outro lado, parecia confortável ao lado dele e eu não precisava ser a chata, não mesmo.

Danilo seguiu com Manoela para o meio de barris encardidos e fiquei espantada quando Fernão me explicou que eram barris de vinho do porto trazidos de Portugal. Jamais conseguiria tomar uma taça da bebida novamente. Credo, só em pensar que haviam atravessado o Atlântico dentro de barris tão encardidos, sinto-me enojada.

— Vamos, Violeta! — Fernão tenta me apressar, mas o peso das saias não me deixa caminhar com a velocidade desejada. — Não podemos nos demorar ou acabaremos dentro de uma confusão. — Ele olha para o céu a fim de verificar as horas. — Não demorará para os companheiros do partido invadirem o galpão.

Assim que Fernão acaba de pronunciar a última palavra, homens com lenços a encobrir os rostos passam por nós, obrigando que nos escondêssemos dentro do galpão.

— Oh, meu Deus! — Solto extasiada com a cena que acabava de ver. — Aquele lá não é o Senhor Francisco Soveral, o filho do Marquês de Caravelas? — Pergunto sem ser capaz de desgrudar os olhos de cena tão horrível.

— É sim! — Fernão responde, voltando sua atenção para a cena infame. Francisco tentava se aproveitar de uma jovem africana, vestida com alguns trapos que mal cobriam suas partes íntimas. — Sei que é horrível, mas é mais comum do que pensamos. Soveral deve ter comprado a africana para outros fins que não seja como mão de obra em suas fazendas.

— Misericórdia, mas ela é tão nova! — Levo a mão à boca a fim de conter o espanto e o nojo que me tomam. — E pensar que ele pretendia me propor a corte e que aquelas mãos sujas ainda desejavam me tocar.

— Jamais permitiria uma infâmia dessas! — Fernão puxa meu queixo, fazendo com que meus olhos encontrassem os seus. — Não sei como, mas pedirei sua mão em casamento ao visconde. É claro, desde que você deseje se converter na esposa de um banqueiro afortunado, mas sem um pinga de sangue azul a correr nas veias.

— O amor não escolhe a cor do sangue! — Digo acariciando seu maxilar e perdendo-me no brilho de seus olhos.

— Sinto por ter descoberto a verdade quanto Soveral da maneira mais sórdida. – Ele declara preocupado.

— Quem se importa com Soveral quando se está nos braços do homem que ama? – Declaro-me sem desgrudar meus olhos dos seus e acabo sendo beijada.

Foi um beijo suave, um simples tocar de lábios, mas que revelou muito dos sentimentos que compartilhávamos.

E assim, de mão dadas, aproveitando-nos da balbúrdia instalada pelo assalto do Partido Liberal, saímos do galpão e distanciamo-nos da confusão, deixando para trás um mundo que havia se tornado insuportável aos meus olhos. A escravidão haveria de acabar e eu haveria de viver para ver momento tão glorioso.



À medida que nos distanciávamos das docas do porto, a balburdia também se distanciava. O silêncio da noite nos engolfava cada vez mais e já não precisávamos correr como dois desesperados, sem um rumo e sempre à procura de salvação.

Interrompi a caminhada para recuperar o fôlego e dar uma trégua aos meus pés doloridos. Olhei para o céu e agradeci pelo livramento de não ter sido pedida em casamento por um sujeito asqueroso como Soveral. Jamais serei capaz de esquecer suas mãos sobre o corpo frágil daquela negra que não passava de uma menina.

As aparências poderiam muito bem nos enganar e sentia-me uma tola por ter acreditado que Francisco era um bom partido. Mas já diziam os mais velhos

que quem via cara, não via coração. Eu fui cega e deixei-me enganar.

— Ainda pensando no filho de Caravelas? – Fernão se aproxima e com carinho afaga meu rosto. — Esqueça-o, Violeta! Ele não merece que gaste sequer um pensamento.

— Sinto-me uma parva! – Confesso, porque de nada adiantava esconder os sentimentos de frustração que me tomavam cada vez mais. — Não apenas com ele, mas com todos os nobres que se julgam defensores da causa abolicionista para agradar meu pai.

— Teu pai é um homem importante, além de ter a estima do Imperador. É natural que se aproximem dele todo tipo de pessoa, incluindo os farsantes. – Fernão continua a acariciar-me, puxando para um abraço que conforta minha alma atormentada. — É difícil para muitos reconhecer que a escravidão está com os dias contados. É mais fácil manter-se dentro de um sistema falido do que apostar no novo.

— Será que ainda haveremos de ver a abolição da escravatura, Fernão? – Pergunto com os olhos tomados de lágrimas, sentindo-me suja por ousar estar cercada com tantos privilégios apenas porque nasci branca e não negra. Todos poderiam pensar o contrário, mas sim, eu havia nascido uma privilegiada e haveria de fazer algo para amenizar o sofrimento dos negros.

— Lutamos para isso, meu amor! Você tem se empenhado tanto para isso, querida. – Ergue meu queixo e acabo fascinada por seus brilhantes olhos claros, que lembram duas esferas de prata banhadas pela luz do luar em uma noite de lua cheia.

— Sou seu amor? – Pergunto envolvida por seus fortes braços, como se ali sempre fora meu lugar, como se Fernão fosse o homem destinado a me completar como mulher.

— É sim! – Beija a ponta do meu nariz, deixando-me amolecida e ainda mais necessitada de seu toque em minha pele. — A mais corajosa, a mais delicada, a mais preciosa dama e a única que meu coração elegeu para chamar de minha.

— Eu amo tanto você, Fernão! – Declaro, deixando-me levar pelo forte sentimento que me tomava.

— Desconfio amar mais, muito mais! – Cola seus lábios aos meus enquanto suas mãos travam uma batalha injusta entre manter-se afastado do meu corpo e

tocar-me com ardor. Pego-o pelas mãos e as conduzo até minha cintura, incentivando-o para que fizesse o que tivesse que ser feito. — Não posso possuí-la em um canto escuro de uma rua qualquer, como se fosse uma qualquer. — Ele diz com os olhos tomados de um sentimento desconhecido, mas que acaba por me deixar quente, muito escaldada.

— Não sou uma qualquer! Sou a mulher que teu coração escolheu. — Espalmo minha mão sobre seu coração me atrevendo, ainda, a morder seu queixo.

— Sim! — Ele solta com a voz embargada. — Eu amo você e quero te fazer minha do jeito certo.

— E qual seria o jeito certo? — Sinto-me tão audaz e nem sei de onde vem tanta audácia para viver mais uma aventura.

Fernão se distancia o suficiente para me fitar dentro dos olhos e logo em seguida grudar-se novamente em meu corpo, sussurrando palavras tão quentes que fazem os pelos do meu corpo eriçarem por completo.

— Em minha cama! Levar-te-ia para os meus lençóis, meu amor. Te despiria por completo, retirando cada um dos panos que te separam de mim e devotaria a ti todo meu amor. Te ensinaria a amar também, e te ofereceria o paraíso dos amantes como um doce a ser degustado com parcimônia para que possa aproveitar seu sabor por mais tempo.

— Mas se for assim tão bom, terei de não ser paciente. — Ele solta uma gargalhada.

— Não seja uma gulosa, minha menina marota!

— Paciência não é uma das minhas virtudes. Devo alertá-lo para que não se arrependa depois. — Resmungo aconchegada ao calor de seu corpo.

— Não podemos ter pressa na cama, meu amor. — Ele continua a seduzir-me sem um pinga de vergonha na cara. — Faríamos como na outra noite e avançaríamos ainda mais.

— Ainda mais? — Choco-me com suas palavras, mas logo a surpresa cede espaço para o desejo de ser dele, de fazer parte de sua vida para sempre.

— Será como um beijo! Eu invadirei teu corpo com ternura e a farei minha mulher. — Minhas pernas ameaçam perder a firmeza e meu coração dispara no peito. Deveria temê-lo, até rechaçá-lo, porque a uma dama se espera um comportamento mais decoroso, mas não consigo; suas palavras são como

provocações irresistíveis ao meu corpo, que apenas fazem o contrário do que é considerado certo. — Mas tudo isso depois que nos casarmos, é lógico. — E um banho de água fria me é atirado sem dó nem piedade, deixando-me tão... Tão frustrada.

Fernão estava certo e devíamos nos preservar até o casamento. Mas eu havia ido tão longe e toda a agitação da noite não havia feito bem ao meu juízo.

Considerando isso e ainda a paixão que me tomava toda vez que estava em sua presença, acabo lhe fazendo um pedido do qual talvez eu me arrependesse mais tarde, mas que meu corpo desejava muito.

— Faça-me sua esta noite, meu amor! — Deixo escapar como um sussurro, dito bem perto do seu ouvido, tão perto que noto os pelos do seu pescoço se arrepiarem por completo. Suas mãos tornam-se possessivas e toda a delicadeza de seu toque é abandonada; ele me segura com firmeza e com grande expectativa.

— Tem ideia do que acabou de me propor? — Ele questiona-me com os olhos tomados de algo que não entendo, mas que desconfio ser desejo.

Sim, ele me desejava porque me amava e eu deveria pertencer a ele. Era uma certeza que ninguém poderia contestar. Sim, ele me amava tanto quanto eu o amava e ninguém poderia nos julgar por isso.

— Não muito! Para ser honesta, não faço a mínima ideia do que devo fazer, do que acontecerá, mas confio minha vida a você. — As lágrimas ameaçam sair e tento contê-las para não assustá-lo. — Não sei o que acontecerá na manhã seguinte, Fernão! Mas tenho uma certeza que ninguém me roubará, a que farei amor com o homem que amo e isso me é um motivo para querê-lo tanto esta noite.

— Não sou apropriado para você, Violeta! — Ele sobe com uma das mãos até meu pescoço, forçando-me para que o encarasse.

— Depois do que presenciei esta noite, depois de ver com meus próprios olhos a verdade sobre tudo e todos, você é sim o melhor partido que eu poderia ter encontrado. É honrado e justo. Mais nobre do que muito fidalgo. Então, Senhor Fernão Benício Gusmão de Albuquerque, devo dizer uma verdade: eu que não o mereço!

— Jamais diga uma tolice assim! — Fernão me abraça, depositando beijos em toda a extensão do meu rosto.

— Sou mimada, cheia de manias irritantes e deixo-me levar pelas aparências com facilidade. Sou sim imprópria ao senhor. Merece alguém melhor, eu sei! Mas eu o quero tanto, Fernão, ah, como eu quero, que chega a doer aqui. — Levo sua mão ao meu coração e ele ousadamente aproveita para apertar meu seio, puxando-me para um beijo que faz todo meu corpo esquentar.

— Também a quero, Violeta! Ah, como a desejo... Deus e você são testemunhas de que tentei agir corretamente uma vez na vida... Queria ter lhe feito a corte e então...

— Me fará sua mulher? — Pergunto confusa.

— Sim! — Ele responde com os olhos vidrados e eu acabo lhe acariciando, sentindo a dureza dos fios da barba que despontam em seu rosto. — Mas não aqui! — Ele pega minha mão, puxando-me para algum lugar no qual eu não conhecia.

— Para onde vamos? — Pergunto intrigada, mas sempre me sentindo segura e protegida.

— Para minha casa. Não fica longe daqui e antes dos primeiros raios do sol eu a deixarei em sua casa.

— Confio em você, Fernão! De olhos fechados.

— Não devia!

— Mesmo assim, confio em você.

— Só quero evitar o escândalo e que fique mal falada.

— Não me importa o que os outros dirão, porque sei que irá me proteger de todos. Será meu marido, não será? — Atrevo-me a perguntar, sentindo a ansiedade me tomar por completo.

— Para todo o sempre! Espero que me aceite com tantos defeitos como esposo.

— Isso é um pedido de casamento? — Sorrio cada vez mais envolvida por seu jogo sedutor, sentindo-me cada vez mais saliente e pronta para ser dele.

— É sim! — Ele fala com felicidade e acabo parando nossa caminhada apenas para admirá-lo.

— Ah, Fernão!!!

— O que foi, meu amor?

— Sou tão sortuda por você ter cruzado minha vida.

— Não mais do que eu, não mais! — E assim nos beijamos apaixonadamente, como uma prévia do que viria a seguir.

Andávamos entre as ruas da Corte, sempre entre as sombras para não sermos percebidos pelos olhares mais curiosos. De tempos em tempos, parávamos para nos beijar e a intensidade da loucura de tudo apenas parecia aumentar à medida que a casa de Fernão se aproximava.

Eu seria dele, mas estava disposta também a fazê-lo meu e daria tudo de mim para que continuasse a me querer depois, fazendo por valer todos os juramentos que cantava ao pé do meu ouvido.

Caso contrário, eu acabaria manchada, arruinada e sem um marido. Mas quando se estava apaixonada, não era possível pensar com a razão. Esquecíamos de todas as coisas que sempre nos eram ensinadas e agíamos tomadas dos mais sublimes e indecentes instintos.

Quando os instintos gritavam para serem saciados não havia lugar para as dúvidas. Não mesmo.



Violeta acabava de entrar em meu apartamento e meu coração parecia querer sair pela boca apenas por olhá-la entre minhas coisas. Nunca havia trazido uma mulher para minha casa e a intimidade daquilo enternecia meu coração e me fazia esperançoso de que ela viria a se tornar minha esposa.

Compraria para ela a mais linda casa, com decoração na última moda, um verdadeiro palácio sem me importar com mais nada a não ser com sua felicidade. Queria-a sempre feliz e daria minha vida para lhe dar conforto.

— É a casa de um homem solteiro! — Digo apreensivo enquanto ela escrutina cada canto do meu humilde lar.

— É tão perfeita como uma casa de solteiro deve ser, mas faltam alguns

toques. — Ela leva a mãozinha que ainda está enluvada aos lábios a fim de disfarçar seu riso fácil. A outra luva havia sido perdida na confusão da fuga.

— Você que é perfeita! — Olho-a com paixão e ela percebe que a desejo quando suas bochechas adquirem uma tonalidade mais intensa e tão provocativa que me faz querê-la ainda mais; nua contra minha pele, porque só tenho feito pensar nisso desde que a conheci.

De nada me adiantou tentar esquecê-la ou fingir que só se tratava de uma atração tola quando meu corpo já havia reconhecido o que minha mente se recusava a admitir: que eu havia me apaixonado desde o momento em que ela cruzou meu caminho, toda atrapalhada, mas tão cheia de vida que o resultado não poderia ser outro.

Para um homem solitário como eu, Violeta foi como um sopro de vida. Sua vivacidade e vontade de viver apenas despertaram-me para coisas que jamais acreditei serem possíveis de sentir.

— O que foi? — Ela pergunta ainda sem jeito com meu escrutínio; e se eu lhe fosse totalmente honesto, sei que acabará mais vermelha do que um morango suculento pronto para ser devorado. Eu sempre desejei desfrutar de seu sabor e perder-me entre suas doces e suaves curvas.

— Apenas me lembrei de quando a conheci!

— O senhor brigou comigo! — Ela abre um sorriso maroto, provavelmente recordando o quanto havia sido soberba e tão atrativa também.

Aproximei-me dela e a peguei em meus braços. Não pesava mais do que uma pluma, mesmo com camadas de anáguas e anquinhas a lhe rodear os quadris. Era tão leve que poderia permanecer horas em meu colo, tão-somente apreciando sua presença, a suavidade de sua pele e exalando seu delicado perfume de lírios. Jamais virei a olhar para um lírio sem lembrar-me dela.

— Perdoe-me a falta de modos em não te oferecer uma bebida. — Beijo-a no pescoço e ela se encolhe em meus braços como uma gata em busca de carinho. — Mas é melhor que seja assim! Quero-a sóbria, pois quando cruzar a porta do meu quarto, vou te amar como um burguês, Violeta. — Fito-a nos olhos e ela não desvia, tão corajosa e cheia de vida que só faz com que meu corpo implore para que me aceite em sua vida, o meu sopro de vida.

— Não quero nada além de ti! Sendo burguês ou não, é você que meu coração escolheu. — Ela fala com segurança e consciência de que ao cruzarmos a

porta e terminarmos o que tanto desejávamos, não haveria mais volta e ela seria minha para sempre.

Porque eu já lhe pertencia com todo meu ardor.

Abro a porta, empurrando-a com o pé. Deposito Violeta em cima de minha cama e afasto-me o suficiente para admirá-la ali sentada com as bochechas coradas e o peito subindo e descendo pelo nervosismo que a toma cada vez mais. É como uma miragem no deserto, um sonho para um mortal como eu.

Toco-a a fim de averiguar não se tratar de um sonho. E sim, ela é real, tão real que posso tocá-la quantas vezes quiser e sem ninguém para nos atrapalhar. Ajoelho-me diante dela e a ajudo com as vestes. São tantas peças a lhe sufocar e restringir os movimentos.

— Não precisa fazer isso! – Ela parece estranhar minha ajuda por total inexperiência.

— Devo fazer isso, meu amor! Deixe-me ajudá-la e demonstrar o quanto o ato de despir pode ser prazeroso para nós dois. – Violeta abre o mais sedutor dos sorrisos e alguém já desperto dentro de minhas calças parece querer ganhar vida própria.

— Deixe-me ajudá-lo também? – Ela pede baixo, um sussurro encantador, e acabo sendo ajudado pela mais bela dama.

Quando consigo encerrar o suplício de abrir todos os botões de seu vestido de festa, ofereço minha mão para que ela se firme e possa se livrar dos panos. Sento-me na cama, então, puxando-a para meu colo, para ajudá-la se livrar do espartilho e das roupas de baixo. Quero-a nua, totalmente nua. Trabalho desesperadamente nos laços que a apertam enquanto deixo trilhas de beijos por todas as partes já descobertas.

Violeta relaxa e entrega-se às minhas carícias, abandonando sua tarefa de me ajudar com a camisa.

— Não consigo trabalhar com tanto estímulo a distrair-me, Fernão! – Ela confessa tomada do rubor e acabo fascinado por sua beleza intocada.

Serei o primeiro homem a amar-lhe e, com muita sorte, o último.

— Não precisa fazer nada, meu amor! – Giro-a de modo que consigo acomodá-la em cima da cama, colocando-me com cuidado sobre seu corpo esguio. — É tão linda! – Solto, admirando-lhe sem o espartilho que acabava de jogar para um canto da cama.

— Preocupo-me, Fernão!

— Com o quê?

— Como conseguirei vestir-me novamente?

— Eu a vestirei da mesma maneira que a despi. Não há com o que se preocupar! — Puxo sua roupa íntima para cima e ela se contorce ao sentir a rudeza de minhas mãos em contato com a delicadeza de suas coxas.

— Como ficou tão entendido em assuntos femininos? — Solta sem pensar duas vezes, mas Violeta é esperta o suficiente para perceber o que acabou de questionar. — Oh, meu Deus, esqueça o que eu disse e me beije! — Puxa-me em encontro aos seus lábios. Sua boca se abre para me acolher e simular o que farei em seguida com outras partes de nossas anatomias. — Fernão?

— O quê, princesa? — Continuo a explorar seu corpo como um tesouro que havia sido guardado só para mim.

— Sei que aprendeu tudo sobre as necessidades femininas com outras, mas promete que a partir de hoje será apenas meu? — Acabo sorrindo e beijando-a com devoção.

— É ciumenta minha futura esposa! — Solto entre risos fáceis, passando minha barba em seu colo delicado, arrancando-lhe uma gargalhada deliciosa.

— Muito ciumenta! — Ainda confirma encarando-me para que não restassem dúvidas quanto aos seus brios enaltecidos. — E também acho injusto que tenha conhecido intimamente outras mulheres enquanto nós temos que nos manter intactas e puras para os senhores.

— Alguém precisa aprender como se fazem os bebês, meu bem! — Continuo a descida em seu corpo. Violeta resmunga, geme e deixa-se levar pelas minhas lascivas exigências.

— Às mulheres deveria ser garantido o direito de saber como os bebês são feitos; nada mais justo, já que somos nós que carregamos os rebentos por nove meses. — Devo-lhe bater palmas pela brilhante constatação.

— E se eu prometer que irei ensiná-la tudo que sei sobre o assunto, ficará feliz?

— Ah, sim! Muito feliz! — Beijo-a na barriga, procurando uma forma de me livrar da camisa delicada sem estragá-la. É uma peça tão fina que temo rasgá-la, e conhecendo Violeta como conheço, é capaz de chorar pela ruína de sua roupa

íntima.

— Mas o que faz ali embaixo? – Pergunta, porque sempre foi uma curiosa e acabo sorrindo contra a pele de sua barriga mordendo-a levemente para que se excite.

— Explorando teu corpo! – Digo para que se sinta segura.

— E vai demorar? Porque sinto coisas, Fernão.

— Coisas? Que tipo de coisas? – Pergunto apenas para provocá-la.

— Comichões em meu baixo ventre. – Acabo sorrindo com seu comentário e determinado a enlouquecê-la, desço mais um pouco, livrando-a dos calções e deslizando minha língua em sua fenda úmida.

Violeta se contorce e solta gritinhos que me fazem praticamente um homem sem controle. Minha excitação é intensa e o aperto das calças me maltrata. Porém, devo me controlar para não assustá-la. É sua primeira vez e sinto-me tão temeroso em feri-la. Inferno, eu nunca havia estado com uma virgem em toda minha vida.

— Oh meu Deus! É tão indecente, mas tão bom. – Afasto minha boca de sua intimidade e a penetro com os dedos para que seu corpo se acostume com a invasão.

— Ficará melhor, meu amor, muito melhor!

— Ainda não acabou? – Levanto minha cabeça e a visão de Violeta relaxada com os olhos fechados me dá ainda mais tesão.

— Nem começamos! – Aproximo-me de seu ouvido, ainda com os dedos dentro dela. — Há mais, meu amor, muito mais! Prometi o paraíso e ainda nem cruzamos o portão.

— Misericórdia, haverá de matar-me, Fernão.

— Apenas de paixão! Com direito à ressurreição para morrer novamente em outra ocasião! – Tomo-a em um beijo, compartilhando seu gosto para que possa sentir o quanto a venero.

O sabor de Violeta em meus lábios é indescritível, melhor do que o mais caro dos vinhos ou mesmo de uma boa taça de uísque, que tanto aprecio. É um sabor único e viciante. E tudo é aguçado pelo tempero do proibido.

Pecar nunca havia sido tão tentador.



Fernão havia me tocado em uma parte do meu corpo que sinto até vergonha de mencionar e eu havia gostado muito, entregando-me a uma sensação de plenitude que jamais seria possível sentir, e justo na companhia de um homem.

Eu estalei por dentro como se fogos de artifício houvessem explodido dentro de mim; e aquela comichão cruel que havia me tomado minutos antes abandonou-me por alguns instantes, mas bastou ele me tocar novamente no meio das pernas que o mundo passou a girar e um desespero se apoderou do meu corpo.

— Faça algo! – Imploro, usando toda minha força para mantê-lo junto ao meu corpo, sentindo-me tão impotente.

Ah, como desejo saber o que eu devo fazer para agradá-lo.

Fernão atende meu pedido e começa a despir-se com grande empenho. Quando suas mãos deslizam para braguilha das calças, meu coração dispara em batidas irregulares. Finalmente parte de sua anatomia que sempre me foi uma curiosidade ser-me-ia revelada.

Pouco sabia sobre as necessidades e desejos de um homem. Minhas irmãs casadas contaram tão pouco sobre a vida de casada que ousou dizer que os animais haviam me fornecido mais detalhes do que elas.

Me é sabido que um encaixe aconteceria, mas quando seu membro se revela, um temor me toma, fazendo com que meu corpo já fragilizado pelo que havia me feito sentir antes se encolha.

— Não tema! Não irei te machucar, Violeta! – Fernão acaricia meu rosto, colocando-se no meio das minhas pernas com cuidado. Sinto sua dureza em encontro à minha barriga.

— Não caberá! – Solto preocupada. — E se algo de ruim nos acontecer? Você sabe... – Perco-me nas palavras. Tudo culpa dele que havia me deixado abobalhada. — E se der errado? E se precisarmos de um médico? – Ele solta uma gargalhada e acabo lhe dando um tapa por ter sido tão presunçoso.

— Não vai precisar de um médico. Há milênios, homens e mulheres fazem isso! – Olha-me e acabo sendo capturada pelo seu poder de me convencer.

— Mas ainda tenho medo de te machucar, ele é tão grande para caber todo dentro de mim. – Beija-me com carinho e sinto-me acolhida e compreendida.

— Tenho que confessar, meu amor! – Sussurra em meu ouvido e acabo tomada pelas comichões novamente. — Que sinto o mesmo medo, um medo irracional de te machucar. Mas sei que juntos vamos vencer nosso medo. Apenas confie em mim, Violeta, porque eu já sou todo seu.

E assim fui convencida, da maneira mais doce possível, a me entregar ao amor da minha vida, deixando-me ser acolhida para poder recebê-lo, repetindo um ato secular que garantiu a sobrevivência da humanidade.

A invasão não foi tão dolorida quanto imaginava e de repente os movimentos de Fernão dentro do meu corpo tornaram-se prazerosos, instigantes e eu apenas queria me mover também, como uma necessidade que gritava dentro de mim para ser saciada.

Ele estava certo quando havia me dito que ainda não havíamos cruzado o

portão do paraíso. E atrevia-me a dizer que eu havia sucumbido a um vício que se chamava Fernão Benício e seu paraíso na terra.

Tomada de um sentimento incompreensível de pertencimento, entreguei-me ao prazer que meu corpo sentia, sem me importar com as consequências e querendo que o momento jamais findasse. Quanto mais Fernão me dava mais eu queria, mais eu desejava sentir e fazê-lo sentir o mesmo.

— O que devo fazer? – Pergunto fincando as unhas em suas costas.

— Apenas me ame! – Ele solta entre afagos em meu corpo, sempre mostrando-se compreensível com minha falta de experiência. — E deixe-me amá-la também.

Os movimentos contra meu quadril tornaram-se insistentes e mais fortes. Meu corpo se contorcia embaixo do dele e meu coração, já tomado de paixão, rendia-se estendendo-lhe a bandeira. Não cabiam mais palavras entre nós. Apenas toques e estocadas firmes que me eram um convite para o êxtase.

O que era uma taça de vinho do porto após o almoço quando se tinha Fernão bem aconchegado no interior das minhas coxas? Absolutamente nada! Aquele amolecimento causado pelo vinho não era nada perto da potência do corpo de Fernão dentro do meu.

E quando sua boca encontrou a minha, nossas línguas se enrolaram e suas mãos ergueram meu traseiro com vontade, meu corpo se desfez e eu gritei, deixando-me levar para mais alto, cada vez mais dentro de uma onda eletrizante de prazer e paixão.

Ele também urrou, deixando-se cair sobre meu corpo e declarando-me seu amor. As pálpebras pesavam sobre meus olhos, uma dormência deliciosa tomou conta de meu corpo e tudo girou ao meu redor.

Recusava-me a abrir os olhos e tudo não ter passado de um sonho.

— Meu amor! – Ele gira o corpo sobre os lençóis com perfume de sua água de colônia, puxando-me para seu abraço. Deixo-me levar porque me sinto exausta. E saciada. Mas feliz por ter descoberto o prazer nos braços do homem que amava.

E tudo fez sentido em minha cabeça avoada. Duas temporadas tentando arrumar um marido e nada, e tudo porque era para ser Fernão, um burguês que não frequentava a Corte e seus salões, mas que tinha mais dinheiro do que muito fidalgo.

— Eu amo você! – Declaro-me entre bocejos, cada vez mais envolvida pelo sono. — Temos tempo para um cochilo? – Aconchego-me contra seu corpo nu, sentindo a plenitude me envolver.

— Não mais do que meia hora. Não quero que nos surpreendam em tua casa. – Beija o topo de minha cabeça, brincando com os cachos que haviam desprendido do meu cabelo. — Ainda precisa escalar até o teu quarto.

— Não sei se terei forças para escalar até lá! – Resmungo praticamente já entregue ao sono das mulheres apaixonadas e saciadas.

Eu era uma mulher de verdade, não mais uma donzela imaculada; e a loucura que havia acabado de cometer só se mostrava ainda mais atraente para ser repetida.

— Durma um pouco, querida! – Suas mãos deslizam por minhas costas, do pescoço até o traseiro, num vai vem gostoso, tão perfeito que se não estivesse tão cansada, imploraria para que repetíssemos tudo mais uma vez.

— Fernão!

— Sim!

— Quando acordarmos, vai me querer ainda?

— Sempre! – Ele me olha com ardor e sei que entendeu minha insinuação. — Mas apenas voltaremos a nos amar quando estivermos casados.

— Que tolice! – Espalmo minha mão sobre seu forte tórax. — Agora que experimentei o gosto do pecado, quero pecar sempre e sempre com você.

— É claro que sempre será comigo, Violeta. – Havia falado demais, considerando a ruga que se formou em sua testa. — É minha mulher e jamais permitirei que outro a toque como eu a toquei. Mas para que isso aconteça, precisamos da aprovação do Visconde de Cerveira.

— Será a parte mais difícil, não impossível, mas deveras difícil. E não porque é um banqueiro podre de rico, presumo que agrada ao meu pai ter o futuro da filha assegurado, mas porque é um republicano.

— Por isso temos que fazer tudo certo. – Ele estava certo, mas o infame havia me ensinado que o errado podia ser muito prazeroso.

— Vamos ser discretos e assim que papai consentir com nossa união, corremos para marcar a data do casamento.

— E se ele não consentir?

— Não fale uma coisa dessas! – Repreendo-lhe, porque ser colocada entre a cruz e a espada nunca foi meu desejo. Que nenhum deles ousasse me fazer escolher por um em detrimento do outro. Eu não sobreviverei incólume a tal exigência, disso eu estou certa. — Prometa-me que lutará por nós dois?

— Sempre, mas precisa estar pronta para as adversidades, meu bem. A união de um burguês com uma dama da nobreza não será bem vista e não desejo que sofra em razão disso.

— Não sofrerei pelo eventual desprezo no qual poderemos ser vítimas. Não me importo, mesmo porque sempre fui tida como uma excêntrica e tolerada na Corte em razão da influência do sobrenome do meu pai. Mas jamais conseguirei ter que escolher entre você e ele. Seria um grande sofrimento ter que virar as costas ao meu pai, Fernão. – Tomo a decisão de lhe ser honesta, porque desejava uma união baseada na sinceridade e não em pequenas mentiras que poderiam no futuro nos separar mais do que as dificuldades que enfrentaríamos.

— Comprarei um título se for necessário! – Ele fala com seriedade e acabo rindo. — Não ria! Falo sério! Dizem que estão vendendo títulos e eu tenho fundos para comprar um.

— Temo, meu amor, que tenha que fingir que deixou de ser republicano. – Beijo-lhe no queixo a fim de que volte a relaxar. — Não digo que tenha que ser um monarquista, mas que na presença do meu pai evite os discursos efusivos sobre a República. Procure só falar sobre os escravos e tudo haverá de dar certo. – Beijo-lhe mais uma vez. — Por misericórdia, deixe-me dormir por alguns minutos. – Fernão fala algo mais, mas meu sono é tanto que acabo dormindo sem compreendê-lo bem.



O sol já despontava no horizonte quando Fernão e eu chegávamos na mansão de minha família, um belo palacete em estilo neoclássico com figuras mitológicas a adornar os jardins que se erguiam majestosos, exaltando todo o amor do meu pai pela botânica.

Eu olhava para meu amor cada vez mais apaixonada e ainda sentindo todo o ardor de pertencer aos braços de um homem como Fernão. A paixão nos pregava peças, mas o amor, ah, o amor, nos movia rumo ao inesperado.

Jamais ousei imaginar que viria a me apaixonar por um burguês. Podre de rico, sim, mas com ideias um tanto modernas até para mim que sempre me considerei uma dama à frente do nosso tempo.

— Amanhã, quer dizer, hoje mesmo virei pedir permissão ao seu pai para lhe fazer a corte. — Fernão diz, beijando-me em seguida, e meu coração não quer se despedir dele. Havia me ajudado a escalar a árvore e estávamos os dois na sacada que dava acesso aos meus aposentos.

— Não seria melhor eu prepará-lo antes? — Pergunto preocupada com a reação de meu pai. — Estou mais acostumada com seu gênio e sei muito bem dobrá-lo.

— Não podemos esperar muito, meu amor. — Aconchego-me em seus braços, sempre adiando a separação. — Já pode estar à espera de um filho meu.

— Oh... Seria assim tão rápido? — Arregalo os olhos, assustada com a possibilidade que nem havia passado pela minha cabeça. Eu não entendia muito bem do assunto, mas não conseguia acreditar que poderia engravidar na primeira vez. Ou poderia?

— Pode sim! É jovem e cheia de vida e não duvido que minha semente não tenha encontrado as condições ideais para brotar.

— Poderíamos mudar o assunto, sim?! Toda a história de semente e solo fértil me lembram meu pai e o fato de que precisamos convencê-lo a lhe aceitar por genro. — O assunto filhos haveria de esperar mais um pouco. Não consigo pensar em dois problemas ao mesmo tempo.

— Mas se estiver esperando um filho meu, Cerveira haverá de aceitar nosso casamento.

— É um bom ponto! Porém, será um choque ao meu pai e não quero lhe dar um desgosto. — Acabo emocionada e deixo uma lágrima rolar em meu rosto. Fernão a seca com o lenço que retira do bolso.

Despedimo-nos com a promessa de que Fernão iria esperar por meu chamado. Fui direto para cama assim que consegui me livrar das roupas. Precisava manter as aparências e quanto menos evidências eu deixasse para me comprometer, melhor.

Consegui dormir algumas horas, não mais do que duas ou três horas, considerando o cansaço que ainda sentia quando Laura bateu na porta para avisar-me que papai pedia pela minha presença. Não era um pedido, na verdade, e sim uma exigência.

— Desconfio que o senhor visconde descobriu sobre nossa aventura nas docas. — Laura deixa transparecer sua preocupação, o que me deixa muito

alarmada.

— Mas quem poderia ter lhe contado? – Pergunto cada vez mais aflita. — Rosa?

— Não, minha querida! Rosa está muito brava com nosso sumiço do baile, mas não moveu um dedo para delatá-la. Porém, devo alertá-la que Soveral está lá embaixo com seu pai.

— Soveral? – Volto a me sentar na cama, tomado de um temor gelado. A presença do filho do Marquês de Caravelas não me é um bom sinal, não mesmo.

— O próprio! Em carne e osso! – Laura me mostra um conjunto de blusa e saia, mas não estou com cabeça, nem disposição para pensar em moda.

— Pode ser! – Respondo sem empolgação e minha dama de companhia percebe. — O que Francisco quer tão cedo com meu pai?

— Talvez veio para lhe propor a corte ou mesmo pedi-la em casamento. – Faço o nome do pai como uma forma de livrar-me de destino tão cruel. Jamais me casarei com um sujeito que compra escravas e ainda tão jovens para saciar os prazeres da carne. Mas Laura não precisa saber da sordidez do caráter de Francisco. — O que foi, Violeta? Ele sempre lhe foi estimado.

— Foi! Não é mais! E rogo que não esteja aqui por esse motivo ou terei que rechaçá-lo. – Laura me olha assustada. — Em outro momento te contarei os detalhes. – Dou por encerrado o assunto e Laura me ajuda com as vestes e o cabelo.

Quando me senti apresentável, desci as escadas e tomei a direção da biblioteca de papai, onde ele me esperava na companhia de Francisco. Meu coração batia forte, revelando a agitação que me encontrava.

— Senhorita Violeta! – Francisco levanta da poltrona que estava acomodado assim que me vê. — Está encantadora esta manhã. Tão delicada quanto à espécie de flor que lhe empresta o nome. – Em outros tempos, estaria encantada com seu galanteio em forma de palavras, mas nada consegue afastar a imagem dele com as mãos em cima daquela pobre menina.

— Senhor! – Faço uma reverência e vou para junto de meu pai a fim de pedir-lhe a benção. — Papai, o senhor me chamou e eu vim! – Falo a fim de terminarmos logo com tudo ou a angústia haverá de me consumir.

— Sim! E devo alertá-la de que só não lhe coloco de castigo ou mesmo lhe mando para uma temporada junto de uma de suas irmãs porque Soveral veio em

sua defesa. — Em minha defesa? Mas eu não preciso ser defendida por um homem sem caráter como ele. — Orientei-a a ficar junto de sua irmã e de seu futuro cunhado, mas insistiu em me desobedecer, colocando em risco sua reputação, que se não fosse a generosidade deste jovem estaria completamente maculada.

— Por Deus, papai, do que fala? — Pergunto confusa, sentindo-me tonta e cansada, muito cansada com tanto falatório.

— Não tente me enganar, Violeta! — Papai me fita furioso. — Esteve nas docas, participando de uma das ações dos abolicionistas e graças ao jovem senhor que aqui está em sua defesa, voltou para casa sã e salva.

— Mas papai... — Atrapalho-me com as palavras, temendo comprometer Fernão e os republicanos que participaram da emboscada. — O que tem o Senhor Soveral com isso?

— Ele esteve junto de ti o tempo todo e ainda lhe trouxe para casa. — Eu devia estar ouvindo mal, só pode!

— Não! — Solto estupefata com a audácia do nobre.

— Sim, Violeta! E agora ele está aqui para pedir sua mão em casamento e reparar sua reputação, já que foram vistos juntos altas horas da noite e sem companhia. — Procuro por uma cadeira a fim de me sentar, ou cairei dura diante do susto e do desespero que se avoluma dentro de mim.

— Não me casarei com o Senhor Soveral. — É a única coisa que consigo dizer. — Não o amo.

— Deveria ter pensado nisso antes, minha filha! Não há o que ser feito mais, a não ser se casar com o Senhor Soveral e recuperar o bom nome da família. — Papai insiste no seu discurso sem nem ao menos me dar o direito de falar a verdade. Sempre foi um inferno ser mulher, nunca lhe davam o direito de falar.

— Não me casarei com um escravocrata, meu pai! O senhor precisa saber que Francisco Soveral e toda sua família, por pressuposto, são traficantes de negros. — Clamei na esperança de que meu pai me desse ouvidos.

— Não seja tola, minha querida! Soveral acabou de explicar-me que se infiltrou junto aos escravocratas a fim de conseguir informações. Inclusive, deixou-a que pensasse assim para que seu disfarce não viesse a ser delatado. — O infeliz ainda teve a audácia de julgar-me como uma fofoqueira. Ah, como o

odeio e só não lhe dou com um vaso na cabeça porque seria como jogar a última pá de terra na minha cova. Papai nunca confiaria na minha palavra depois de comportar-me como uma selvagem.

— É mentira! – Aponto para o nobre mentiroso. — Ele é sim um escravocrata. Eu o vi comprando uma menina negra.

— Mais um artifício usado para manter meu disfarce, senhor! – Soveral fala com a cara mais deslavada do mundo. Tão prepotente nas mentiras que inventou que não sente um pinga de vergonha. — Seremos felizes, Senhorita Violeta, e ninguém haverá de comentar sobre sua aventura nas docas quando devia já estar no conforto de seus aposentos.

— Cale a boca! – Xingo-o sem remorso, tomada do descontrole.

— Violeta! – Papai me pega pelos braços, fazendo com que o fite nos olhos. — Já basta de escândalos. O casamento já foi decidido e dentro de quinze dias a cerimônia se realizará.

— Não vou me casar com ele! – As lágrimas escorrem pelo meu rosto e as seco com as mangas, soltando-me do aperto das mãos do meu pai. Ele não tinha o direito de obrigar-me a um casamento que não desejo. — Eu posso provar que ele é um escravocrata. Tenho testemunhas. – Grito enfurecida, jurando para mim mesma que não haverei de ceder tão fácil.

— Ela fala dos republicanos, senhor! Aqueles que quase a desonraram se eu não tivesse chegado a tempo. – Misericórdia, Soveral havia inventado várias mentiras para meu pai e nem sei por onde começar para desfazê-las. Foi esperto em se aproveitar da antipatia de papai pelos republicanos para jogá-lo contra Fernão.

— Está decidido, Violeta! Casar-te-á com o Senhor Soveral, o futuro Marquês de Soveral. Agora, suba para o seu quarto. – Tento falar, mas papai não deixa. Foi envenenado pelo maldito abusador de meninas. — Suba para o quarto e só sairá de lá quando eu ordenar.



Alguns dias haviam passado e Violeta não havia me enviado notícias. Não suportava mais ficar na ignorância e decidi ir até sua casa. Considerei a possibilidade de conversar diretamente com seu pai e assim fazer o pedido de casamento. Seu lugar era ao meu lado e ansiava em poder dividir com ela a cama todas as noites. Até os filhos que outrora não era uma ideia bem-vinda, haviam se tornado uma possibilidade encantadora.

Tentei procurar Danilo a fim de pedir-lhe ajuda, mas andava às voltas com Manoela e acabei desistindo da ideia assim que o vi mais afoito do que nunca. Algo sério acontecia entre os dois e parecia que meu melhor amigo tinha muito com o que lidar.

Cumberland também tentou descobrir notícias de sua Laura e também não

obteve êxito, o que nos deixou alarmados por temer que algo de ruim houvesse lhes acontecido. As duas não poderiam ter sumido de uma hora para outra.

Não conseguia fazer mais nada, o trabalho havia sido deixado de lado e o vigor me deixava à medida que a preocupação se agigantava dentro de mim. Eu temia por sua vida; e mais do que isso, temia por algo que eu sentia, mas que não conseguia compreender muito bem. Aquela situação não poderia mais perdurar por muito tempo e, sim, eu iria até o Cerveira e pediria a mão de sua filha em casamento, mesmo que eu precisasse assumir que havia a desonrado.

Vesti meu melhor terno, barbeei-me e fiz questão até de usar uma bengala para lhe deixar uma boa impressão. Quem havia inventado a moda da bengala devia não ter a cabeça no lugar, desconfio. O objeto podia muito bem ser útil a um manco ou aleijado, mas a um homem saudável nada mais era do que um estorvo.

Quando o mordomo com seu libré bem engomado me recebeu, o suor já escorria em minha testa. Procurei Violeta com os olhos. Nem mesmo sua irmã melancólica encontrei.

Fui recebido pelo visconde em sua biblioteca, a propósito era uma grande e majestosa biblioteca. Calculei por cima mais de 50 exemplares e reconsiderei o número ao me virar e dar de cara com mais cinco prateleiras repletas de compêndios e fichários.

Cerveira arranhou a garganta e acabei me sentindo um tolo por ter esquecido de cumprimentá-lo.

— A que devo a visita, Senhor Gusmão de Albuquerque? – O velho fidalgo pergunta e não deixo de observar o quanto seu olhar se parece com o de Violeta, os mesmos olhos amendoados com rajadas esverdeadas que amenizam a imponência de seu título.

Era como se a tonalidade de seus olhos o tornasse um homem comum.

— Gostaria de tratar de um assunto que diz respeito à sua filha Violeta. – O melhor é ser direto; afinal, sou um banqueiro e havia obtido sucesso por assim agir. — Eu gostaria de lhe fazer a corte e, com sua benção, propor casamento a ela. — A forma com que coloco as palavras parece ter lhe deixado surpreso.

Mas não retiraria o que havia dito só para agradá-lo. Violeta era quem daria a palavra final e não ele.

— Temo, meu jovem, que chegou atrasado! – Engulo em seco e esforço-me

para me manter controlado, mas o calor estava sufocante e o aperto do lenço em meu pescoço me provocava urticárias, uma das razões que nunca me fizeram desejar ser um homem elegante.

— Não compreendi! – Tento ser simpático, afinal, falava com o meu futuro sogro.

— Violeta já está comprometida. – Ele fala como se houvessem lhe tirado um peso dos ombros.

— Não, ela não pode estar comprometida. – A raiva passa a ditar minhas ações e olho para a garrafa de conhaque em cima de uma mesa que ficava do outro lado da sala.

Ah, como um gole de conhaque me ajudaria a aplacar os nervos.

— Está comprometida e com o casamento marcado. Chegou atrasado, meu caro! – Ele insiste com a ideia de que a filha havia se comprometido, deixando-me cada vez mais aflito, porque com certeza eu não havia sido o escolhido por ele para desposá-la.

— Com quem? – Exijo saber.

— Fará alguma diferença saber? – Consinto com a cabeça e o velho visconde parece confuso com minha pergunta. — Com o filho mais velho do Marquês de Caravelas. – Ele responde coçando a cabeça com os dedos.

— Não pode entregar a vida de uma filha para aquele miserável. – Brado indignado com o rumo das coisas, sentindo-me traído também.

— Com certeza Violeta estará melhor amparada do que pelo senhor. Ou pensa que não sei que é um republicano? – Ele que fosse para o inferno; e só não avanço para cima dele porque é um ancião e o pai da mulher que eu amo. Violeta nunca me perdoaria se ferisse seu estimado pai, a quem deixou claro amar incondicionalmente. — O Senhor Soveral reparará a honra de minha filha e a fará feliz. Violeta é uma boa menina, mas muito dada às invenções, e o casamento lhe porá um pouco de juízo.

— Soveral reparará a honra de Violeta? Se há um homem que tem que fazer isso, esse homem sou eu. – Soco a mesa e Cerveira me olha assustado. Mas eu o quero assim, com medo e ciente de que não desistirei de Violeta por nada. — Não sei o que aquele escravocrata medíocre lhe contou, mas o senhor foi enganado.

— O senhor também com essa conversa de que Soveral é um escravocrata?

— E é! O senhor se diz um defensor da causa dos negros, o mais ilustre fidalgo em defesa da abolição da escravatura, mas não consegue enxergar o que está diante do nariz. Não apenas os Soveral são negreiros, mas vários outros nobres, gente que o senhor tem em alta estima e evita enxergar a verdade porque somos nós, os republicanos, que os delatamos. — Confesso, tomado não apenas da fúria ocasionada pelo absurdo que acabava de me contar, mas também pelo cansaço de ser discriminado por ser burguês e republicano.

— Peço que o senhor se retire antes que chame as autoridades para fazê-lo. Não admito que me ofenda dentro de minha casa. — Ele responde alto, talvez pensando que pudesse me acovardar por medo de ser preso ou coisa do tipo.

— Só saio daqui depois que falar com a Senhorita Violeta. — Exijo e pretendo ser satisfeito em minha exigência.

— Jamais verá minha filha. Ela é noiva do Soveral e deve se comportar como uma dama de bom berço. Acabaram as incursões pelas ruas da Corte para atender aos assuntos do partido. Sei que minha filha esteve envolvida com os senhores, que foram inconsequentes ao expô-la ao perigo.

— Eu sempre a protegi. — Rebato suas acusações. — Soveral lhe contou mentiras e eu ei de prová-las; e quando isso acontecer, será obrigado a me conceder a mão de sua filha. — Volto a socar sua mesa com determinação. — O senhor foi feito de tolo por Soveral e aconselho que vá atrás da verdade ou estará colocando a vida de sua filha em jogo ao consentir que se case com um homem sem escrúpulos. Um traficante de negros!

Dou-lhe as costas porque de nada adiantava discutir com alguém cuja mente foi convencida por Soveral. Tudo o que eu lhe dissesse não passaria de reclamações infundadas feitas por um burguês enamorado por sua filha.

O mordomo me seguiu até a porta e quando avisto as árvores estrondosas que convertiam o lar dos Carvalho de Almada na mais bela e arborizada propriedade da Corte, passa uma ideia insana pela minha mente.

Sim, eu veria Violeta naquele dia mesmo ou não me chamaria Fernão Benício Gusmão de Albuquerque. Nem que para isso eu precisasse violar as regras de decoro e civilidade mais uma vez.

Disfarço para que nenhum criado desconfie de minhas intenções e sorrateiramente tomo a direção dos aposentos de Violeta. A luz do dia iria dificultar minha empreitada e poderia ser descoberto quando alcançasse a altura de sua sacada. Que assim fosse, mas sem falar com Violeta não deixaria a

propriedade.

Recolho do chão algumas sementes e as guardo nos bolsos, servir-me-iam para despertar Violeta. Livro-me do lenço, da casaca e da imprestável bengala cobrindo-as com folhas secas, e trato de subir pela árvore. À medida que escalo entre os galhos, uma emoção me toma, as recordações da noite em que a trouxe para casa e a toquei lascivamente a primeira vez, um mero ensaio do que vivemos quando nos amamos de verdade.

Naquela noite eu já estava apaixonado por ela e insistia tentar arrancá-la de dentro de minha cabeça inutilmente, porque ela já havia ocupado meu coração e me feito um tolo apaixonado.

Temendo ser descoberto, não pulo até a sacada e uso as sementes para jogá-las contra a porta. O barulho chamaria a atenção de quem estivesse no quarto, e se não fosse Violeta a sair, eu poderia voltar a me camuflar entre os galhos.

Meu coração dispara no peito quando a vejo na sacada. Tão linda quanto me recordava. A saudade invade minha alma, deixando-me ansioso para envolvê-la em meus braços.

Revelo-me então para ela.

— Fernão! – Ela me chama e eu pulo para dentro da sacada sem pensar duas vezes, puxando-a contra meu peito, sentindo seu perfume e enfiando meus dedos entre os fios de seus cabelos. — Você veio me salvar?



Quando o vi em cima da árvore, o alívio me tomou por completo. Papai havia sido enfático ao me proibir de sair de casa, não somente eu, mas também Laura, o que dificultou a forma de enviar um simples recado.

— Veio me resgatar! – Digo emocionada, agarrada em seu pescoço. — Como fui tola em não deixá-lo me acompanhar para falar com meu pai. — Confesso minha tolice e meu arrependimento. — Tudo poderia ter sido diferente e o infame do Soveral não teria feito a cabeça do meu pai. Agora, papai quer que eu me case com aquele crápula, sem me ouvir...

Acabo interrompida por um beijo e entrego-me a ele com gosto, aplacando toda a saudade que senti dele e toda a dor que vivi nos últimos dias.

— Por Deus! Por Deus! — Fernão repete a frase com as mãos em torno do meu rosto. — Quase enlouqueci quando seu pai me falou que se casará com Soveral.

— Esteve com papai? — Sobressalto-me com sua revelação.

— Estive sim, antes de vir até você. Para pedi-la em casamento, mas cheguei atrasado e quase morri ao imaginar que você havia preferido ele do que a mim. — Abraça-me com força e retribuo.

— Jamais! Prefiro a morte do que ter que me tornar a esposa de um sórdido como Soveral. — Fernão precisava compreender que eu o amava com todo o meu coração e não me entregaria sem lutar por nosso amor. — O que faremos? Papai me colocou de castigo até as bodas. Descobriu sobre a empreitada do partido nas docas e pretende expulsar vários republicanos.

— Não estou sabendo disso! — Ele me encara perplexo com a revelação. — Nem Magalhães deve estar sabendo dos últimos acontecimentos.

— Foi ele, Fernão! Eu sei que foi ele que envenenou meu pai contra os republicanos e ainda o convenceu a expulsá-los do partido. — Desprendo-me dos braços dele e entro em meu quarto, tomando o cuidado de ir até a porta para trancá-la.

Se papai me surpreendesse na companhia de um cavalheiro, nem sei do que seria capaz. Já havia extrapolado muito de sua paciência.

— Darei um jeito de desmascarar Soveral e fazer com que seu pai confie em você novamente. — Ele me envolve pela cintura e eu aconchego minha cabeça contra seu peito, sentindo-me tão protegida e tão, mas tão apaixonada por ele.

— Não será uma tarefa simples, meu amor! Soveral fez um bom trabalho e forjou as provas para que meu pai confiasse nele. — Pontuo, sentindo meu corpo ceder ao medo de ter que me separar de Fernão novamente.

— Seja como for, com Soveral você não se casará, nem que eu tenha que raptá-la no dia do casamento. Levá-la para longe, meu amor. — Fernão enruga a testa, estreita os olhos e morde os lábios, deixando claro que está disposto a tudo para salvar nosso amor e eu não poderia fazer diferente, não o incentivando ou sendo uma medrosa por não suportar a ideia de ser rejeitada por meu pai. — Mas antes farei o possível para conquistar a confiança de Cerveira. — Desliza o dorso da mão em meu rosto, provocando arrepios em minha espinha e atraindo meus

mais indecentes pensamentos, os mais contraindicados para uma dama na situação em que me encontro.

— Papai fez sua escolha! – Não poderia desculpá-lo por não me dar ouvidos. — Deixou-me à margem da decisão e nem o benefício da dúvida me foi dado. Preferiu dar razão a Soveral do que a mim, sangue do seu sangue. Eu sei que sempre fui geniosa e cheia de vontades, que lhe deixei preocupado ao participar de uma ofensiva tão arriscada... – Tomo fôlego para dizer o que sempre seria uma verdade dolorida demais para ser pronunciada. — Mesmo assim preferiu empenhar sua palavra, dando-me em casamento a um ser desprezível que abusa de meninas; e nem sei o que será capaz de fazer comigo. – As mãos de Fernão apertam minha cintura com posse, revelando o quanto teme que eu acabe unida em matrimônio com alguém que não merece nem ser considerado herdeiro de título tão importante. — Nunca o perdorei por não ter me escutado. – Seco as lágrimas com a manga do meu vestido.

Foi então que tomei consciência de que estava totalmente descomposta para recebê-lo. Os dias em clausura haviam me feito perder o gosto em me arrumar e evitava trajes mais elaborados. Até mesmo Rosa havia percebido minha melancolia e vinha até meu quarto na tentativa de me animar. A pobre se sentia culpada pela minha triste sina, ainda mais quando decidi lhe contar sobre o que havia descoberto acerca de Soveral.

— Não precisa sentir vergonha pelos seus trajes, meu amor. – Fernão beija minha testa, fazendo-me amá-lo muito.

— Nunca estive tão descomposta em sua presença. – Solto escondendo-me contra seu pescoço. Suas mãos espalmadas em minhas costas deslizam em movimentos prazerosos que me fazem querê-lo tanto.

Sim, eu poderia seduzi-lo e entregar-me a ele poderia me deixar mais tranquila.

— Está ainda mais bela do que costuma estar.

— Não minta, Fernão! – Sorrio apenas para não chorar.

— Não minto, meu amor! Gosto de você da forma mais natural possível. – Aproxima sua boca do meu ouvido. — Sem nada é melhor ainda.

— Fernão! – Exijo sua atenção.

— O quê?

— Ame-me mais uma vez. Ame-me e prove-me que ainda podemos ser

felizes, mesmo que por alguns minutos. – Imploro abrindo os botões de meu simples vestido de tarde, desvendando-me para ele com cobiça.

Eu queria ser amada por Fernão para que eu pudesse gravar cada pedacinho de seu corpo em contato com o meu. Assim, para sempre, eu poderia levá-lo comigo como uma lembrança doce, mesmo que o pior nos acontecesse.

— Não temos tempo para isso! – Ele me olha assustado, talvez considerando a ideia de que eu havia enlouquecido; e havia mesmo, porque eu preferia a loucura do que uma vida sem ele.

Se papai insistisse com a ideia de casar-me com o filho do marquês, eu me entregaria a loucura sem nem ao menos sentir remorso por fazê-lo sofrer.

— Ame-me, Fernão! – Deixo o vestido cair aos meus pés e desço com as alças da roupa de baixo, mostrando-me inteira para ele, dando-lhe as costas e tomando a direção da minha cama.

Fazia dias que nem sequer o espartilho fazia questão de usar, porque tudo havia se tornado um borrão sem os beijos de Fernão. A uma mulher que havia sido amada pelo homem que o coração havia escolhido, nada teria o mesmo colorido se a obrigassem a se afastar dele.

— Violeta... – Ele arfa, movimentando-se lentamente em minha direção, como um leopardo pronto para dar o bote. Deveria temê-lo, mas pelo contrário sentia-me empoderada por lhe ter seduzido. — Provoca-me quando deveríamos estar discutindo nossa situação.

— Qual situação? – Pergunto provocativa, deitando-me na cama e estendendo meus braços como um convite para que faça amor comigo.

Eu era dele e não haveria como mudar isso, nem mesmo Soveral poderia mudar o fato de que eu havia sido feita mulher por Fernão, eu era a mulher de um burguês e isso apenas me deixava orgulhosa.

— Que está noiva do futuro Marquês de Caravelas e que eu não passo de um banqueiro sem classe. – Fernão atende meu chamado e se coloca entre minhas pernas, deslizando suas mãos fortes em toda a extensão delas até atingir a altura das coxas, enquanto sua boca abocanhava um dos meus seios, chupando-o com leite e fazendo-me explodir entre as pernas.

Não, depois de Fernão, outro jamais poderia me tocar como ele. Depois de seus toques gentis e excitantes, jamais outro poderia ocupar seu lugar dentro do meu coração.

— Não me importo com o fato de que estou oficialmente noiva do futuro Marquês de Caravelas. O renego como homem e devoto meu corpo, minha alma, todo meu ser a ti, Fernão. Eu amo você e o amarei para sempre, sendo noiva de outro ou não. — E assim declarando-me, deixo-me levar pela emoção do momento, entregando-me a ele com prazer.

— Prometo, meu amor, que a livrarei do noivado; e quando menos esperar será a Senhora Gusmão de Albuquerque, a mais respeitável dama da Corte. — Ele jura e eu acabo úmida entre as pernas, sentindo a ponta de seu membro rígido e pronto para me possuir mais uma vez.

Nos amamos e nos entregamos ao mais puro e inebriante sentimento de completude. Fernão havia nascido em outra classe social, havia lutado por seu lugar ao sol e isso lhe fazia ainda mais perfeito. Poderia não ter o refinamento de muito fidalgo de berço, mas sua alma generosa, justa e protetora o fazia o melhor partido da Corte, quiçá do mundo. Tudo porque ele havia conquistado o direito de tocar o meu coração e também merecia tocar meu corpo.

— Diga-me, o que devo fazer para te dar prazer? — Sussurro em seu ouvido, já sentindo o prazer me tomar e me fazer disposta para coisas que não entendo muito bem. — Quero te tocar e te fazer feliz.

— Seja você mesma, meu amor! Nada mais me faz feliz do que tê-la em meus braços, penetrando-a com ardor e sentindo que você é só minha.

— Só sua. Assim como você me pertence. — Exijo sua entrega e ele se desmancha contra meu corpo, abafando meus gemidos com beijos provocativos, forçando a passagem de sua língua assim como seu membro me tocava e me fazia quase elétrica de tanto prazer que emanava de meu corpo.

Ali, grudados e entregues ao poder da mais chocante volúpia, éramos um só, protegidos pelo nosso amor de toda a dor e sofrimento do mundo. Não nos importava em absoluto se eu havia sido dada em casamento a um influente herdeiro ou se Fernão era um mero banqueiro republicano que papai não fazia questão de ouvir.

Nada nos importava; a não ser eu, ele e nosso amor.



Apesar de ainda atordoada pelo prazer compartilhado com Fernão e pelo medo de ser descoberta por meu pai, eu não conseguia sentir remorso por ter me entregado novamente ao amor de minha vida.

Era para ser Fernão, e por isso de nada adiantava procurar o pretendente ideal nos salões da Corte. Minha vida poderia ter sido facilitada se ele fosse o filho de um importante par do Império, mas não o tornava menos importante ao meu coração por isso.

Fernão me deixou um pouco antes do almoço e precisei de muita coragem para dizer-lhe até logo, não um adeus, porque havia me prometido voltar nem que precisasse invadir meus aposentos outra vez.

Laura bateu na porta logo depois, com uma bandeja em mãos, e por pouco não nos encontrou ainda amolecidos em cima de minha apertada cama. Abri-lhe a porta e se assustou com a bagunça que encontrou. Minhas roupas estavam amontoadas no chão e os lençóis todos amarrotados. Mas foi o lençol que cobria meu corpo que a fez entender o que havia acontecido.

— Ele esteve aqui com você? – Pergunta, mas suas palavras soaram mais como uma constatação do que um questionamento.

— Esteve! – Solto ainda sentindo o deleite que foi fazer amor com Fernão.
— E foi tão lindo.

— Por Deus! Devo concordar com o visconde que sua filha bebeu chá de cogumelos.

— Chá de cogumelos? – Solto indignada com a tolice de meu pai. — É ele quem tem bebido chá de cogumelos ao conceder minha mão ao infame do Soveral.

— Bebendo ou não chá de cogumelos, não foi uma boa ideia se refestelar na cama com o republicano. – Laura poderia ter permanecido quieta e acabo lhe mostrando a língua.

— Sim! Devo considerar os conselhos de alguém seriamente disposta a estragar sua vida ao se enamorar por um duque. – Laura abaixa a cabeça e arrependo-me de comentário tão infeliz. Vou para junto dela e a abraço. — Perdão, perdão! Jamais quis te ofender ou mesmo ter sido tão mesquinha.

— Eu mereci! – Ela aceita meu abraço e acabamos as duas entre lágrimas.

Eu não sabia ao certo em que pé estava o relacionamento de minha dama de companhia com o Duque de Cumberland e o remorso me tomou quando percebi que havia passado mais tempo preocupada com os meus próprios problemas quando minha melhor amiga sofria por um amor impossível.

Eu devia lhe ter sido mais presente, mas havia preferido me afundar na dor de ter sido separada de Fernão, fechando os olhos para sua delicada situação.

— Não posso me casar com outro que não seja Fernão, Laura. – Fecho os olhos como uma forma de aplacar a dor em só imaginar uma vida longe dele. — Não só porque amo Fernão e não Soveral, mas porque me entreguei a Fernão. Se o casamento acontecer e Soveral desconfiar que não sou mais uma donzela pura e imaculada, minha vida se tornará um inferno. – Eu evitava pensar na possibilidade, porque toda vez que o fazia, as imagens das mãos de Francisco no

corpo da menina negra me apavoravam.

— O visconde precisa ouvi-la, Violeta! — Laura diz. — E você precisa sair do quarto e tentar fazê-lo recuperar o juízo. De nada adianta ficar escondida aqui, sem nem ao menos lutar por sua felicidade.

Ela estava certa, e eu precisava me reerguer e confiar que Fernão daria um jeito de nos salvar.

— Descerei para o jantar! — Laura sorri com minha decisão. — Usarei um bonito vestido de noite. Quem sabe papai me deixe falar e explicar-lhe tudo.

— Uma coisa de cada vez. — Laura novamente estava certa. Sua vida difícil a fizeram menos ansiosa e eu nem saberia como poderia lhe agradecer pelos conselhos valiosos.

A visita de Fernão também acalentou minha alma atormentada pelo desespero. Bastava a mim erguer a cabeça e lutar por aquilo que me faria feliz.

— Tentarei ser menos ansiosa e mais centrada. — Digo.

— Violeta, o visconde me mandou até aqui para lhe comunicar que hoje deverá estar apresentável para jantar com a família de teu noivo. — Meu coração dispara no peito. — Você precisa ser forte e passar por isso com a cabeça erguida. Rosa já tem dado muita dor de cabeça para o pai de vocês e ele anda muito nervoso. Quanto mais provocá-lo, pior vai ser.

— Preciso provar que Francisco é um escravocrata ou papai nunca dará ouvidos a mim e aceitará Fernão como genro. — Levanto a cabeça e assusto-me com a chegada súbita de Rosa. — O que ouviu?

— O suficiente para dizer que você precisa ser mais esperta do que o tolo do Soveral. — Minha irmã me encara com olhos de uma cotovia presa em uma gaiola. Algo lhe incomoda e eu preciso ajudá-la. — Papai está tão enfurecido que não fez caso do pedido de Astolfo de nos casarmos.

— Oh, minha irmã! Então é isso que tanto lhe alardeia! Seu casamento com o Capitão? — Ela apenas chacoalha a cabeça para concordar. — Perdoe-me por ter complicado tua vida. — Pego sua mão entre as minhas e só então me dou conta de que estar enrolada em um lençol não é a melhor maneira de confortar uma irmã.

— O que faz nua em plena luz do dia? — Pergunta revirando os olhos e acabo soltando uma gargalhada, mas de nervosismo, pois não estou preparada para confessar-lhe de que havia perdido a virgindade com um republicano.

— Outra hora eu conto! – Encerro o assunto antes que a mente fértil de minha irmã encontre as repostas por si só, e não preciso de mais uma complicação nessas alturas.

— Violeta, eu quero ajudá-la a sair dessa enrascada. Não posso aceitar que se una a um homem como Soveral depois do que me contou. – Ela declara com os olhos tomados de lágrimas. — Astolfo também quer ajudá-la e pode contar conosco para tudo.

— Até para entregar recados ao Fernão? – Seria uma grande solução, já que eu e Laura havíamos sido proibidas de deixar a mansão.

— Até! – Ela responde com um sorriso grudado no rosto. — Astolfo poderá procurá-lo sempre que precisar. Não está sozinha, minha querida! Sei que não fui a melhor irmã do mundo, mas reconheço que você tem sido a melhor, sempre cuidando das minhas necessidades e me amparando nos momentos mais difíceis. Não posso te deixar sozinha.

— Obrigada, Rosa! – Abraço minha irmã. — Prometa para mim que cuidará de papai e Jacinto se eu precisar me afastar.

— Não vai precisar, porque será uma questão de tempo para que possamos desmascarar o desgraçado. – Rosa está mais otimista do que eu e vê-la tão determinada me deixou aliviada. Sempre a julguei uma mulher forte, e por mais que a melancolia a tomasse, algo forte e implacável dentro dela a trazia de volta à vida. Alguns poderiam julgá-la cheia de fricotes e não digna de nosso respeito, mas eu a admirava e a compreendia na maior parte das vezes. Éramos irmãs, afinal, e irmãs brigavam e divergiam em muitos pontos. — Esta noite não estará sozinha durante o jantar. Eu, Astolfo e Laura estaremos ao seu lado e faremos de tudo para protegê-la das garras de Soveral.

Laura se aproxima.

— Temos um plano, Violeta! – Fala tão baixo que mal consigo compreendê-la.

— Um plano?

— Sim! – Rosa diz empolgada. — Um ótimo plano! E será executado esta noite. Mas antes vá se vestir, que olhá-la embrulhada em um lençol não é uma visão que eu faço questão de ter. Ainda mais quando é uma prova de que andou fazendo o que não devia com um certo banqueiro atrevido.

— Como sabe que Fernão esteve aqui? – Pergunto surpresa e Rosa aponta

para um par de meias masculinas perdidas ao pé de minha cama. — Mas posso muito bem fingir que não vi nada e não sei de nada.

Acabamos as três rindo como hienas e as agradeço pela descontração que me fizeram sentir. Eu precisava de um tempo só entre as garotas para me sentir como uma delas novamente.

Laura separou um vestido floral para a tarde e escovou meus cabelos enquanto uma Rosa empolgada me contava os detalhes de seu estratagema. A ideia era encurralar Soveral em uma sala reservada e fazê-lo confessar seu engodo. Rosa daria um jeito de levar nosso pai até lá e ele ouviria a confissão, liberando-me do compromisso.

— Veja o quanto o plano é brilhante! — Rosa exclama numa efusão de felicidade que nunca lhe foi comum, mas que a deixava tão estonteante.

— Mas e Fernão? Livrar-me-ei de Soveral, mas papai poderá não o aceitar por meu marido. — Eu não consigo mais pensar com clareza e o temor volta a me gelar a espinha e me fazer temerosa por meu futuro.

— Devemos ir por etapas. Primeiro, nos livramos do demônio, depois trataremos de dar um jeito do visconde aceitar o banqueiro como genro. — Laura pontua.

— Exatamente, minha irmã! Primeiro nos livramos do senhor sem escrúpulos e depois tratamos do assunto banqueiro republicano. Mas devemos considerar a hipótese de meu querido futuro cunhado se revelar um herói aos olhos de papai, o que facilitará muito.

Animada com a empolgação de Rosa, voltei a ter a esperança de que podia dividir uma vida com Fernão, sem ter que fugir com ele para o estrangeiro ou mesmo ter que romper com meu pai.

Sim, havia uma luz no fim do túnel e eu a seguiria com fé.



Deixei Violeta para trás a contragosto, sentindo que havia deixado parte de minha alma com ela. A preocupação quanto a sua segurança me enlouquecia e nada, absolutamente nada, conseguia me acalmar.

Se Soveral cruzasse o meu caminho, eu o mataria com requintes de crueldade. Ah, se ele ousasse cruzar meu caminho!

Fui tirado da minha miséria por Danilo, que entrou em meu gabinete parecendo que havia lutado contra um batalhão. As olheiras escuras e os cabelos desgrehados eram indicativos suficientes para me preocupar.

— Preciso de você! — Falamos os dois juntos e acabamos rindo com nosso desespero. — Fala você primeiro. — Encorajo-o para que me diga o que tanto lhe

preocupa.

— É Manoela! – Ele solta sentando-se em seguida em uma das poltronas.
— Temo que sua vida esteja em risco por ter se metido com criminosos.

— Como assim? – Questiono-o preocupado.

— É uma longa história, que um dia lhe contarei. No momento, preciso tirá-la do Rio de Janeiro e tem que ser uma fuga discreta. – Ele fala olhando para o chão. Danilo sempre foi um sujeito vivaz, cheio de vida, e ali na minha frente não conseguia reconhecer o meu melhor amigo. — Se você pudesse me emprestar a chácara...

— Claro que posso! Porém, a sede da chácara precisa de reformas e não sei se é o melhor lugar para levar uma dama como a Senhorita Manoela. – A chácara havia passado a me pertencer quando seu dono a hipotecou e não foi capaz de solver a dívida. Era uma ótima propriedade, mas o abandono era visível em todos os cantos.

— Manoela é diferente das damas enfadonhas da Corte e não fará caso das péssimas condições das instalações. Você se surpreenderia com ela. – Meu amigo abre um sorriso que deixa qualquer apaixonado com vergonha. Danilo Magalhães, o futuro das letras jurídicas, havia sucumbido à paixão e justo com o desperdício da temporada. — Do que está rindo? – Ele pergunta.

— De você! Que está irremediavelmente apaixonado por Manoela Martins, o desperdício da temporada. – Solto uma gargalhada e Danilo me repreende com o olhar. Sabia que não era o melhor momento para uma piada do tipo, mas não resisti.

— Fala como se não estivesse apaixonado pela dama mais coquete da Corte. – Ele pegou pesado, mas não podia negar que havia me apaixonado por uma garota que jurei não chegar nem perto.

— Não nego que sou louco por Violeta. – Digo-lhe empolgado, mas acabo sendo tomado novamente pela apreensão de que dentro de poucos dias se casará com outro se eu não agir de imediato. — Danilo, preciso de sua ajuda e de Cumberland. Violeta foi prometida em casamento ao filho do Marquês de Caravelas.

— Como assim?

— O desgraçado mentiu para Cerveira e aproveitou-se disso para pedir a mão de Violeta em casamento, alegando que a salvaria da desonra. – Vou para o

aparador de bebidas a fim de servir duas doses do mais forte dos destilados. Nós dois precisávamos disso para aplacar os nervos.

— O que nos aconteceu, meu amigo? – Danilo pergunta quando lhe entrego o copo. — Como pode duas damas rebulicar tanto nossas vidas?

— Isso se chama amor, meu caro! – Bato-lhe nas costas e em um gole só despejo todo o conteúdo do meu copo goela abaixo.

— Claro que um dia haveria de chegar, mas poderia ter sido com duas damas menos endiabradas. – Danilo pontua com razão, mas eu discordo dele.

— Mas não seriam tão interessantes se fossem duas enfadonhas damas da Corte. – Abro um sorriso ao lembrar do corpo quente de Violeta colado ao meu após implorar para que eu a amasse.

Jamais outra seria tão audaciosa e tão perfeita para mim.

Jamais.

Fomos interrompidos pela chegada súbita de Cumberland que, por ser o mais folgado, não fazia questão de ser anunciado. Ele estava acompanhado de um sujeito que me parecia familiar. Inspecionei sua farda da Marinha e, então, recordei se tratar do noivo da irmã de Violeta.

— Temos novidades para você, Gusmão! – O duque sorri e o alívio deveria ser o sentimento a inundar minha alma, apaziguando toda a preocupação que sentia. Mas não, eu apenas conseguia ficar ainda mais ansioso. — Este é o Senhor Astolfo Fernandes do Prado, Capitão da Marinha e noivo da Senhorita Rosa Carvalho de Almada.

— Sim, a irmã de Violeta! – Retruco tomado de uma aflição incomum.

— A própria! – Cumberland sorri efusivamente. — Ele está aqui porque precisa lhe entregar um recado da cunhada. E aconselho a você, meu amigo, ouvi-lo. – Com certeza eu o ouviria e precisava avisar meu nobre amigo de que eu estava disposto a tudo para resgatar minha Violeta das mãos de um crápula sem coração como Soveral.

Danilo se aproximou e cumprimentou meu futuro cunhado com um aperto de mãos. Pareciam se conhecer. Rapidamente, o Capitão explicou-nos o plano que seria levado a cabo ainda nesta noite e minha preocupação se alarmou ainda mais. O plano era bom e se fosse executado com sucesso poderia livrar Violeta do compromisso, mas se não desse certo como esperávamos, dificilmente poderíamos reverter a situação. Isso me fazia temer ainda mais pelo seu destino.

— Vai dar certo! – Cumberland bate em meu ombro. É o mais otimista de nós três, talvez porque irá ser o convidado especial da noite e assim poderá se encontrar com Laura.

Era nítido o quanto a garota lhe era importante, e a julgar por sua cara de tolo toda vez que tocava no nome dela, era outro irremediavelmente apaixonado.

Danilo e Manoela me pareciam o casal mais apto a ficar juntos, eram também os mais compatíveis se considerarmos as classes sociais. Mesmo eu e Violeta sendo oriundos de classes distintas, ela, filha de um fidalgo português muito respeitado no Império e eu, um burguês com uma fortuna considerável, apesar de não ter sangue azul, éramos mais compatíveis do que Cumberland e Laura, que estavam fadados a viver um amor impossível, cujas barreiras sociais eram praticamente intransponíveis.

— Cumberland está certo! – Danilo me tira dos devaneios sentimentais e volto à realidade que me cercava. — Talvez seja a única forma de desmascarar Soveral, dando-lhe, inclusive, a lição que ele merece.

— Meu futuro sogro, quer dizer, nosso futuro sogro. – Astolfo corrige seu diálogo voltando sua atenção à minha pessoa e decido que posso gostar dele. — É um homem justo e inteligente. Se ele ouvir a verdade da boca de Soveral, duvido que não acabará com a palhaçada do noivado. É, então, que o senhor deve aproveitar a oportunidade para pedir a irmã de minha noiva em casamento. – Ele me encara com a determinação típica de um militar de carreira.

— Por que está nos ajudando? – Pergunto ao jovem Capitão empertigado no meio do meu gabinete. — Não consigo entendê-lo! Está aqui se arriscando apenas para ajudar um relês burguês.

— Faço isso por Rosa! Ela ama a irmã e não suporta a ideia de imaginá-la casada com um homem que não a fará feliz. Digo-lhe uma coisa, Senhor Gusmão de Albuquerque, nem eu mesmo fui capaz de entender a relação das irmãs Carvalho de Almada, em especial, de Rosa e Violeta, que vivem a trocar farpas, mas que são como unha e carne.

— Irmãs! – Cumberland solta entre risos. — Coisa que vocês parecem não compreender por não as terem. – Assim como Danilo, eu sou filho único.

Astolfo ainda nos orientou sobre os planos das garotas e acabamos os quatro bebendo uísque e falando sobre os sabores e dissabores de amar uma mulher. Estávamos os quatro no mesmo barco e trocar algumas ideias acabou por acalantar nossas almas. Meu futuro cunhado parecia mais experiente em

relacionamentos, por ter engatado um noivado há mais tempo do que nós. E quando me refiro a relacionamentos, falo é claro daqueles que nos interessam de verdade, não um simples caso de final de semana. Ele conhecia Cerveira e suas filhas melhor do que qualquer um ali presente e me deu dicas valiosas de como domar a fera. Contou-nos que as duas irmãs mais velhas casaram com importantes fidalgos portugueses e que fazê-lo aceitar um mero Capitão da Marinha não foi uma tarefa simples e exigiu muito empenho de sua parte.

O mais impressionante foi quando me olhou e disse que se ele havia conseguido a mão de Rosa, eu também haveria de conseguir a de Violeta. Porém, militares sempre foram vistos como mais dignos e influentes do que burgueses. A nobreza nos repelia, e apesar de nossas fortunas financiarem muitos dos seus luxos, éramos ainda uma classe colocada à margem sempre que possível.

— O Capitão está certo, Fernão! Cerveira é um homem justo, um cavalheiro honrado. E quando se der conta de que você tem boas intenções com sua caçula, o aceitará e permitirá que a despose.

— E se não aceitar? — Mil e uma possibilidades se somavam em minha mente prática e objetiva, confundindo-a e fazendo-a hesitante. Antes de Violeta, tudo havia sido preto no branco, sem receios, e era o que havia me movido rumo ao sucesso. E ali estava eu, sentindo-me como uma criança colocada de castigo, perdida e chateada por não poder mais brincar.

— Partimos para o plano B. — Cumberland responde no lugar de Danilo. — Você se casará com a Senhorita Violeta, Danilo salvará sua lady em perigo e todos viverão felizes para sempre.

— E quanto a você, meu nobre amigo inglês? — Pergunto.

— Meu problema é mais complicado e tenho plena consciência disso, mas isso também não é motivo para não acreditar no amor. — Ali estava um homem resignado quanto a seu papel no mundo, um que tinha consciência de que não era um homem comum, mas que poderia sim amar como um.



Amo meu pai com todo o meu coração e sofro por ter que escolher entre ele e Fernão. São dois amores diferentes e também em intensidades diferentes. Enquanto papai foi e sempre será o meu porto seguro, aquele que sempre aplacou meus medos, Fernão é minha promessa de felicidade, aquele que me dará filhos e uma vida a dois com a qual eu sempre havia sonhado.

E toda vez que avisto Francisco do outro lado da mesa, um nó na garganta se forma, simplesmente porque não é ele que imagino ao meu lado para dividir um futuro. Estava sendo o pior jantar da minha vida e sorrir havia se tornado um fardo pesado demais para se carregar. Ele havia tentado ser gentil ao se aproximar, mas eu não queria nem respirar o mesmo ar que ele.

Nossos pais engataram uma conversa sobre política e evitaram tocar no

assunto escravatura ou em nossa última aventura. Aquela empreitada havia se transformado em assunto proibido e eu só conseguia odiá-lo ainda mais por ter usado de um engodo para me forçar a um casamento.

Rosa, que estava sentada ao meu lado, pôs-se a distrair a Marquesa de Caravelas, que estava encantada com o anúncio de nosso noivado. Até a pobre da mulher havia se convertido em um alvo do meu desprezo, apesar de um dia ter lhe admirado e até desejado ser influente como ela.

Todos poderiam ser carregados aos quintos do inferno.

— Esta pressa de vocês casarem estragará os preparativos que deveriam ser dignos de um casal da realeza. — A marquesa cacarejava, e só lamento por Rosa ter que lhe ser simpática. — Mesmo assim, iremos oferecer uma recepção magnífica e Francisco pretende sair em uma longa viagem pela Europa. Será a mais impressionante lua de mel que a nossa Corte já viu.

Em outros tempos eu estaria empolgada com a ideia de uma recepção esplendorosa e uma lua de mel na Europa. Era meu sonho pisar em meu país novamente. Mas aquilo tudo não me importava mais, pois eu não teria Fernão ao meu lado. Seria capaz de trocar tudo por mais uma noite nos braços dele, por uma vida ao seu lado.

Rosa, em vão, tentou me inserir na conversa, uma vez que eu era a suposta noiva e deveria demonstrar empolgação com as bodas que se aproximavam. No entanto, fingir nunca foi uma possibilidade para mim e orgulhava-me muito por ser autêntica e verdadeira. Sim, Violeta Carvalho de Almada poderia ser dona de um gênio difícil, como afirmou papai dias antes de me obrigar aceitar um casamento que não desejava, e até mesmo ser exagerada, mas mentirosa e fingida não faziam parte de minha seleta lista de defeitos.

Olho em direção a cabeceira da mesa e avisto o Duque de Cumberland sentado ao lado de meu pai. Estava ali para nos servir de apoio e havia servido de ponte entre Astolfo e Fernão. O problema é que estava mais interessado em flertar com Laura do que de fato em nos ajudar e não sei se conseguiria levar meu pai para nos encontrar.

Jantamos sem incidentes e à medida que os ponteiros do relógio se movimentavam em cima do aparador, uma agitação tomava conta do meu ser. Quando os cavalheiros insinuaram levantar para bebericarem e fumarem charutos na sala de jogos, foi o momento que resolvi agir. Não poderia ser antes, nem depois, e o sucesso do plano dependia de mim.

Levantei-me também e segui rapidamente ao encalço de Francisco, aproximando-me sorrateiramente dele. Assim que ele me viu, abriu um sorriso e apenas consegui sentir a fúria me tomar. Eu poderia muito bem lhe quebrar os dentes ou mesmo lhe quebrar um vaso na cabeça. Apesar de prazerosa, não me serviria para nada tanta violência.

— O senhor não acha que está muito abafado aqui dentro? – Uso meu leque para seduzi-lo. Mesmo que a contragosto, eu preciso flertar com Francisco.

— Um passeio lá fora me parece uma boa ideia. – Francisco me oferece o braço sorrindo como uma hiena enjaulada.

Andamos em silêncio por alguns metros até que avistamos um banco embaixo de uma seringueira e ali nos acomodamos.

— Por que o senhor mentiu para meu pai? – Pergunto ao avistar Rosa e Astolfo, o sinal que eu precisava para tocar no assunto. Papai estaria por perto ou para chegar se Cumberland não tivesse falhado.

— Para te salvar de um burguês. – O infeliz ainda reconhece que Fernão estava em minha companhia e não ele. — Aquele sujeito jamais a pediria em casamento. É um republicano imprestável como todos os outros.

— Ledo engano! – Seguro firme nas rendas da saia, enfiando os dedos entre os buracos e quase arruinando meu mais precioso vestido. — Fernão não só me protegeu naquela terrível noite como me pediu em casamento. Papai teria aceitado se o senhor não tivesse estragado tudo. – Ele solta uma gargalha e considero a hipótese de lhe ferir com o taco de meu sapato.

— Promessas vazias ditas para ludibriar uma tola não podem ser consideradas como pedidos de casamento. – Ele fala da maneira mais presunçosa que alguém ousou me dirigir a palavra.

— Por que quer se casar comigo? – Levanto em um sobressalto e avisto os cabelos cinzentos de papai. Nossos olhos cruzam, ele parece querer vir ao nosso encontro, mas Cumberland o impede. — Não se faz mais necessário mentir para mim, Francisco! Sei que é um escravocrata, que trafica meninas negras para sei lá o quê.

— Quando for minha esposa, haverá de se comportar com mais decoro! – Sinto o aperto de seus dedos em meu pulso. — Mas está certa ao afirmar que sou um escravocrata, assim como meu pai. Nosso casamento haverá de tirar as desconfianças da Corte e do Senado sobre minha família e ganharemos tempo

para reverter as ideias abolicionistas que se infiltram cada vez mais na Corte.

— Jamais conseguirão! — Brado. — A abolição da escravatura é uma questão de tempo e todos vocês, seus escravocratas torpes e sem coração, amargurarão por terem lutado do lado errado. — O aperto em meu pulso torna-se mais forte e urro de dor. — Foste um miserável ao me usar para se isentar da responsabilidade em participar de um leilão de negros recém-trazidos da África. Foste ainda mais miserável e indigno ao tocar naquela menina de forma tão libidinosa. Jamais serei tua esposa e jamais deixarei que toque em mim com essas mãos imundas. — Cuspo em seu rosto e acabo levando uma bofetada.

— Ouse me desrespeitar novamente que o peso de minha mão será pouco! Não suporto sua audácia e seu atrevimento. Nosso casamento será o teu castigo, Violeta. — Ele deixa claro as condições de nosso matrimônio. — Como genro do Visconde de Cerveira, um dos mais respeitados e influentes pares do Império, ninguém desconfiará de que somos patrocinadores do tráfico de mão de obra escrava e assim nossos negócios prosperarão.

— Pretende enganar meu pai também quanto a isso? E por quanto tempo? — Questiono-o ao avistar meu pai se aproximando.

Ele havia ouvido.

— O tempo que for necessário. O que não será uma tarefa difícil, uma vez que foi muito fácil convencê-lo de que havia tirado a honra de sua estimada e adorada caçula. — Engulo em seco a fim de conter a tormenta que havia se formado dentro de mim.

Eu o queria morto aos meus pés e se não precisasse que ele confessasse, seria capaz de matá-lo, mesmo que só dispusesse de um taco de sapato para fazê-lo.

— Menospreza a inteligência de meu pai! — Respondo-lhe. — Acha-me uma tola quando o verdadeiro tolo és tu. — Solto uma gargalhada. — Julgou ser o mais inteligente ao me usar e a me forçar a um casamento, usurpou o lugar de Fernão e ainda riu pelas suas costas, mas esqueceu de um detalhe. — Solto mais uma gargalhada. — Esqueceu que sou esperta e que poderia lhe pregar uma peça. — Papai se revela e Francisco troca de cor, ficando mais branco do que um pano alvejado. — Conte ao meu pai sobre seus planos para o último lote de escravos recém-adquirido.

— Sua... — Ele levanta a mão e só não volta a me atingir porque papai se coloca entre nós dois. Mas papai é um homem das letras e não afoito às lutas

corporais e acaba suplantado ao chão.

— Papai! – Grito, olhando para os lados em busca de ajuda. Cumberland vem ao nosso encontro, mas temo que Francisco tomado da cólera me fira. Encolho-me ao chão ao lado do corpo imóvel de papai, rezando para que o duque chegasse, mas é a figura imponente de Fernão que sai das sombras para me resgatar. — Fernão! – Deixo escapar em um sussurro e ele apenas pisca para mim como um sinal de que tudo ficará bem.

— Leve-a para dentro. – Fernão exige, voltando sua atenção ao infame do Soveral. — Leve-a para dentro, Cumberland. – Volta a exigir, dessa vez mais firme e o duque me puxa em direção à casa enquanto Astolfo e Rosa ajudavam papai a se levantar. — Devo-lhe ensinar uma lição, Senhor Soveral! – Fernão fala com uma voz gutural, revelando fúria e uma vontade gigantesca de fazer justiça. Eu o entendia. — Para que aprenda a respeitar as damas e as tratar com consideração. Diga-me, Soveral, aos nobres não é ensinado que não se pode bater nas damas nem com uma rosa?!

— Fernão, por favor, ele não vale a pena! Deixe-o ir! – Eu grito, lutando para que Cumberland me soltasse, em vão, porque o inglês é alto e forte e em um simples movimento havia me jogado para cima de seu ombro. — Deixe-o para trás. Papai já sabe que ele mentiu.

— Não, Violeta! – Ele grita. — Nenhum homem bate na mulher que eu amo e sai impune disso. – Acabo sorrindo, o que foi um incentivo para que Fernão terminasse o que havia começado.

Não era certo que ele se envolvesse em uma luta com o filho de um nobre importante do Império, também não era apropriado que meu futuro noivo acabasse em uma prisão, mas eu só conseguia sentir orgulho dele por me amar e me ser fiel.

— Eu amo você, Fernão! – Grito-lhe, mesmo que ele já não fosse mais capaz de ouvir.



Eu andava de um lado para o outro da sala à espera de notícias de Fernão, torcendo para que ele tivesse dado uma boa lição no presunçoso do Soveral, mas também preocupada com o fato de que o marquês poderia fazer uma queixa.

Falando em Caravelas, meu pai o expulsou de casa assim que conseguiu se recuperar do forte soco no qual foi vítima. Jurando-lhe fazer uma queixa formal ao Imperador. O marquês sabia da influência de meu pai junto a Dom Pedro II e praticamente rastejou por clemência.

Cumberland havia sumido do recinto assim que colocou os olhos em Laura e decidi fechar os olhos para isso. Os dois mereciam um momento a sós e eu também não tinha cabeça para me preocupar com nada além de Fernão, que brigava lá fora com o maldito que havia tido a insensatez de pedir minha mão

em casamento.

Astolfo havia saído à procura de panos e água para fazer um curativo na testa de papai e Rosa tentava lhe colocar um pedaço de bife no inchaço.

— Violeta, por Deus, pare de andar de um lado para outro como uma louca!
— Papai afasta o bife da testa e Rosa lhe repreende.

— O senhor devia ter confiado em mim e me deixado lhe contar a verdade.
— Não sei se conseguiria perdoá-lo por não ter me escutado quando tentei lhe contar sobre Soveral.

— Peço perdão, minha filha! — Ele estende a mão e eu acabo sentada ao seu lado, sendo abraçada como a garotinha que nunca deixei de ser. — Eu fiquei louco com o que Soveral contou-me acerca da noite que vocês passaram juntos e temi muito que ficasse mal falada.

— Antes mal falada do que casada com um crápula como ele. — As lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Ele te feriu, papai! — Acaricio seu rosto com carinho, uma pequena tentativa de confortar sua dor.

— Não posso nem imaginar o que ele seria capaz de fazer com minha pequena caçula. — Beija minhas mãos. — Perdoe-me, querida! Não sei onde estava com a cabeça quando me deixei levar assim...

— Não foi sua culpa! — Rosa lhe diz com segurança e sinto orgulho de minha irmã. — Soveral o enganou e se aproveitou de sua preocupação para lhe convencer de que o casamento era a única salvação de minha irmã. Porém, Violeta não fez nada demais.

— Verdade, minha filha? — Papai me fita com apreensão, talvez desejando que eu de fato não tivesse cometido nenhum erro.

— Bem... — Hesito por alguns segundos, na tentativa de encontrar as palavras apropriadas. — Eu cometi alguns deslizos, pequenos deslizos que não são assim tão graves e podem ser reparados.

— Violeta. — Meu coração aperta no peito, a respiração torna-se pesada e devo considerar a possibilidade de correr para longe. — Não mate seu pai de desgosto. Não tenho mais idade para essas coisas.

— Devo admitir que coisas aconteceram. — Decido ser honesta antes que outro se aproveite e complique ainda mais minha situação. — Estive sim nas docas a fim de assistir o desembarque dos africanos, também presenciei o leilão de escravos e vi coisas terríveis que prefiro não comentar, tudo para auxiliar os

abolicionistas do partido.

— Os malditos republicanos. — Papai resmunga levando a mão aos cabelos. — E você, Rosa, leve este pedaço de carne longe, não suporto o cheiro acre do sangue fresco. — E assim, minha irmã, contrariada, tomou a direção da cozinha.

— Eles são bons homens, papai! Precisa ver além do fato de que são partidários da República. Precisa enxergar além do preconceito que sempre teve com os republicanos. — Imploro com a voz embargada e o coração cada vez mais acelerado.

— Tudo porque o ama, não é? — Pergunta encarando-me nos olhos, tão sério que volto a me sentir uma garotinha de cinco anos que acabava de cometer alguma travessura.

— Sim! Eu amo Fernão com toda a força do meu ser. — Declaro secando as lágrimas na manga do vestido.

— E eu amo sua filha, visconde! — Fernão entra e acabo correndo para seus braços, fazendo questão de senti-lo por inteiro e assim constatar que estava vivo e livre, que não foi levado para uma prisão imunda. — E renovo meu pedido de desposá-la e torná-la a Senhora Gusmão de Albuquerque. — Olho para meu pai em expectativa por sua resposta, porque aquilo havia sido um pedido de casamento e ele não poderia negar.

— Não! — Meu pai responde sem considerar o amor que nos unia. — Soveral pode ter usado de artimanhas para me convencer e sinto-me um tolo por isso. Mas isso não significa que entregarei a mão de minha caçula para um republicano.

— O senhor não pode fazer uma coisa dessas comigo. — Largo da mão de Fernão e vou para perto do meu pai, o homem que havia sido tudo para mim, a pessoa que eu mais admirava no mundo. — Eu amo Fernão! Não me obrigue a escolhê-lo em vez do senhor.

— Eu não confio nos republicanos, minha filha. — Papai insiste com a ideia de que republicanos não podem ser pessoas honradas e de bem, e isso me deixa irritada.

Meu pai não poderia se recusar em admitir que as opções políticas de um homem não o faziam pior ou melhor do que ninguém e Fernão havia provado que me amava, arriscando sua vida e sua liberdade ao me proteger.

— O senhor está sendo teimoso. — Ele solta um resmungo, sentindo-se

despeitado, bem sei. — É um homem culto, defensor das liberdades e me espanta vê-lo tão obstinado em não reconhecer a nobreza de caráter de Fernão.

— Violeta, suba para seus aposentos.

— Não subirei! – Recuso ser obediente quando minha vida estava prestes a ser decidida, mesmo que isso me custasse ser deserdada ou mesmo renegada como sua filha.

— Meu amor, obedeça seu pai! – Fernão fala perto do meu ouvido. — Podemos resolver isso mais tarde. Não quero que se arrependa de nada.

— Não subirei e não voltarei a ser colocada de castigo por lutar pela minha felicidade, Fernão! – Olho para meu amor com lágrimas nos olhos, porque eu havia feito minha escolha e ele sabia disso. — Deixe-nos a sós, meu amor, porque preciso falar com meu pai.

— Tem certeza? – Fernão pergunta com carinho no olhar e isso me dá mais certeza de que eu havia feito a escolha certa.

Papai sempre estaria dentro do meu coração, nunca o renegaria como pai, mas ele haveria de fazer sua escolha e teria que ser ainda esta noite.

Fernão se retirou e encarei meu pai, sentindo cada músculo do meu corpo se retesar diante da dificuldade de lhe contar a verdade. Não era o tipo de conversa que eu imaginaria ter que manter com papai, mas se fazia necessário diante da ausência de mamãe.

— Nada do que disser será capaz de me convencer de que será feliz ao lado de um republicano. – Papai solta contrariado.

— Nem mesmo o fato de que posso estar esperando um filho dele? – Digo-lhe sem arrependimento, deixando-o atônito. — Naquela noite em que estive nas docas, fui para ajudar os abolicionistas mais uma vez, mas as coisas não saíram como o esperado e envolvi-me em confusão. Fernão, como sempre, estava lá para me salvar.

— Então, você e o republicano vinham se encontrando? – Meu pai levanta da poltrona e vai em direção a uma das janelas em busca de ar, afastando as grossas cortinas de veludo que impediam a brisa noturna de entrar.

— Ele foi nomeado meu parceiro e tinha por função, além de ser meu contato com os abolicionistas, assegurar minha integridade. – Sempre a verdade, porque eu estou disposta a ser sincera, demonstrar-lhe que posso ser digna de confiança. — Mas foi na noite do desembarque dos africanos que nos

entregamos ao amor que descobrimos sentir um pelo outro e acabou acontecendo o que somente deveria suceder depois do casamento. — Eu havia admitido meu maior pecado, embora não conseguisse me sentir como uma pecadora.

— Você e ele... — Papai troca de cor, não sei se por vergonha ou por fúria. — Você e o tal do Fernão dormiram juntos? No sentido bíblico da coisa?

— Bem, eu não sei ao certo o que o senhor quer dizer com sentido bíblico da coisa. — Eu mal havia sido iniciada em assuntos do tipo e falar em códigos apenas dificultava meu entendimento. — O que quero dizer é que eu me entreguei como mulher para Fernão e posso estar esperando um filho dele.

— Violeta? — Papai volta a sentar na poltrona mais próxima, totalmente transtornado com minha revelação.

— Não posso voltar no tempo e o senhor deve considerar que não posso ser mãe de um bastardo. — E assim, diante de um pai estático e sem cor, elenco os vários benefícios de nossa família se unir a um rico e promissor banqueiro.

Os ventos da modernidade pairavam sobre nossas cabeças e seríamos tolos se não tirássemos proveito disso. Fortunas poderiam se desfazer de um dia para outro e nem mesmo os títulos da nobreza seriam capazes de impedir isso. Papai deveria considerar a boa sorte em ter um genro banqueiro, que com certeza ainda haveria de ser muito influente.

— Que Deus tenha piedade de teu marido, Violeta! — Papai levanta depois de alguns instantes de meditação contemplativa.

— Por que diz isso, meu pai? — Pergunto encafifada.

— Por que só mesmo um homem dotado de um caráter extraordinário e determinado será capaz de fazer par com você.

— Isso é verdade! — Sorrio para meu pai. — Mas Fernão é tudo isso e mais um pouco e tenho certeza de que o senhor e ele irão se entender muito bem. Fernão ainda será o genro preferido. — Ele sorri em resposta e a felicidade invade meu ser por completo. — Então, o senhor nos dá a benção para que possamos nos casar?

— Eu tenho escolha?

— Infelizmente, devo admitir que não. No entanto, ter sua benção me faz a filha mais feliz do mundo. — Jogo-me em seu pescoço e recebo o mais carinhoso beijo de um pai, o melhor pai de todos.

Desprendo-me dos braços de papai e corro em busca de Fernão para que eu possa lhe contar as boas novas. Encontro-o encostado em uma das colunas em estilo romano que ornaram a fachada de nossa casa. Estava pensativo e a ruga em sua testa revelava preocupação desmedida, mas justificável.

— Meu amor! — Chamo-o tomada de uma emoção profunda quando seus olhos claros encontram os meus. — Ele aceitou e podemos nos casar.

— Não brinca com uma coisa séria dessas, Violeta! — O sorriso ainda lhe faltava e aproximo-me ainda mais para poder lhe deixar feliz.

— Não brinco. Meu pai aceitou nosso casamento. Eu juro! Não brincaria com uma coisa dessas. — Fito-o nos olhos novamente enquanto suas mãos deslizam por minha cintura.

— Assim tão fácil?

— Não foi assim tão fácil. — Respondo. — Precisei revelar que me entreguei a ti e que talvez já esteja carregando um Gusmão de Albuquerque no ventre.

— Violeta, você não existe! — Fernão cola seus lábios nos meus, invadindo minha boca e tomando posse do meu corpo, aprisionando minha alma junto a si, o lugar que eu mais desejava estar. Duvido que um dia eu seja capaz de esquecer a felicidade de pertencer a Fernão, duvido ser capaz de amá-lo menos ou querê-lo menos.

— Vamos, meu amor! Papai merece um pedido de casamento decente e você, uma resposta à altura de um importante banqueiro que é. — Deslizo minhas mãos por sua casaca amarrotada, tentando ajudá-lo a parecer menos bruto. — Pretendo me casar logo e ainda quero que nosso casamento seja o acontecimento do ano e de preferência na Capela Imperial onde a Princesa Isabel casou.

— Meu amor, vamos fazer do seu gosto, desde que seja logo. — Fernão envolve meu rosto com suas mãos e meu coração se enche de esperança e alegria. — E tratemos de providenciar logo um herdeiro, assim Cerveira não se sentirá enganado.

— Desconfio de que o neto de papai já foi providenciado. — Sorrio em resposta e Fernão troca de cor.

— Como sabe? É tudo tão recente.

— Mulheres têm o dom para essas coisas e eu simplesmente sei.

— Eu amo você e irei amar cada um dos filhos que me dará! — Ele me beija e assim selamos nosso destino, uma promessa de companheirismo e de amor eterno.

Fim.



Agradeço a você, querido leitor, que tem sido o principal motivo para me manter no caminho de contadora de histórias. Sem você, nada disso seria possível.

Agradeço à minha generosa família que acreditou em meus sonhos; e com seu apoio incondicional me deu forças e esperanças para acreditar que os sonhos valem a pena.

Agradeço ao meu esposo, companheiro de duas décadas, e com quem eu divido planos e ideias de enredos que só parecem se multiplicar em minha mente.

Agradeço ao meu filho Augusto pelos dias em que não estive ao seu lado a

fim de concluir mais uma história, e pelo orgulho que sente de sua mãe ao me apresentar como escritora.

Agradeço às queridas Laizy Shayne, Julia Lollo e Camille Chiquetti, profissionais habilidosas e dedicadas, trazendo primor às minhas histórias.

Agradeço à Silvana Barbosa, a quem muito admiro, por ter aceitado meu convite em ler *Um Amor Inesperado* e assim prefaciar o livro com todo o carinho e dedicação que a tornam uma querida e estimada amiga, além de uma escritora talentosa.

Agradeço também às minhas *Amadinhas*, leitoras maravilhosas que me seguem desde o primeiro capítulo postado de *Um Amor para Penélope* no Wattpad. Às blogueiras, todas elas, sem distinção, por darem uma chance ao meu trabalho, trazendo ainda mais beleza e charme às minhas palavras.

E, por fim, agradeço a Deus pela graça de ter a chance de espalhar amor em forma de palavras, tocando corações mundo a fora.



VEM POR AÍ



Um Amor Impossível, livro 2

Sinopse

Apesar de sua beleza ímpar e de chamar mais atenção do que de fato gostaria, Manoela nunca pôde ser considerada uma dama de gestos refinados. Os livros sempre lhe atraíram mais do que a moda e as fofocas das rodas sociais. Considerada o desperdício da temporada em razão de ter abandonado os salões logo após ser apresentada em sociedade, ocupa seus dias com diversas causas sociais que apoia, ansiando pelo dia em que as mulheres serão reconhecidas como mentes audazes e brilhantes.

Danilo é um jovem advogado, com ideias revolucionárias para um país estagnado na opressão da escravidão. Amante das letras, faz uso das palavras para reivindicar um mundo melhor, mais justo e igualitário. Partidário da causa liberal, procura compreender os novos ventos da modernidade com a esperança de que seu país escolha ingressar em um novo tempo de mais prosperidade e justiça.

Manoela e Danilo vão provar que o amor pode sim nascer de um acaso do destino.

Um Amor Improvável narra a trajetória de Manoela e Danilo, pais do charmoso Danilo Magalhães Filho, cuja história e presença marcante foram

conhecidas na *Série Belle Époque*.



OUTRAS
OBRAS



UM AMOR PARA PENÉLOPE

Belle Époque, livro 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

Formato físico

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

A VIDA FEZ de Penélope uma mulher forte e tenaz. No início do século XX, o sonho de toda mulher é ter um bom casamento e filhos, exceto para Penélope. Prestes a completar 25 anos, Penélope apenas quer receber a herança deixada pelo pai, um inglês que a deixou no Brasil ainda menina, e abrir uma escola para moças em São Paulo. Prestes a realizar seu sonho, Penélope é chamada por sua madrinha Violeta para que acompanhe a jovem Flora nos eventos sociais do Rio de Janeiro. Sem poder negar um pedido de sua amada madrinha, Penélope parte para o Rio de Janeiro, onde é acolhida pela tradicional família Gusmão de Albuquerque.

Dona de uma beleza incomum e de uma inteligência irreverente, Penélope acaba por ser cortejada por vários cavalheiros, o que desperta ciúmes no solitário e responsável Felipe Gusmão de Albuquerque, o primogênito de Violeta. Viúvo e com uma filha pequena para educar, Felipe não esperava se apaixonar pela afilhada da mãe e fará de tudo para mantê-la distante de sua organizada e

planejada vida. Felipe entende que Penélope não reúne as qualidades necessárias para ser a esposa de um rico banqueiro e chefe de uma das mais tradicionais famílias do Rio de Janeiro.

Atormentados pela forte atração que sentem um pelo outro, Penélope e Felipe sucumbirão ao desejo e um forte sentimento nascerá entre eles.



UMA PAIXÃO PARA FLORA

Belle Époque, livro 2

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

O SONHO DE Flora sempre foi fazer uma grande estreia na sociedade carioca. O que aconteceu tardiamente, apenas aos 17 anos, pois sua família, diferente das outras da época, deseja que Flora tenha um casamento por amor, sem interesses superficiais.

Em meio à confusão de pretendentes ao coração de Penélope, afilhada de sua mãe, a caçula dos Gusmão de Albuquerque conhece Yuri Volkov, um imigrante russo que fez fortuna no Brasil ao se dedicar ao mundo do entretenimento. Yuri enxerga em Flora uma oportunidade de ser aceito pela nata social carioca e a seduz, forçando um casamento entre eles. Os planos do empresário não saem como o esperado e ele se vê apaixonado pela esposa, fazendo-o lutar para conseguir protegê-la de um passado marcado por atos ilícitos.

Atormentados pela forte paixão que sentem um pelo outro, Flora e Yuri terão que superar vários obstáculos para terem o merecido final feliz.



UMA NOITE PARA HELENA

Belle Époque, livro 3

Disponível em e-Book

[**Compre aqui!**](#)

SINOPSE

HELENA É UMA comprometida enfermeira que trabalha para um renomado médico em São Paulo. Viúva há anos, dedicou sua vida à educação de sua irmã menor, a quem considera uma filha. Sua determinação em ser um bom exemplo para a irmã mais nova ameaça ruir quando Bento é colocado sob seus cuidados. Considerado um dos melhores partidos do Rio de Janeiro, e para fugir da fila interminável de pretendentes, Bento havia cedido às pressões de seu irmão mais velho e se mudado para São Paulo, com o intuito de assumir o comando da filial do banco da família. Seriadamente ferido em um duelo, Bento não esperava se apaixonar pela linda e destemida enfermeira. Ambos cedem ao desejo numa noite qualquer. Era para ser uma única noite, afinal, Helena era a mais velha dos dois e deveria ter mais juízo. Mas Bento não desistirá dela tão facilmente e dará início a um jogo de sedução, no qual o amor ditará o rumo dos acontecimentos.



UM CAVALHEIRO PARA LORENA

Belle Époque, livro 4

Disponível em e-Book

[**Compre aqui!**](#)

SINOPSE

LORENA, UMA RICA herdeira, foi colocada num sanatório pelo seu tio e tutor inescrupuloso, devido ao seu temperamento forte e rebelde para a época. Com a morte do ancião, Danilo Magalhães, um advogado bem-sucedido, assume a tutela e a administração dos seus bens. Intrigado com o novo caso, Danilo toma a decisão de visitá-la e fica encantado com sua beleza e inteligência. Não querendo cometer uma injustiça, e desconfiado das reais intenções dos parentes de sua pupila, o advogado decide acolhê-la em sua casa, onde Lorena desabrocha para a vida, revelando-se uma jovem apaixonada pelos números e pelos grandes pensadores. Com ideias à frente de seu tempo e disposta a se tornar uma mulher de negócios, Lorena demonstra estar apta a gerir a Cervejaria que o pai lhe deixou como herança.

Seu espírito empreendedor e rebelde desperta sentimentos no solitário cavaleiro, que desacreditado ser capaz de amar novamente, encontra, nos braços de sua pupila, mais do que paixão e conforto. Uma união inusitada e improvável, na qual o amor terá que ser mais forte do que as intrigas e armadilhas que tentam afastá-los.



UM DUQUE PARA IRENE

Belle Époque, livro 5

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

FILHA DE UM barbeiro-cirurgião e irmã de uma enfermeira, o maior desejo de Irene é se formar médica. Em busca de seu sonho, Irene se mudou para o Rio de Janeiro com o objetivo de frequentar a Escola de Medicina, onde foi acolhida pela família do seu cunhado, os Gusmão de Albuquerque, e patrocinada por Lady Penélope. Sua determinação é ameaçada com a chegada do charmoso irmão de sua benfeitora. Willian McCrudden, o Duque de Cumberland, é um aristocrata inglês, cujo berço e influência o fazem um dos melhores partidos da Inglaterra. Ativo e comprometido com as tradições e com a linhagem da família, Willian não esperava se sentir atraído por uma jovem sem berço, cuja atividade favorita é irritá-lo, qualidades impróprias para uma futura duquesa. Pessoas de mundos e ideais diferentes que se veem apaixonados e sem saber o que fazer com o forte sentimento que os une.



UMA AVENTURA PARA ELOÍSE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EM 1922, O SONHO de Eloíse é se tornar uma Médica Veterinária e desbravar o mundo em busca de aventuras. Apaixonada por animais desde menina e convicta de que as mulheres podem e devem ser mais do que apenas esposas, Eloíse vê numa expedição científica para a Amazônia a chance de viver uma grande experiência e aperfeiçoar seus estudos na área das Ciências Naturais. Para tanto, precisará convencer seu pai a deixá-la se reunir aos Parker, um casal de cientistas norte-americanos. O que Eloíse não esperava, era se meter numa confusão com Adrian, o sobrinho dos Parker. Após um encontro inesperado, Eloíse e Adrian se veem às voltas com uma forte atração que ditará o rumo de suas vidas.

Uma Aventura para Eloíse é um *spin-off* da *Série Belle Époque*, ansiosamente aguardada pelas fãs da saga, que em formato de conto, narra parte da mocidade de Eloíse, a filha sapeca de Felipe Gusmão de Albuquerque e uma das personagens mais cativantes da Série.



UM MARIDO PARA LENITA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

O SONHO DE Lenita é se casar com um homem honrado e viver feliz para sempre. Como é a caçula da família, o pai de Lenita exige que suas irmãs mais velhas se casem antes, rejeitando, assim, todos os candidatos à mão da jovem. Quando sequestrada, Lenita conhece Dimitri Petrova, um mafioso russo que foi enviado ao Brasil para convencer Yuri Volkov a retomar os negócios da Máfia Russa. Prática e cheia de vida, Lenita se apaixona pelo seu sequestrador em meio às confusões arranjadas por Flora, sua melhor amiga.

Um Marido para Lenita é o *spin-off* de *Uma Paixão para Flora*, o livro 2 da *Série Belle Époque*. Os acontecimentos deste conto são narrados pela destemida e determinada Lenita Moreira Sales, mais uma personagem fascinante da Saga.



UMA LUA DE MEL PARA JUDITE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

JUDITE E SEAN casaram-se em uma cerimônia dos sonhos. Entretanto, depois de uma longa lua de mel na Europa, as coisas não saíram como o esperado. Assoberbado com o trabalho, Sean quase não tem tempo para a esposa. Judite, afoita por atenção, interpreta equivocadamente a falta de atenção do marido, ensejando a primeira briga do casal, que resulta em uma separação dolorosa para ambos, na qual o amor terá que ser o ingrediente essencial para juntá-los novamente.

Uma Lua de Mel para Judite é mais um *spin-off* de *Uma Paixão para Flora*, o livro 2 da *Série Belle Époque*, e narra os primeiros meses de casamento de Judite e Sean, um dos casais mais queridos da Série. Ela, uma italiana cheia de vida e ele, um irlandês inteligente e perspicaz. Duas almas que se encontram para viver o tão famoso “felizes para sempre”.



UM ROMANCE PARA BERENICE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

BERENICE É A personificação da doçura e do bom comportamento. Uma donzela de princípios que apenas quer encontrar seu par perfeito e ser feliz para sempre. Dona de uma personalidade tranquila em meio a uma família conhecida pelo gênio forte, Berenice encontrará o amor onde menos esperava. Eliseu Padilha, um médico recém-formado e com um futuro brilhante, em visita aos tios no Rio de Janeiro, se encanta pela herdeira mais velha dos Gusmão de Albuquerque; e para tomá-la como esposa terá que provar que a merece, além de ser aprovado pela mais excêntrica família do Rio de Janeiro.

Um Romance para Berenice é o *spin-off* de *Uma Noite para Helena* e contará a história de Berenice e Eliseu, o casal simpático e apaixonado da Série, remetendo-nos aos anos anteriores ao primeiro livro.



UM NAMORADO PARA TELMA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

TELMA, DIFERENTEMENTE DE outras moças de sua idade, não sonha mais em ser pedida em casamento ou mesmo em viver uma grande história de amor. Professora em um grupo escolar, alterna seus dias entre ensinar e ler novelas góticas. Sendo a mais nova de quatro irmãs, acostumou-se a ser a tia que está disponível para cuidar dos sobrinhos. O que Telma não esperava era reencontrar Thales, seu amor de infância que só tinha olhos para sua irmã mais velha. Thales Padilha voltou recentemente da Europa, formado em Direito e como um exímio boêmio apenas quer aproveitar os prazeres da vida e não pensa em se casar tão cedo. De um encontro inusitado, Telma e Thales implicam um com o outro e iniciam um jogo muito perigoso. Ele quer ajudá-la a arrumar um namorado, mas Telma tenta afastá-lo antes que acabe apaixonada e machucada.

Um Namorado para Telma é mais um *spin-off* de *Uma Noite para Helena*, o livro 3 da *Série Belle Époque* e conta a história de Thales Padilha, o primogênito peralta de Berenice e Eliseu.



UM HERÓI PARA LUCIANA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

LUCIANA SEMPRE OUSOU sonhar e querer demais para uma dama de sua época, o que lhe trouxe problemas sem precedentes. Dona de uma mente curiosa e fértil em demasia, foi aprisionada por decisão de seus pais dentro de um asilo para donzelas desajustadas ao se recusar desposar um rico fazendeiro mineiro e desejar cursar a Faculdade de Direito. Em clausura, encontra conforto na amizade de Lorena Neumann, com quem divide a esperança de liberdade. Lorena consegue a proteção do jovem advogado Danilo Magalhães Filho, que se compromete a não afastar as duas amigas. Para tanto, Danilo pede auxílio para resolver a situação a Álvaro Junqueira, seu colega de longa data e um brilhante causídico, que fica encantado com a ávida mente e com a beleza de Luciana. Não demora muito para os dois jovens se envolverem sentimentalmente e um escândalo poderá comprometer a reputação da jovem, que se vê obrigada a fugir com Álvaro para o exterior.

Um Herói para Luciana é o *spin-off* de *Um Cavaleiro para Lorena* e contará a história de Luciana e Álvaro, o casal apaixonado e escandaloso da Série, remetendo-nos aos acontecimentos ocorridos no livro 4 sob o ponto de vista de Luciana, brindando-nos ainda com relatos emocionantes de sua fuga para se casar com seu grande amor.



UM ESCÂNDALO PARA CECÍLIA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

CECÍLIA E MATTHEW cresceram como se fossem primos devido à proximidade de suas famílias: os Magalhães e os Gusmão de Albuquerque. Muito apegados um ao outro desde a infância, acabaram se afastando quando Matthew viajou à Inglaterra a fim de concluir seus estudos, já que lhe era uma oportunidade única de conviver com o lado inglês de sua família. Sentindo-se traída e abandonada por aquele a quem julgava amá-la, Cecília resolveu fechar seu coração para o amor e dedicou-se à carreira de bailarina, tornando-se uma das mais notáveis no corpo de balé do Teatro Municipal. Matthew regressa ao Brasil e, ao encontrar uma bela e inteligente mulher no lugar de sua tímida amiga, deixa-se levar pelo desejo, seduzindo-a para seus braços. Cecília não o rechaça e depois de uma noite de amor um grande escândalo ameaça pairar sobre suas famílias, forçando-os a encarar a verdade sobre seus próprios sentimentos.

Um *Escândalo para Cecília* é mais um *spin-off* de *Um Cavaleiro para Lorena*, o livro 4 da *Série Belle Époque* e conta a história de Cecília, a primogênita de Lorena e Danilo, e Matthew, um dos filhos mais velhos de Penélope e Felipe.



UM INGLÊS PARA RITA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

RITA É UMA jovem que não espera muito da vida, a não ser manter seu bom emprego e ser feliz ao lado da mãe, uma ex-escrava que foi acolhida pela família Volkov. Meiga e de coração puro, não contava se apaixonar por um inglês que representava tudo o que ela mais abominava em um homem. Oscar desembarcou no Brasil a contragosto para acompanhar o Duque de Cumberland, a quem servia como criado de quarto, única função que lhe restou depois de ser expulso do Exército Inglês por comportamento não digno de um cavalheiro. Em um encontro marcado pelo acaso, o jovem inglês fica encantado com a beleza de Rita, uma dama de pele da cor do caramelo e rosto delicado, que o seduz apenas com uma troca de olhares, fazendo-o reconsiderar as escolhas feitas até então.

Um Inglês para Rita é o *spin-off* de *Um Duque para Irene* e contará a história de Ritinha e Oscar, o casal que romperá as barreiras do preconceito para viver o mais genuíno dos amores da Série.



QUANDO ELA CHEGOU

Trilogia Ela, 1

Disponível em e-Book

[**Compre aqui!**](#)

Disponível em formato físico

[**Compre aqui!**](#)

SINOPSE

APAIXONADA POR ARQUITETURA e história, Camila Rossini sonhava se tornar uma arquiteta para trabalhar com restauração e conservação de prédios históricos. Jovem, linda, de personalidade forte e destemida, perfeccionista e detalhista ao extremo, Camila precisou assumir a presidência da construtora da família quando seu irmão mais velho sofreu um grave acidente de trânsito.

Empenhada em manter os negócios da família, Camila deixa de lado seus sonhos e passa a viver para a empresa durante anos. Depois de um longo noivado, é abandonada no altar, o que a leva a questionar as escolhas que fez na vida e a embarcar numa viagem para o exterior.

Ao retornar para o Brasil, Camila decide recomeçar sua vida e realizar seus antigos sonhos. Muda-se para o Rio de Janeiro e aceita o cargo de assistente do genioso e controlador Murilo Mendonça Castro de Alcântara, um arquiteto talentoso e um mulherengo incorrigível. Uma forte atração surgirá entre os dois, fazendo-os sucumbir a uma tórrida paixão, que poderá mudar o curso de suas vidas para sempre.

Quando ela chegou é o primeiro livro da *Triologia Ela*, que narra os encontros de casais de mundos diferentes que descobrem no amor seu elo mais profundo.



ELA É MINHA

Trilogia Ela, 2

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EM QUANDO ELA CHEGOU, o livro 1 da Trilogia Ela, conhecemos o charmoso e divertido arquiteto Eduardo Botelho Neves, o Edu. Abalado com o casamento de Murilo e Camila, a quem nutria uma paixão, Edu prefere se afastar dos amigos.

Depois de muita insistência, Edu aceita o convite de Murilo para uma confraternização em sua casa, onde conhece Maria Lúcia Oliveira de Souza, a Malu, uma cientista com doutorado em física nuclear, que retorna ao Brasil para resolver pendências de seu misterioso passado.

O que Edu não esperava era se ver às voltas com a cientista e apaixonar-se por ela. Porém, Malu não quer se relacionar com ninguém, dificultando e criando barreiras para que Edu se aproxime.

Edu, um conquistador nato e um sedutor experiente, não mede esforços para conquistar Malu, usando todas as suas habilidades para atraí-la para sua cama. Ele a quer muito e ela se deixa levar pelo prazer. A atração entre os dois passa a ser irresistível e uma perseguição entre eles se inicia, levando-os a descobrir e a experimentar sentimentos nunca antes vividos.

Ela é minha é o segundo livro da Trilogia Ela, que narra os encontros de

casais de mundos diferentes que descobrem no amor seu elo mais profundo.
Faz parte desta edição, como bônus especial, o conto Ela é Perfeita.



EU QUERO ELA

Trilogia Ela, 3

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EM "EU QUERO ELA" é a vez de conhecermos o intelectual Leandro Navarro, um astrofísico introvertido que, arrependido de abandonar Camila no altar, inicia uma busca para encontrá-la e se desculpar pelo que havia feito com a esperança de reviver seu relacionamento.

O que Leandro não esperava era encontrá-la casada e com filhos. Não bastasse o ciúme doentio do marido de sua ex-noiva, Leandro ainda precisará vencer as barreiras impostas pela cunhada de Camila. Ana Margarida Mendonça Marcuzzi, uma jovem extrovertida e cheia de vida, não medirá esforços para proteger o casamento do irmão, lançando mão da sedução para manter o cientista afastado da cunhada.

Desse encontro inusitado surge uma forte atração. Esse sentimento faz com que criem um elo, onde desejo e paixão os conduzirá a descobrir o real significado da palavra amor.

"Eu quero ela" é o terceiro livro da "Trilogia Ela", que narra a estória de

casais de mundos diferentes que encontram no amor seu elo mais profundo.

Faz parte desta edição, como bônus especial, o conto *Para sempre ela*.



SEMPRE FOI VOCÊ

Disponível em formato físico

[Compre aqui!](#)

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

DEPOIS DE UMA década e de escolhas erradas, Pedro reencontra a mulher de sua vida. Pedro e Melissa foram namorados na juventude, mas o destino os impediu de ficar juntos. Melissa casou-se com o melhor amigo de Pedro após ter fugido para o exterior. Pedro, por sua vez, casou-se com a irmã mais nova de Melissa. Com o retorno de Melissa ao Brasil, agora viúva, a paixão adormecida entre os dois renasce ainda mais forte.

Preso a um casamento fracassado, Pedro precisará lutar para reconquistar o amor e a confiança de Melissa. Em meio a segredos e intrigas familiares, poderá o amor ser capaz de vencer?



AO SR. L, COM AMOR

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

ATRAVÉS DE CARTAS não enviadas ao Senhor L., o amor idealizado da Senhorita S., conheceremos a transformação de uma menina tímida em uma mulher realizada e segura de suas escolhas. A primeira carta foi escrita no aniversário de 15 anos e, a partir de então, a cada 5 anos, a Senhorita S. escreveu uma nova carta, onde relatou os principais fatos, conquistas e sentimentos dos últimos anos de sua vida e as marcas que um amor não correspondido deixou em sua alma. A última e derradeira carta foi escrita, após um encontro dos dois, 20 anos depois da primeira carta. Na última carta, a senhorita S. despede-se definitivamente da menina que um dia foi e dá boas-vindas à mulher madura e feliz que se tornou.



VIDAS ENTRELAÇADAS

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

FREDERICO E JOÃO PEDRO, dois irmãos que cometem o pecado de amar a mesma mulher. Olívia é essa mulher, uma jornalista talentosa e uma mãe solteira dedicada, que desde os 15 anos é atormentada por pesadelos.

O destino trama um reencontro decidido por suas almas há longa data, no qual um acerto de contas é imprescindível para o resgate dos pecados dos três. Paixão e desejo. Intrigas e amarguras. Ódio e amor. Vida e morte. Sentimentos que os macularam além da vida, entrelaçando-os numa ciranda interminável em busca da redenção.

Um enredo instigante, onde o passado interfere no presente de forma tão intensa que pode gerar consequências no futuro. Traumas e medos que marcam o presente de uma mulher, fazendo-a cometer os mesmos erros do passado.

Para corações fortes e apreciadores de um romance dramático, Vidas Entrelaçadas. Suspense, mistérios e um amor mais forte que tudo. Poderá, Olívia, superar as marcas do passado para, enfim, encontrar paz para sua alma atormentada?



A DAMA DA FLORESTA

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EILEEN CRESCEU ABRIGADA pela proteção da floresta, onde aprendeu a curar utilizando os vários tipos de plantas. Descendente de uma linhagem de curandeiras habilidosas, apenas quer fazer o bem e salvar vidas, seja tratando dos doentes ou trazendo vidas ao mundo. Ganha fama como parteira e é chamada para ajudar no nascimento da filha do Senhor das Terras de Lyndford e da floresta que tem por lar.

Lorde Aaron de Brienne, o novo Duque de Lyndford, atravessou o Canal da Mancha como aliado do Rei Guilherme em busca de prosperidade e riqueza. Foi recompensado com terras e com um título da nobreza, mas perde em pouco tempo a esposa e se vê encantado pela beleza da misteriosa Eileen.

Um encontro não previsto, um amor impressionante que nem os desencontros serão capazes de torná-lo menos forte, e que coloca à prova um juramento de lealdade e conquistas arduamente forjadas na dureza da lâmina de uma espada. Um segredo que ameaça vir à tona, sacrificando mais do que são capazes de suportar. Dois mundos em constante duelo e um amor que precisará romper as barreiras do preconceito e a ganância dos homens.



O BEIJO DO SERTANEJO

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

FERNANDA É UMA advogada dedicada, apesar de frustrada com o que o destino lhe trouxe. Desejava ter se tornado uma delegada, mas se viu às voltas com a guarda dos filhos do irmão quando ficaram órfãos. Noiva de um juiz por mais tempo do que acredita ser o certo, conformou-se com sua vida entediante e sem graça. Christian Daniel é o sucesso da música sertaneja no momento. Lindo, atraente e talentoso, pode ter a mulher que deseja em sua cama e as dispensa no dia seguinte com toda a segurança que somente um astro pode fazer. Uma noite qualquer e uma confusão sem precedentes coloca Christian Daniel no caminho de Fernanda. Ela é designada pelo chefe para tirá-lo da prisão e ele se encanta pela mulher misteriosa e segura que é Fernanda. Despeitado por ter sido dispensado por Fernanda, Christian Daniel a persegue sem dó nem piedade, enredando-a para dentro de um jogo de sedução e luxúria do qual ambos podem sair chamuscados e apaixonados.



DIANE BERGHER é gaúcha de nascimento. Adotou Florianópolis como o lugar para viver com o marido e filho. É advogada com duas especializações na área e formação em coaching e mentoring. Uma leitora compulsiva e escritora por vocação, acredita que sonhar acordada, fantasiar mundos e transformar realidades é a vocação da sua alma. *Quando Ela Chegou*, sua primeira obra, foi lançada na internet. Com um texto delicado e sensível, o romance conquistou o público feminino do site em que está hospedado.



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [Twitter](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

Table of Contents

[Sinopse](#)

[Prefácio](#)

[Nota da Autora](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[Agradecimentos](#)

[Vem por aí...](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)
[Contato](#)